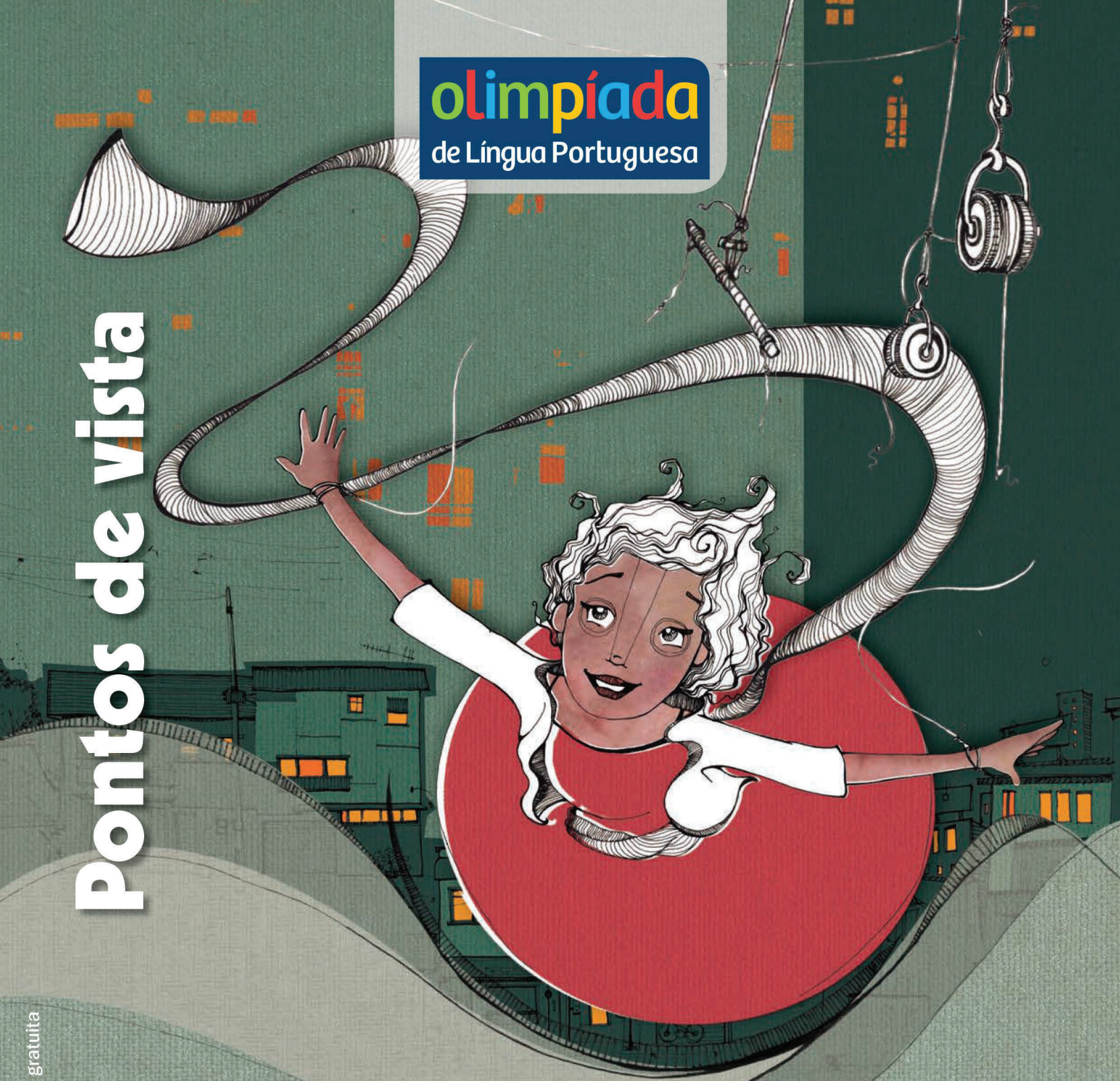
olimpíada
de Língua Portuguesa

Pontos de vista



CADERNO DO DOCENTE

Orientações para produção de textos do gênero artigo de opinião

Distribuição gratuita

Pontos de vista

Todo ponto de vista é a
vista de um ponto.

Leonardo Boff

Copyright © by Cenpec e Itaú Social

Iniciativa
Itaú Social

Coordenação técnica
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Créditos da publicação

Coordenação
Maria Aparecida Laginestra

Autores
Ana Luiza Marcondes Garcia
Ana Paula Severiano
Egon de Oliveira
Eliana Gagliardi
Heloísa Amaral

Organização
Carolina Suhet Quintanilha Ferreira
Jéssica Nozaki
Louise Cremonezi Nazareth
Marcela Pasqualucci Ronca
Maria Aparecida Laginestra

Projeto gráfico
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração e revisão
agwm editora e produções editoriais

7ª edição, 2021

Contato

CENPEC
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br

Artigo de opinião

Caro professor, cara professora,

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos(as) estudantes etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.

O Caderno *Pontos de vista* também disponibiliza um glossário, **na página 185**, cujo principal objetivo é o de fornecer definições para palavras e expressões cujos sentidos são cruciais para desenvolver as atividades em sala de aula.

Para que os(as) estudantes possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, no final deste Caderno está a **Coletânea de textos**, que os traz sem comentários ou análises.

Desejamos um ótimo trabalho!

Sumário

Apresentação

pág. 9

Introdução ao gênero

pág. 27

1

Argumentar é preciso?

Análise de uma notícia

pág. 33

2

Os movimentos da argumentação

O artigo de opinião

pág. 47

3

Informação versus opinião

Diferenças entre notícia e artigo de opinião

pág. 57

4

Questões polêmicas

Reconhecimento de bons argumentos

pág. 71

5

A polêmica do texto

A primeira produção

pág. 81

6

Por dentro do artigo

Principais características de um artigo de opinião

pág. 87

7

O esquema argumentativo

A organização textual

pág. 101

8
Questão, posição e argumento
Análise da argumentação
pág. 111

9
Sustentação de uma tese
Construção de argumentos para defesa de uma tese
pág. 125

10
Como articular
Veículos ou elementos articuladores
pág. 139

11
Vozes presentes no artigo de opinião
As diferentes posições a respeito de um assunto
pág. 145

12
Pesquisar para escrever
Informações e escrita do texto
pág. 157

13
Aprendendo na prática
Reescrita coletiva
pág. 163

14
Enfim, o artigo
produção final
pág. 175

15
Revisão final
O texto individual
pág. 179

Glossário
pág. 185

Referências
pág. 191

Apresentação

Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula "com a mão na massa". Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua, destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena biodata e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores. Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)
[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o "iletrismo" e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe,

sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer- -lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma "batalha" e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional.

O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações… atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação.

Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.

Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo.

Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1. **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
2. **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.

3. **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero,** produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
4. **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.
5. **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma chama olímpica contra o "iletrismo"

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o "iletrismo" percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!

Por que participar da Olimpíada é dar vida à BNCC

Patrícia Calheta

Mestre em Linguística Aplicada (PUC/SP), especialista em Ensino de Língua mediado pelo computador (UFMG) e em Gestão Escolar (SENAC/SP), colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica do curso on-line *Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas*.

Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?

A escolha por iniciar com essa pergunta a conversa que pretendo aqui partilhar com você - professor, professora, gestor e gestora de escolas públicas de todo o país – deve-se ao fato de que ela representa uma das recorrentes indagações formuladas por educadores e educadoras que integram os encontros formativos presenciais e remotos do Programa Escrevendo o Futuro, iniciam a participação em cursos on-line, navegam por espaços interativos do Portal, como o "Pergunte à Olímpia" e, ainda, por quem se interessa em saber mais ou fazer parte do concurso de textos e documentários do Programa (a Olimpíada de Língua Portuguesa).

Diante desse cenário, responder à questão evidencia-se como o desafio dessa "prosa pela escrita" que, vez ou outra, convidará para um breve passeio, via boxe de cor laranja, visando à retomada de noções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos segmentos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2018), e também para percursos mais longos, quando da indicação de links de acesso a variadas publicações, disponíveis no e além do Portal Escrevendo o Futuro.

Em meio ao processo de implementação dos currículos municipais e estaduais, atualizados pela inspiração dos dizeres da BNCC (Brasil, 2018), redes de ensino e instituições escolares foram convidadas a se debruçarem sobre realidades locais,

considerando os contextos e as características dos(as) estudantes. Nesse sentido, é desejável que decisões acerca do currículo de cada escola também tenham resultado do envolvimento e da participação das famílias e da comunidade, de forma a assegurar a aderência entre o documento e as singularidades locais, tornando o currículo um retrato do que cada instituição, na voz de todos esses integrantes, pensa, defende, necessita e propõe para promover a efetiva e integral formação de seus alunos e alunas.

No intuito de fomentar esse exercício de ajuste do olhar do geral ao local, o Programa Escrevendo o Futuro tem se revelado como constante porta aberta à construção de conhecimentos, figurando como política pública de larga abrangência nacional (incluído, desde 2008, como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação do MEC) pela oferta plural de experiências formativas para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, otimizando, assim, a condição reflexiva e propositiva no acolhimento às demandas relativas à composição de currículos e às práticas pedagógicas em cada instituição escolar.

Neste texto, não será realizado o movimento de buscar articulações entre dizeres da BNCC e do Portal Escrevendo o Futuro que possam inspirar e alimentar desenhos curriculares, já que essa leitura mais ampla, apontando noções-chave e materiais e recursos produzidos e disponibilizados pelo Programa, recebeu destaque, em 2018, por meio do texto intitulado "Escrevendo o Futuro e BNCC: sobre pontos de encontro". Agora, será a vez de lançarmos a lupa na direção de um recurso específico do Portal, os Cadernos Docentes, que se apresentam como o material de referência para o trabalho com sequências didáticas (SD) na Olimpíada.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de quatro gêneros discursivos da Olimpíada, a saber, poemas (5o ano do EF), memórias literárias (6o e 7o anos do EF), crônicas (8o e 9o anos do EF) e artigo de opinião (3o ano do EM), com exceção do gênero documentário (1o e 2o anos do EM) que, apesar da organização do Caderno em blocos e oficinas, não segue a mesma orientação defendida por Dolz e Schneuwly (2004), a seguir apresentada:

Na concepção dos autores, a sequência didática revela-se como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (2004, p. 97). No Portal, especialmente no diagrama interativo Percursos Formativos, estão disponíveis diferentes publicações vinculadas ao eixo da produção escrita e ao ensino das SDs, sendo também oferecido o curso on-line mediado "Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas" para a vivência docente do passo a passo das oficinas, promovendo o encontro de saberes teórico-metodológicos e experiências diversificadas de discussão e reflexão sobre a prática pedagógica.

Centrado na noção de SD e na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem a ela coligada, cada Caderno convida à apreciação de oficinas, envolvendo atividades desde a contextualização da proposta até a produção escrita final do texto, visando à publicização, o que corrobora o fundamental processo de seleção de oficinas que possam dialogar com as necessidades de aprendizado de todos os alunos e alunas de cada turma, a partir do levantamento de conhecimentos prévios e cuidadosa análise do(a) professor(a) da primeira versão escrita do texto, produzida por esses(as) estudantes.

É exatamente do lugar de reflexão desse movimento metodológico da SD que algumas das numerosas articulações entre os Cadernos Docentes e a BNCC serão a seguir explicitadas.

Sequências Didáticas da Olimpíada e BNCC

Vamos iniciar com a questão das inspirações teóricas que cercam o trabalho pedagógico com as SDs e que encontram, na BNCC, lugar de destaque, especialmente referentes à perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva e à centralidade do texto como unidade de trabalho, assumidas na BNCC e contempladas durante o planejamento, a organização e o desenvolvimento das atividades presentes nas oficinas das SDs dos Cadernos Docentes, uma vez que todas as propostas guiam-se pela presença e pela análise de textos diversos, pertencentes a cada um dos gêneros do discurso eleitos como foco da produção escrita, que são analisados em suas diferentes dimensões (discursiva, textual e linguística), a partir da reflexão acerca das condições de produção textual.

> Na perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a linguagem é "uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história" (Brasil, 1998, p. 20 *apud* Brasil, 2018, p. 67).

> O texto é sempre abordado pela relação aos seus contextos de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

A relação entre competências e habilidades da área de linguagens no EF e da área de linguagens e suas tecnologias no EM é um segundo ponto de contato entre os Cadernos Docentes e a BNCC. Para entender tal articulação, seguem alguns exemplos, já que a totalidade das relações implicaria uma publicação muito mais densa, extensa e mais bem vinculada à exploração das especificidades dos quatro "gêneros olímpicos escritos".

> Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

> Habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares (Brasil, 2018, p. 29). No EF, essas habilidades estão relacionadas a diferentes práticas de linguagem/eixos e objetos de conhecimento, considerando distintos campos de atuação. No EM, cada competência relaciona-se a um conjunto de habilidades, vinculadas a práticas de linguagem e campos de atuação social.

No EF, do conjunto das competências específicas de linguagens (Brasil, 2018, p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos "Poetas da Escola" (poema), "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), já que retratam:

1. *Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;*
2. *Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;*
3. *Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.*

No EM, aqui vinculado ao Caderno "Pontos de Vista", no trabalho com o gênero artigo de opinião, as competências específicas de linguagens e suas tecnologias (Brasil, 2018, p. 490) revelam vínculos com a BNCC, especialmente quanto aos textos apresentados em 1, 2 e 3:

1. *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;*
2. *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;*

3. *Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.*

A partir desses exemplos de competências do EF e do EM, evidenciam-se variados pontos de convergência, uma vez que se tomarmos a proposta de produção escrita dos gêneros poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião, que é dimensionada por diferentes focos de reflexão, considerando as práticas de linguagem e, ainda, todo o trabalho com a alimentação temática (em destaque na publicação "O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos") mobilizado pelo tema da Olimpíada - O lugar onde vivo –, seguramente afirmaremos que as oficinas que compõem as SDs dos Cadernos Docentes revelam-se como vigorosas oportunidades para o exercício de reconhecimento e de valorização das linguagens como formas de significação da realidade, expressão de subjetividades e de distintas realidades, partilha de experiências pautadas no respeito à diversidade e à pluralidade de ideias e de pontos de vista, assentadas na democracia, na ética, na cooperação e na empatia, capazes de fomentar práticas nas quais os(as) estudantes exercitem o protagonismo e a autoria.

As propostas vivenciadas nas oficinas convidam a um fazer amplo e diversificado envolvendo a observação, a análise e a apreciação de textos, muitos deles marcados pela multimodalidade, com vistas a uma produção escrita que otimiza a condição de os(as) estudantes compreenderem mazelas e potencialidades do lugar onde vivem, o que os torna participativos, conscientes e propositivos diante da realidade. Assim, seja na composição de textos em versos que resgatam cenas, paisagens ou problemas do lugar pelo alcance da lente de um poeta-aprendiz que brinca com as palavras (como nos poemas), seja na organização de textos em prosa que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo, pelo olhar de um morador que empresta sua voz para a releitura literária (como nas memórias), contemplar facetas do cotidiano pela lupa de um aluno(a)-cronista (como nas crônicas) e mesmo problematizar questões locais de relevância social, a partir da argumentação em defesa de um ponto de vista (como nos artigos de opinião), as SDs da Olimpíada convocam professores(as), alunos(as) e a comunidade ao exercício reflexivo e investigativo de explicação e interpretação crítica da realidade do lugar onde vivem.

No que se refere às habilidades anunciadas na BNCC nos segmentos do EF e EM, cabe aqui uma parada reflexiva para ilustrar o vínculo com as propostas de ensino de SDs dos Cadernos Docentes. Para tanto, vale salientar que a explicitação das habilidades orienta-se por práticas de linguagem realizadas em diferentes campos de atuação, o que assegura um trabalho contextualizado e significativo.

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 71), as práticas de linguagem são oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos, textuais discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses).

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das práticas de linguagem por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. As fronteiras são tênues (o que explica, por exemplo, o fato de o gênero crônica circular nos campos de atuação artístico-literário e jornalístico-midiático). No EM (Brasil, 2018, p. 485), a área das linguagens propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos.

Os campos de atuação, contemplados nos segmentos do EF e EM, estão assim organizados na BNCC (Brasil, 2018, p. 501):

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs na Olimpíada, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EM, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa.

Campos de atuação e habilidades nas SDs

Em meio ao percurso aqui trilhado a partir de alguns exemplos (que não esgotam a discussão, mas iluminam reflexões) e, ainda, considerando ênfases no trabalho com os gêneros discursivos propostos nos Cadernos Docentes, é possível conferir a existência de imbricadas relações entre habilidades anunciadas na BNCC e dois campos de atuação, a saber, artístico-literário (no caso do EF, anos iniciais e finais, para os gêneros poema, memórias literárias e crônica) e jornalístico-midiático (no caso do EM, para o gênero artigo de opinião).

Campo de atuação artístico-literário: nos anos iniciais do EF (Brasil, 2018, p.132), é definido como campo relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Já nos anos finais do EF (Brasil, 2018, p.156), o campo ganha em complexidade, ao anunciar que o que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos anos finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e frui-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (...).

Campo de atuação jornalístico-midiático: no EM (Brasil, 2018, p.489), este campo caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo.

No trabalho com a SD do Caderno "Poetas da Escola", encontramos propostas norteadas por diferentes objetivos, explorando práticas de linguagem atreladas a habilidades que encontram morada na BNCC, de modo a retratar: na prática de leitura/escuta, a habilidade envolvida *é apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido*; na prática de produção de textos, a habilidade (escrita autônoma) *é ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros* e, na prática de oralidade, a habilidade em jogo é *declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas* (Brasil, 2018, p. 132-133).

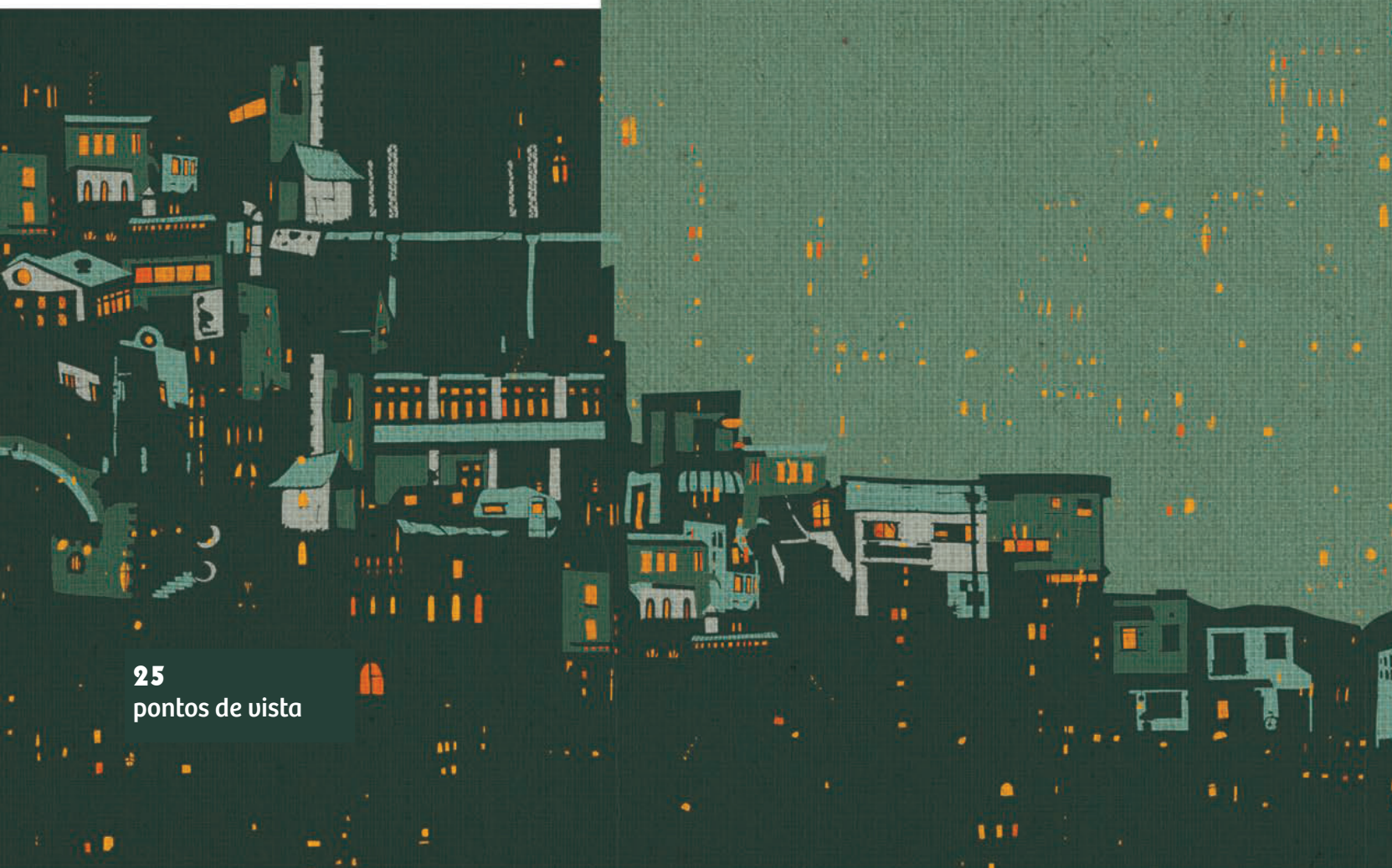
No que diz respeito às propostas apresentadas nos Cadernos "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), a análise dos objetivos de diferentes oficinas torna evidente a aderência a práticas de linguagem diretamente vinculadas a habilidades da BNCC, dentre elas: no eixo da leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção), *inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção; no eixo da produção de textos, engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário; no eixo da análise linguística/semiótica, (...) analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo* (Brasil, 2018, p. 156-161).

Agora, em relação ao EM, no campo jornalístico-midiático - aqui tomado em função do gênero artigo de opinião, no Caderno "Pontos de Vista" -, variadas oficinas anunciam objetivos ligados ao trabalho com práticas de linguagem. Para exemplificar, faremos referência à competência específica 2 (Brasil, 2018, p. 492), a saber, *compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza*.

Tal competência vincula-se, entre outras habilidades, a: *conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc -, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia; analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas pelo produtor* (Brasil, 2018, p. 521), sendo exploradas em várias oficinas no estudo de textos do gênero artigo de opinião.

Como palavras finais, cabe retomar o questionamento inicial - *Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?* -, para, finalmente, afirmar que, dada a íntima conexão e o amplo alcance em relação aos dizeres da BNCC, a Olimpíada de Língua Portuguesa é o trabalho curricular do(a) docente, é o currículo vivo e em ação. Em síntese, a Olimpíada corrobora o processo de (re)significação de experiências de estudantes, professores(as) e comunidade com a palavra, gerando efeitos (trans)formadores na trajetória escolar de "nossos" meninos e meninas, adolescentes e jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de *assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas*.

Introdução ao gênero



Escrita e cidadania

Você é contra ou a favor do incentivo à produção e ao consumo de alimentos transgênicos? E o que você pensa a respeito da igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres? Você acha injusto que um negro ou um pobre entre na universidade pública com uma nota menor que a dos candidatos não cotistas? E, a seu ver, que medidas deveriam ser tomadas em relação às populações que moram nas margens da represa que abastece uma cidade? O aumento da criminalidade teria alguma relação com a injustiça social?

Desde a hora em que nos levantamos até a hora em que vamos dormir, essas e outras questões nos instigam, pois envolvem fatos socialmente relevantes: a escassez e a distribuição desigual de alimentos no planeta; o papel e o comportamento do homem e da mulher na sociedade; o "funil" do vestibular e o sistema de cotas para ingresso na universidade; a poluição das águas; ou, ainda, a insegurança cotidiana de nossas grandes cidades.

Como afetam direta ou indiretamente a vida de todos – na cidade, no Estado, no país ou no mundo –, essas e muitas outras questões são de interesse público. Referem-se, em geral, a problemas que demandam soluções mais ou menos consensuais, decisões a serem tomadas, rumos a serem seguidos, valores a serem discutidos e/ou relembrados etc. E a resposta que se der a cada caso afetará a vida de populações inteiras, fechando ou abrindo possibilidades, estabelecendo rumos, fixando parâmetros para as escolhas e ações das pessoas. São, portanto, questões polêmicas: estão em aberto, em processo de ampla discussão social.

Um dos objetivos principais deste Caderno é motivar alunos e professores a (re) conhecer questões polêmicas que atravessam nosso cotidiano. Afinal, entender o que está em jogo em cada caso, perceber "quem é quem", certificar-se de interesses em disputa, estratégias em ação etc. são formas eficazes de se envolver nas questões que movem a vida em sociedade. Debatê-las, colaborando para a formulação coletiva de respostas, é parte da vida política cotidiana numa sociedade democrática. É parte, portanto, do pleno exercício da cidadania.

É nesse âmbito do interesse público e da construção da cidadania que o jornalismo se movimenta. As matérias dos mais diferentes veículos ditos "de imprensa" – jornais, revistas, sites, telejornais etc. – pretendem nos contar o que acontece à nossa volta. Analisar e comentar esses fatos faz parte dessa função tipicamente jornalística, que é oferecer ao público em geral um retrato o mais fiel possível da realidade, colaborando para sua análise, discussão e transformação.

Retratar a realidade e contribuir para a reflexão a seu respeito são, portanto, as duas intenções básicas do jornalismo. De forma geral, as matérias não assinadas, especialmente a notícia, procuram nos dar, na medida do possível, uma descrição objetiva e imparcial dos fatos que relatam. Já as matérias assinadas, como os editoriais, os artigos de opinião, as críticas, as resenhas, as grandes reportagens etc., se esforçam para analisar e discutir esses mesmos fatos.

Assim, matérias jornalísticas como a notícia apresentam-se ao público como "anônimas" e "neutras". Não possuem marcas explícitas de autoria, como o verbo em primeira pessoa e ideias ou preferências individuais; por isso mesmo, evitam emitir opiniões explícitas, assumir um ponto de vista. Na notícia, é como se os fatos falassem por si: "Aconteceu, virou Manchete", dizia, muito sintomaticamente, a publicidade de uma revista semanal já fora de circulação. Evidentemente, fatos não falam por si. Portanto, toda matéria jornalística, por mais objetiva e imparcial que se pretenda, manifesta uma versão particular dos fatos. Basta ler a mesma notícia publicada em diferentes veículos de imprensa para se dar conta disso. Seja como for, o foco do interesse, numa matéria não assinada, é a informação, e não o que determinada pessoa ou órgão de imprensa pensa a respeito dela.

Já as matérias assinadas, como o próprio nome indica, são autorais. Os fatos chegam ao público "filtrados" pelo ponto de vista do articulista (autor do artigo), que opina sobre eles, comentando, discutindo, avaliando etc. E quem as lê quer saber, com muita clareza, o que quem escreve pensa a respeito de determinado assunto, bem como por que pensa nesses termos, e não em outros.

Articulistas

São profissionais ou especialistas que escrevem matérias assinadas (autorais) sobre algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, internet ou televisão. No caso particular do artigo de opinião, o articulista é convidado por uma empresa jornalística para escrever porque é reconhecido, tanto por ela como pelos leitores, como alguém que tem uma contribuição própria relevante para o debate. Por isso mesmo, nem sempre sua opinião coincide com a do veículo para o qual escreve. E é por esse motivo que ele assina o artigo, responsabilizando-se pessoalmente pelo que diz. A assinatura revela sua identidade, que se completa com seu currículo, geralmente inserido no final da matéria.

Este Caderno trabalha com um dos gêneros mais conhecidos de matéria assinada: o artigo de opinião. Ele pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; e é assinado por um articulista que, jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma "personalidade" cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos.

É o que explica a relativa frequência com que celebridades da cultura pop, por exemplo, são convidadas a se pronunciar sobre o que pensam a respeito de questões sobre educação, saúde pública etc., mesmo quando estão longe de ser especialistas no assunto. Não por acaso esse conjunto de protagonistas dos debates públicos faz parte de um grupo a que se dá o nome de "formadores de opinião".

Sem as questões polêmicas de que já falamos, não existe artigo de opinião. Elas geram discussões porque há diferentes pontos de vista circulando sobre os assuntos que as envolvem. Assim, o articulista, ao escrever, assume posição própria nesse debate, procurando justificá-la. Afinal, argumentos bem fundamentados têm maior probabilidade de convencer os leitores.

Ao escrever seu artigo, o articulista toma determinado acontecimento, ou o que já foi dito a seu respeito, como objeto de crítica, de questionamento e até de concordância. Ele apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate de que pretende participar. Por isso mesmo tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto, especialmente os mais marcantes.

Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola favorece o desenvolvimento da prática de argumentar, ou seja, anima a buscar razões que sustentem uma opinião ou tese. O tema do concurso – "O lugar onde vivo" – estimula a participação nos debates da comunidade, ajuda a formar opinião sobre questões relevantes e a pensar em como resolvê-las. Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão.

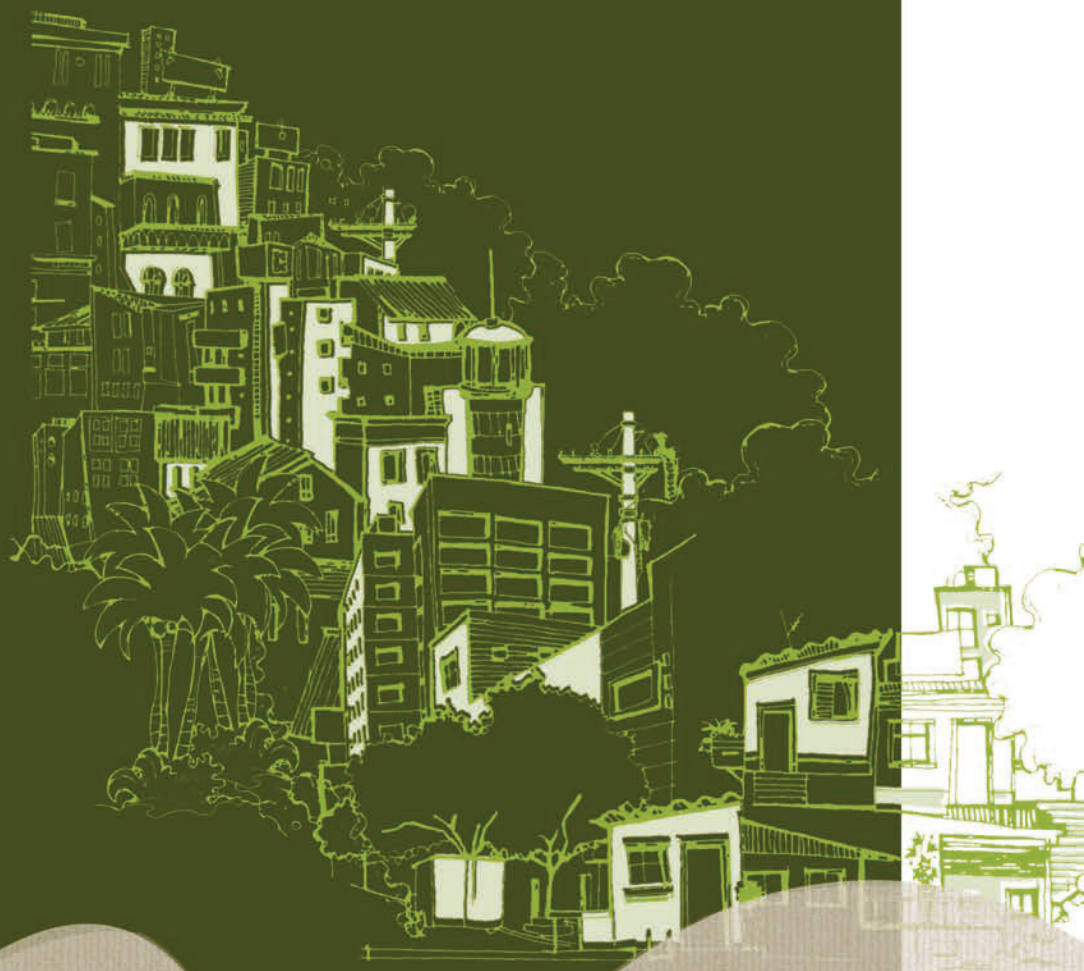
O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, de um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professor(a), leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com os(as) estudantes, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e das estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos e alunas, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, você terá mais tempo para desenvolver as propostas.

1 oficina



31
pontos de vista

Argumentar é preciso?

objetivos

- Reconhecer a função da esfera jornalística para informar e formar a opinião pública.
- Discutir o papel do debate e da argumentação para o desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

prepare-se!

A primeira oficina desta sequência didática propõe que se observe a importância da argumentação para a construção de um texto. Para isso, começaremos apresentando um artigo de opinião escrito por uma aluna, e seguiremos para a análise de uma notícia.

Caro professor, cara professora,
Há sugestões para complementar as oficinas aqui propostas no *Manual do Professor*, que está disponível no jogo **Q.P. Brasil**.

1ª etapa
O primeiro passo

atividades

- Converse com a turma a respeito das Oficinas que serão trabalhadas. Diga-lhes que não vão escrever um texto argumentativo qualquer, mas um artigo de opinião, um gênero jornalístico cujas características eles e elas aprenderão ao longo das oficinas.
- Depois, leia com a turma o texto que destacamos na sequência e conte-lhes que foi produzido por uma aluna que participou da categoria Artigo de opinião em 2019. Ao final, pergunte o que essa jovem precisou fazer para escrever um artigo.
- Explique-lhes que, para escrever um bom artigo, terão de fazer uma série de oficinas, nas quais vão aprender muitas coisas que os/as ajudarão a elaborar o texto. Os conhecimentos adquiridos contribuirão para que tenham o que dizer e como dizer, com autoridade suficiente para ocupar a posição de articulista - a figura que escreve esses textos nos jornais - e produzir textos do gênero artigo de opinião.

Retrocesso cultural: Tudo começa com “um passinho”?

Rayana do Nascimento Cruz

Um estado que se orgulha por de suas veias correr um sangue cultural extremamente rico que eclode na voz da preta cirandeira Lia de Itamaracá, nas rodas do coco, na xilogravura de J. Borges, na arte armorial do mestre Suassuna, no fervor do frevo e na apoteose do maracatu, atualmente tem sido invadido por uma nova febre popular - o passinho - que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: - É um retrocesso cultural?

Na ilha de Itamaracá há as “batalhas do passinho” que reúnem grupos para as disputas de coreografias. Esse movimento virou um símbolo de resistência da periferia e um grito de identidade na vida dos jovens que fazem parte dessa cultura de massa, pois para muitos torna-se um muro de contenção para a violência e as drogas, já que muitas vezes os integrantes dos grupos ficam horas ensaiando, criando coreografias e assim ficam longe do contato com a hostilidade e a perversidade que existem, infelizmente, nas comunidades da Ilha.

Para Ricardo Silva, integrante de um dos grupos de passinho da Ilha, o importante mesmo é ser reconhecido, pois junto com o brega funk, esse novo ritmo tem tirado muita gente do tráfico. O jovem ainda acrescenta que poderia ser mais um na Penitenciária Barreto Campelo, mas preferiu o lado da arte e se deu uma nova chance. Sem dúvida, um movimento artístico como esse muda a vida de um ser humano, pois independente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual, a arte sempre transforma. Assim, como arte vinda dos menos favorecidos, o passinho também é uma mobilização social. É preciso que seja reconhecido, pois veio despir o preconceito da cultura periférica que desde sempre é excluída da sociedade, como o rap, o grafite e outras culturas que fazem parte parte das comunidades.

Por outro lado, muitas letras de música não são nenhuma composição da Bia Ferreira

ou do Caetano Veloso e contribuem com a cultura do machismo que está enraizada na sociedade. E, é claro que são sexistas, pois abordam os interesses masculinos com base nos seus desejos carnais, tratando a mulher como objeto, como no trecho: "Arrastei ela pro meu carro, dei um trato e um amasso", dos cantores Shevchenko e Elloco. Essa cultura de tratar a mulher como propriedade masculina enfraquece o movimento feminista que em Itamaracá ainda é muito pequeno devido a pensamentos patriarcais e machistas. Felizmente já há grupos que relutam para que suas músicas fujam das características negativas, mas continuam sendo vítimas de críticas, talvez por pertencerem a um movimento de periferia ou pela frequente presença de crianças nas disputas que, para muitos ilhéus, demonstra a substituição da antiga dana das cadeiras infantil pela "novidade" do brega funk e a igualdade da ciranda pela rivalidade das batalhas. É mesmo um retrocesso?

A Ilha de Itamaracá é a terra da ciranda e durante anos vem sofrendo uma desvalorização cultural e o passinho, de certo modo, chega a ameaçar a cultura itamaracaense, pois grande parte da população jovem não dá mais voz e espaço às belas tradições da ilha que estão a cada dia sendo esquecidas. Como exemplo temos a "sambada de coco" que ocorria na praia da colônia de pescadores e acabou sendo interrompida por falta de verba. Como símbolo de resistência, o grupo Nossa Cultura Tem Som foi criado para homenagear as mestras Lia da Ciranda, Anjinha e Totinha do Coco e também resgatar esse valor cultural que ao longo dos anos vem perdendo espaço para os produtos da globalização.

É perceptível que as ideias fixas só crescem quando se fala em ruptura de tradição, mas quando são cheias de histórias, é difícil ficar ao lado de uma cultura que tem pontos negativos, ofensivos para quem está fora do movimento e muitas vezes age por discriminação. Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma "reforma" sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria.

2ª etapa

Uma notícia

O objetivo desta oficina é refletir sobre o papel que o bom uso da palavra, o debate e a argumentação podem desempenhar na resolução de conflitos e na tomada de decisões coletivas. Para esta atividade, os alunos e as alunas lerão uma notícia sobre o movimento de derrubada de estátuas de figuras históricas controversas após a morte de George Floyd, homem negro assassinado por policiais norte-americanos em 25 de maio de 2020.

atividades

- Divida a classe em grupos. Informe-os de que vão analisar uma notícia. A seguir leia a manchete: "Estátua de ativista negra substitui a de traficante de escravos no Reino Unido", e investigue o quanto elas e eles já sabem sobre o tema por meio de algumas perguntas:
  - **Por que a estátua de um traficante de escravos foi substituída pela de uma ativista? Que acontecimentos recentes levaram ao ato?**
  - **A quem a turma atribui a substituição? Pela manchete, conseguimos saber se ela foi substituída a mando do governo?**
- Solicite aos alunos que anotem as respostas, para uma conversa posterior. Só então, projete a notícia, disponível na **seção Coletânea**, pedindo-lhes que a leiam.
- Na sequência, proponha-lhes uma discussão sobre os fatos reportados. As questões relacionadas posteriormente, nesta Oficina, podem ajudar na condução desse debate.

Questões possíveis

1. **Depois de lida a notícia, peça a turma que volte às questões iniciais: O que motivou a troca das estátuas?**
   Professor, professora, chame a atenção para o fato de que após a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, em maio de 2020, eclodiram manifestações em todo o mundo contra a violência policial e o racismo. Foi durante tal onda de manifestações que a estátua de um traficante de escravos chamado Edward Colston foi derrubada por manifestantes em Bristol, cidade inglesa, e lançada no rio Avon, que passa pela localidade. Informe aos alunos que antes da derrubada já havia sido solicitado à prefeitura local que a imagem fosse trocada. Mais tarde, após o ato, um artista, sem autorização da prefeitura, colocou o monumento de bronze em homenagem à ativista negra no lugar em que estava Colston.

2. **De acordo com as informações fornecidas pela notícia, parece haver pontos de vista divergentes a respeito da substituição da estátua?**
   A notícia informa que tanto a derrubada da estátua quanto a substituição por um monumento novo não foram autorizados pelo poder público, o que evidencia a diferença de posições em relação à ação. Além disso, você pode mencionar que a derrubada das estátuas durante as passeatas de 2020 foram tema de uma série de debates nos meios de comunicação, evidenciando que não há consenso sobre a questão.

3. **Qual é a posição da turma sobre o tema? O que pensam da derrubada e da substituição da estátua? A saída escolhida pelos manifestantes foi a mais acertada ou deveriam ter procurado a via legal para remover um símbolo que lhes ofendiam? E em relação à substituição, seria necessário que o artista consultasse a prefeitura, uma vez que se trata do espaço público?**

Ao discutir o tema. Peça a turma que justifique seu posicionamento. Enfatize que há uma relação de hierarquia entre os envolvidos: a prefeitura, responsável pelo espaço público, detém também o comando das forças policiais que poderiam agir contra os manifestantes. Por outro lado, a atitude deles poderia ser entendida como depredação do patrimônio público? A violência dos policiais nos Estados Unidos e em outras partes do mundo contra os negros justifica as ações do grupo que removeu a estátua de Edward Colston? Note que não se trata de simplificar a questão, mas de oferecer aos alunos a possibilidade de pensar a partir de diferentes ângulos.

4. **Na localidade em que vocês vivem há alguma estátua ou mesmo nome de rua ou escola que que incomode os moradores por prestar homenagens que hoje já não fazem sentido?**

   Em caso afirmativo, ações já foram tomadas para que isso mudasse? Quais foram? Durante a discussão, procure valorizar a importância do debate e do diálogo para chegar soluções sem apelar para a violência. Embora os posicionamentos sejam divergentes, por meio da fala, é possível chegar a um consenso e a medidas para sanar o problema. Conte aos alunos que a estátua de Colston derrubada pelos manifestantes foi retirada do rio e será levada para um dos museus da cidade, onde, segundo as autoridades, contribuirá para problematizar o período escravocrata. Já a estátua da ativista foi retirada pela prefeitura menos de 24 horas depois de ter sido colocada no pedestal. À época, noticiou-se que ela seria leiolada e o dinheiro doado a organizações da luta antirracista. O que os alunos pensam da solução? O tema foi suficientemente debatido? Chegou-se a uma saída razoável para todos os envolvidos?

- Como foi possível observar por meio do texto e do fato que ele narra, o espaço das cidades é um espaço de disputas. As estátuas não são escolhidas de modo aleatório, uma vez que são escolhidas por uma determinada parte da sociedade que tem como objetivo não apenas homenagear determinadas figuras, mas garantir que elas permaneçam visíveis para um grupo amplo de cidadãos que veem a estátua ao transitar pela cidade. Se essa escolha é feita por um grupo restrito, é evidente que não representa a todos e, por isso, cria-se uma situação de disputa e conflito.

- Discuta com os alunos como aqui não se trata de estabelecer o lado certo e o lado errado da história. No campo da argumentação e do debate, nós vamos além da lógica de "mocinho" e "vilão". Cabe sim perceber que existe um jogo de forças e grupos ou vozes que são mais reconhecidos do que outros na sociedade. Nesse sentido, a ação de derrubada das estátuas é a forma que os grupos excluídos ou pouco representados encontraram de se fazer ouvir.

- Ainda assim, as tentativas de conquistar tal espaço de fala podem desencadear violência. O que é possível fazer para evitá-la? Converse sobre isso com a turma e explique que uma forma eficaz de combater a violência e evitá-la é o debate aberto, constante e sistemático sobre as dificuldades a serem contornadas no convívio cotidiano, nos lugares onde vivemos.

Jornalismo

"Atividade de busca e divulgação de informações de interesse público. O trabalho do jornalista atende alguns protocolos ou regras, como confirmação de dados com fontes qualificadas, autoria conhecida e responsabilidade por aquilo que está sendo informado."

A definição acima foi retirada do Glossário do site Educamídia (educamidia.org.br), iniciativa que tem como objetivo promover a educação midiática por meio de conteúdos que têm como público-alvo os professores. Caso você queira aprofundar seus conhecimentos sobre a esfera jornalística, em que circulam textos como a notícia e o artigo de opinião, recomendamos a Websérie "Jornalismo: Conhecer para defender". São vídeos curtos que explicam o processo de trabalho do jornalista da elaboração da pauta à publicação e repercussão do texto. Os vídeos estão disponíveis no link:

https://educamidia.org.br/recurso/webserie-jornalismo-conhecer-para-defender

3ª etapa

Produção de um jornal mural

atividades

Uma forma de promover o diálogo e o debate na escola é fazer um jornal mural. Esse jornal pode consistir em um grande cartaz (de folhas de papel *kraft* ou cartolina, por exemplo) pregado numa parede da sala de aula ou num local estratégico da escola.

Entre outras coisas, esse tipo de suporte pode ser utilizado para: noticiar fatos de interesse geral, ocorridos dentro e fora da escola, comentar e questionar esses fatos, estimulando o debate, ajudando a formar opiniões e produzindo consensos que desestimulem a violência. Funciona, portanto, como um porta-voz eficiente das múltiplas opiniões que se confrontam, dentro da escola, a respeito dos mais diferentes assuntos. Nesse sentido, convém não esquecer de incluir, no corpo do jornal mural, um espaço para manifestações dos(as) leitores(as).

Você também pode fazer um jornal mural virtual. Caso as condições para isso se verifiquem, o jornal mural pode ser criado por meio da ferramenta **Padlet** (https://pt-br.padlet.com/), complementado pela criação coletiva de um blog e/ou de página(s) em redes sociais, com o objetivo de tornar públicas as posições da turma no debate sobre diferentes temas. Também neste caso o(a) leitor(a) deve ter um lugar garantido para manifestar-se. No **Portal Escrevendo o Futuro** (https://cutt.ly/Kj5M30D), você encontra dicas de como abrir e gerenciar um blog.

Peça aos e às estudantes que, com base na discussão efetuada na primeira etapa, selecionem uma notícia recente sobre o movimento "Vidas Negras Importam" e, individualmente, produzam uma matéria assinada, sobre esse tema, destinada a um jornal mural. A matéria deve:

- **referir-se aos fatos relatados na notícia;**
- **desempenhar um papel na resolução de conflitos e na tomada de decisões coletivas;**
- **fazer questionamentos do ponto de vista ético;**
- **opinar a respeito da notícia, apontando alguma forma de opor-se às hostilidades e combatê-las;**

Em seguida, peça aos alunos e às alunas que troquem entre si os textos produzidos e que os leiam fora do horário de aula. Assim, todos tomarão conhecimento das opiniões dos colegas e isso instigará o debate. Oportunamente, os textos mais representativos poderão ser expostos no jornal mural, físico ou virtual, da sala ou da escola.

4ª etapa

O poder da argumentação

atividades

Como forma de concluir a reflexão, discuta com a turma qual o valor que a argumentação pode ter na condução da vida pública de uma comunidade, de uma cidade, de um Estado ou de um país, bem como no cotidiano das pessoas, especialmente em situações que parecem difíceis. Para tanto, leia e discuta com eles o texto *"Argumentar em situações difíceis"* .

Para saber mais

Argumentar em situações difíceis

Philippe Breton. *Argumentar em situações difíceis*. Barueri: Manole, 2005.

O que é uma "situação difícil?" Em geral é uma situação que se caracteriza pela violência indesejada que carrega. Apesar de inúmeros progressos realizados com relação a essa questão, a violência continua enraizada no cerne de nossas vidas diárias. [...]

Diante de uma situação difícil, de uma violência que atravessa nosso caminho, temos três opções à nossa disposição:

- **Recorrer à violência;**
- **Fugir;**
- **Tomar a palavra, tentar argumentar a fim de defender nossas posições e, ao mesmo tempo, pacificar a situação.**

- Ao discutir esse texto, chame a atenção da turma para o fato de que “tomar a palavra” com o objetivo de “pacificar uma situação” envolve ouvir o interlocutor e acolher seus motivos.
- Caso você disponha de algum tempo, leia antes o livro Argumentar em situações difíceis, de Breton, e/ou o artigo **Como conversar com um fascista** (https://cutt.ly/oj51a6O), da filósofa Márcia Tiburi. Exponha aos alunos e às alunas a aposta de ambos os autores no poder do diálogo e da argumentação como antídotos para a violência e a intolerância. Essas ideias poderão subsidiar todo o seu trabalho com o artigo de opinião, ao longo das oficinas.
- Ao final desse percurso, peça à classe que anotem as conclusões a que chegarem e promova, ao final, uma apresentação oral dos resultados, seguida de discussão coletiva. Procure salientar os pontos comuns e as eventuais divergências. Se achar que vale a pena, sugira aos alunos e às alunas que transformem essas notas em uma matéria sobre a importância da argumentação que possa “abrir” o jornal mural e/ou o blog da turma.

Para saber mais

Palavras que o vento não leva

O registro é muito importante para você aperfeiçoar o seu trabalho. Ele nos ajuda a fazer questionamentos e descobrir soluções que nos fazem crescer. No entanto, é mais uma tarefa. Mesmo assim, precisamos desenvolver essa prática e vencer a falta de tempo.

Anote as atividades desenvolvidas, suas impressões e dificuldades e as reações do grupo. Como diz a educadora Madalena Freire (1996): “O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem”.

2 oficina

Os movimentos da argumentação

objetivos

- Tomar contato com o artigo de opinião.
- Estabelecer a diferença entre opinar e argumentar.
- Definir argumentação.

prepare-se!

Qual a diferença entre argumentar e opinar? Antes de começar a trabalhar com a turma, leia as definições que estão nesta oficina. Você precisa se apropriar desses termos para ensiná-los.

1ª etapa

Artigos de opinião: onde circulam, quem escreve, para quais leitores, com que objetivo

atividades

Divida a classe em grupos e peça que escolham e leiam um dos textos que se encontram na **seção Coletânea**. Para cada artigo selecionado, os grupos deverão responder às seguintes perguntas:

- **Em que veículo o texto foi publicado?**
  É bastante conhecido do público?
- **Que tipo de autor(a) o escreveu?**
  Além do nome, há mais informações sobre ele(a)?
- **Qual é o assunto principal abordado pelo texto?**
  É atual ou ultrapassado em relação à data de publicação?
- **Parece relacionado a alguma notícia do mesmo período?**
- **Para que tipo de leitor(a) o artigo se dirige?**
  Que importância essas informações podem ter para esse(a) leitor(a)?
- **Com que finalidade esse assunto é abordado?**
- **Considerando que se trata de textos argumentativos, que ideias o(a) autor(a) parece defender?**
  Que recursos parecem para sustentar seu ponto de vista?

▷ Após recolher as respostas dos alunos e alunas, mostre-lhes algumas especificidades dos artigos de opinião.

Para saber mais

Características dos artigos de opinião

- Costumam circular em veículos jornalísticos e de grande penetração popular: sites de notícias, jornais e revistas impressos etc.;
- Geralmente são escritos por especialistas num determinado assunto, pessoas publicamente reconhecidas por suas posições ou autoridade;
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público;
- Dirigem-se a um(a) leitor(a) que o jornal considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão(ã);
- Têm como finalidade defender uma opinião ou tese, a qual é sustentada com base em argumentos coerentes.

2ª etapa

Argumentação

Argumentar: Tese e auditório

Pode-se definir a argumentação como a ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem sua consistência. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse *ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos* utilizados para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (a adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve. Daí a importância de conhecer-se o(a) leitor(a) ou o(a) ouvinte; afinal, a título de exemplo, o argumento que funciona muito bem para um grupo de estudantes adolescentes não terá o mesmo efeito sobre uma comunidade de senhoras católicas – e vice-versa.

Egon de Oliveira Rangel. O processo avaliatório e a elaboração de "protocolos de avaliação". Brasília: Semtec/MEC, 2004 (Adaptado.)

atividades

Comece a atividade avisando que a classe fará um debate expresso a respeito de questões polêmicas. Explique que você fará as perguntas e que os(as) alunos(as) devem apresentar respostas sempre apoiadas por justificativas. Enfatize que a ideia, agora, não é se prolongar no debate. Por isso, controle bem o tempo de discussão. Vamos às questões:

- **A flexibilização do porte e da posse de armas contribui para reduzir a violência no Brasil?**
- **Taxar as grandes fortunas ajudaria a reduzir a desigualdade social no país?**
- **Ações afirmativas nas universidades são uma forma de preconceito?**
- **Pessoas transgêneras podem participar de competições esportivas em times que não correspondem ao seu sexo biológico?**
- **A vacinação deve ser obrigatória?**

A partir das justificativas apresentadas pela turma na 1ª etapa, proponha aos(às) alunos(as) um debate sobre o que é "argumentação", até chegar a uma definição coletiva. Você poderá enriquecer a discussão com outras informações a respeito do que é argumentar.

O que é argumentar?

Argumentar é uma ação verbal na qual se utiliza a palavra oral ou escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de determinado fato.

Quem argumenta, como a própria palavra sugere, se vale de argumentos, que nada mais são que razões, verdades, fatos, virtudes e valores (éticos, estéticos, emocionais) tão amplamente reconhecidos que, justamente por isso, servem de alicerce para a tese defendida.

Assim como num jogo, quem argumenta faz suas "jogadas" para se sair vencedor: entre outras ações, afirma, nega, contesta, explica, promete, profetiza, critica, dá exemplos, ironiza. Todas essas jogadas estão a serviço da criação de um clima favorável à adesão do público às posições defendidas. A cada "lance", o argumentador se esforça para comprovar que está indo pelo caminho certo; caso contrário, perderá credibilidade e será vencido.

Um auditório é o conjunto dos que assistem a um debate, acompanham ou se interessam potencialmente pelo assunto em questão. Nos grandes debates, o auditório é o representante da opinião pública. Por isso mesmo, ele é frequentemente decisivo para o debate. Quando alguém escreve uma carta a um jornal, por exemplo, argumentando contra uma posição defendida em determinada matéria, está querendo convencer, antes de tudo, o conjunto dos(as) leitores(as), ou seja, o auditório.

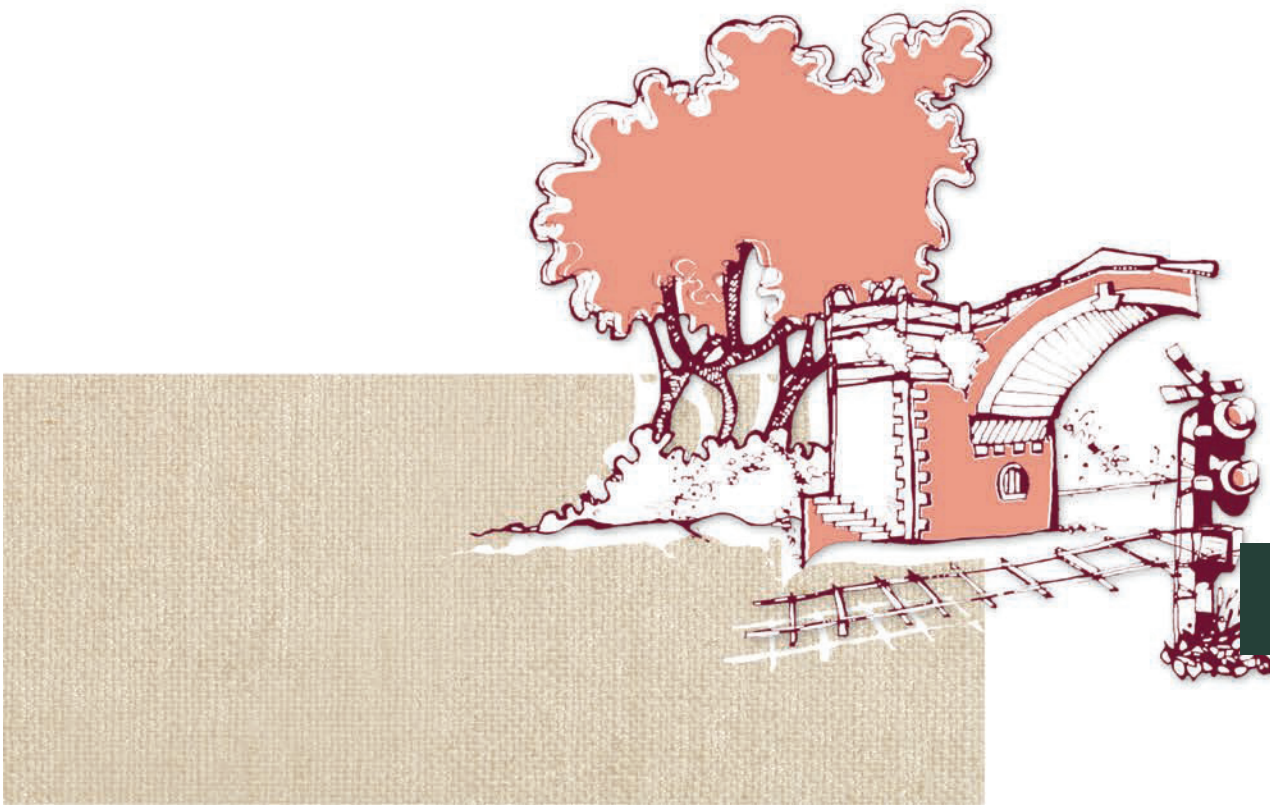
Todo(a) jogador(a) desenvolve estratégias, isto é, um plano e um estilo próprios de ação verbal para, por meio deles, vencer o adversário. No jogo argumentativo, entretanto, é preciso convencer, ou seja, vencer com a ajuda de todos, que precisam aderir à tese, graças à eficiência das estratégias e à força dos argumentos. Daí o valor social da argumentação, na medida em que se trata de uma vitória coletiva.

3ª etapa

Artigos de opinião nos jornais

atividades

- Leve para a classe um jornal que tenha pelo menos uma coluna de opinião.
- Peça à turma que procure em que parte do jornal encontra-se o artigo de opinião. Isso possibilitará aos(às) alunos(as) o aprendizado de como o gênero é graficamente apresentado em um de seus veículos mais típicos – o jornal impresso.



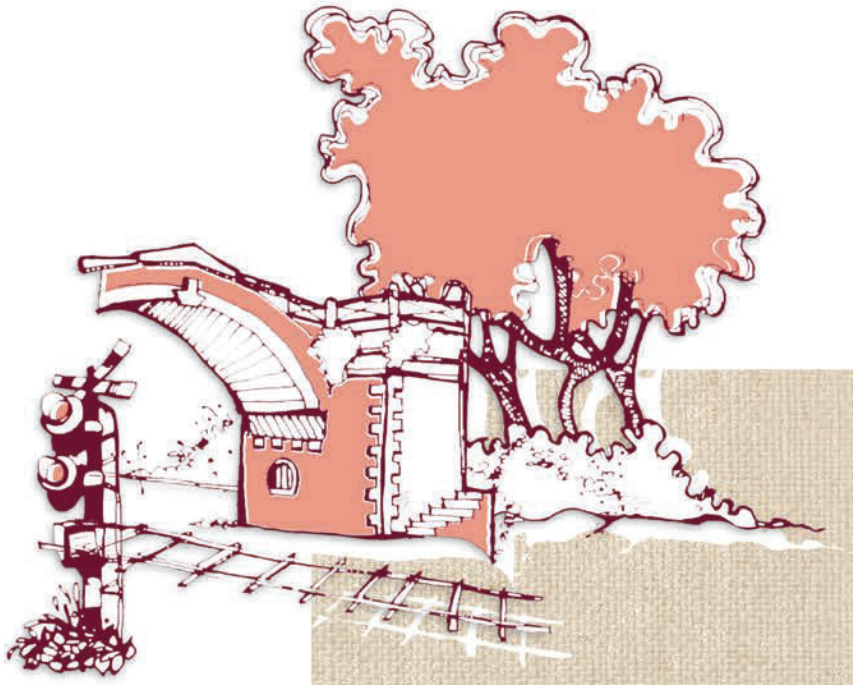
Além disso, permitirá que você explore com eles e elas as diferenças entre as várias seções e seus gêneros próprios: matérias assinadas e não assinadas; texto opinativo e não opinativo; o que é informação pura e o que está condicionado a uma visão particular ou específica do mundo.

- Ajude-os(as) a perceber que o jornal procura evidenciar quais textos são opinativos e quais não são. Pergunte à turma de que modo isso acontece. Quais são os sinais que indicam que se trata de um texto de opinião? Como as notícias e reportagens são diagramadas? Podemos afirmar que elas são neutras e imparciais ou, em alguma medida, também apresentam o ponto de vista do veículo de comunicação? Qual é, então, a diferença entre os textos informativos e os textos argumentativos?

- Leia com a classe o artigo selecionado e retome a conversa sobre as características próprias do artigo de opinião, como na 1ª etapa, enfatizando que o(a) articulista analisa uma questão polêmica de acordo com o ponto de vista dele(a). A finalidade é apresentar uma posição e argumentar a favor dela, mostrando aos(às) leitores(as) por que devem concordar com o(a) autor(a). Por isso, o tom é de convencimento, ou seja, o texto é argumentativo.

Considerando o artigo lido, proponha à turma que reflita e instigue com perguntas:

- **Qual é a questão polêmica que o artigo discute?**
- **Como o(a) autor(a) a retoma em seu texto?**
  Como se refere ao debate de que pretende participar?
- **Para que tipo de leitor(a) ele se dirige?**
  Que aspectos do texto remetem a esse(a) leitor(a)?
- **A questão debatida é de interesse público?**
  Por que podemos afirmar isso?
- **Que posição, ou tese, o(a) autor(a) defende?**
- **Que argumentos são utilizados para defender e/ou fundamentar essa tese?**



oficina 3

55
pontos de vista

Informação *versus* opinião

objetivos

- Relacionar e diferenciar notícia de artigo de opinião.

prepare-se!

Vocês analisarão uma charge, uma tirinha, uma notícia e um artigo de opinião que abordam práticas, usos e/ou aspectos negativos da internet. O tema tem sido cada vez mais debatido, seja em função da influência que as redes sociais tiveram sobre os processos democráticos como as eleições norte-americanas de 2016, seja pelos resultados de pesquisas acadêmicas sobre o impacto da internet na vida cotidiana dos cidadãos.

1ª etapa

Charge, tirinha e notícia

Antes de iniciar as atividades relacionadas ao uso da internet, é importante que você, professor e professora, procure se atualizar sobre o tema, lendo notícias e artigos de jornais. Algumas dicas:

- **Artigos e reportagens do site Observatório da Imprensa (http://www.observatoriodaimprensa.com.br/), ONG brasileira especializada na análise do comportamento da mídia, em especial a jornalística.**
- **Matéria do canal Tab UOL (https://cutt.ly/oj50wcq) sobre a privacidade na era dos algoritmos e dados. Será que temos domínio sobre o que compartilhamos nas redes sociais e como isso pode ser usado para nos manipular?**
- **Artigo da revista Superinteressante (https://cutt.ly/Fj52Ub0), para saber saber mais sobre as Deep fakes, que se valem de recursos tecnológicos sofisticados, como vídeos manipulados, para espalhar desinformação.**
- **Livro *Caiu na rede, é peixe*, organizado por Cora Rónai (Rio de Janeiro, Ed. Agir, 2005). A obra reúne 67 textos literários de larga circulação na internet, falsamente atribuídos a autores como Millôr Fernandes e Carlos Drummond de Andrade, discutindo essa prática de desinformação, comum na mídia eletrônica.**

atividades

- Com o objetivo de ampliar conhecimentos prévios a respeito do tema, pergunte aos alunos e às alunas se acompanham as discussões que se têm produzido nas mídias, inclusive digitais, sobre as vantagens e desvantagens da internet para as relações entre as pessoas; a pesquisa de informações confiáveis; o debate e a produção social de conhecimentos. Caso a familiaridade da turma com essa preocupação social seja pequena, faça uma breve explanação a respeito. Nesse momento, as leituras sugeridas na etapa 1 desta oficina podem lhe ajudar na preparação da aula

- Após essa primeira explanação, divida a classe em grupos e projete as duas imagens. Peça-lhes que leiam e discutam tanto a tirinha quanto a charge a seguir.

Tirinha

Disponível em <*http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/*>.

Fonte: https://www.uol.com.br/

Charge

Fonte: http://mesquita.blog.br/internet-e-liberdade-digital

A tirinha é de Laerte Coutinho. Nascida em São Paulo em 1951, Laerte é uma das mais importantes quadrinistas do país. Em coautoria com dois amigos, também cartunistas da "primeira divisão", Angeli e Glauco, publicou as tiras *Los três amigos*. Lançou uma revista em quadrinhos própria, *Piratas do Tietê*, e criou personagens inesquecíveis, como o Hugo Baracchini desta historieta, um homem urbano sempre às voltas com problemas típicos da vida contemporânea. Parte de sua produção pode ser conferida no site do Itaú Cultural (https://cutt.ly/Nj59EYn).

A charge é de Eduardo dos Reis Evangelista. Duke, como se tornou conhecido, também nasceu em 1973, e é de Belo Horizonte, Minas Gerais. Assina as charges diárias dos jornais *O Tempo e Super Notícia*, mantendo, ainda, o site oficial (http://dukechargista.com.br/), no qual você poderá apreciar outras charges, caricaturas e tirinhas de sua autoria. Recebeu o troféu HQMIX como melhor cartunista brasileiro de 2008.

Para favorecer a compreensão e instigar a discussão, você pode fazer perguntas como:

- **O que há de comum entre a tirinha e a charge?**
- **Espera-se que os alunos percebam que ambas as imagens têm em comum uma posição crítica em relação a certos usos da internet.**
- **Como você traduziria em palavras cada uma delas?**

Sugestões para a Tirinha

- Assim como na publicidade, há muita propaganda enganosa na internet.
- Tem site que "se acha"...

Sugestões para a Charge

- Nem mesmo no consultório do psicanalista estamos a salvo.
- A facilidade de acesso à informação digital desencoraja os esforços pessoais de investigação.
- A internet pode "falar" mais a nosso respeito que nós mesmos.

Em seguida, peça aos alunos que leiam silenciosamente a notícia "Contra desinformação, WhatsApp limita encaminhamento de mensagens" que se encontra na **seção Coletânea**.

Para saber mais

Notícia

"Matéria-prima" dos jornais, a notícia relata fatos que estão ocorrendo na cidade, no país, no mundo. O objetivo da notícia é informar o leitor com exatidão. Mesmo tendo a pretensão de ser "neutra" e confiável, ela traz em si concepções, princípios e a ideologia dos órgãos de imprensa que a divulgam.

Seja no jornal impresso, seja em um portal jornalístico da internet ou em outras mídias, as notícias aparecem de acordo com o grau de relevância (das mais importantes para as menos importantes). Para chamar a atenção dos leitores, algumas notícias se iniciam com uma manchete bem objetiva, com verbo sempre no presente. Em seguida, vem o *lide (lead)*, ou primeiro parágrafo, que contém as informações básicas sobre o fato noticiado. O lide apresenta esquematicamente o fato noticiado pela indicação sucinta de seus componentes: o que ocorreu, envolvendo *quem, como, quando, onde* e *por quê*. Originária do inglês — *lead* —, essa palavra tem sido cada vez mais utilizada em sua forma abrasileirada, *lide*.

Dê tempo aos alunos para que leiam a notícia e só então comece uma conversa, instigando-os com perguntas:

- **A notícia foi publicada em veículo impresso ou digital? De circulação ampla ou restrita? Confiável ou não?**
- **Quem é o jornalista responsável pela notícia? Há alguma informação a seu respeito na matéria?**
- **Qual é o assunto principal abordado pelo texto? É atual ou ultrapassado, em relação à data de publicação?**
- **Para que tipo de leitor(a) a notícia se dirige? Que importância essas informações podem ter para esse(a) leitor(a)?**
- **Com que finalidade esse assunto é abordado?**

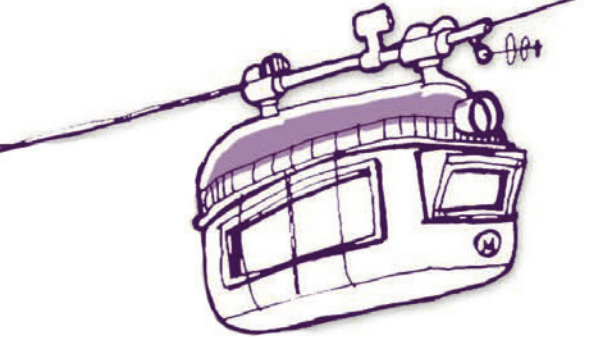
Após o debate, faça uma leitura, em voz alta, da mesma notícia. Conversando com os alunos e as alunas, reforce que os principais fatos noticiados no texto são:

- **A internet é um meio de comunicação em que circula uma grande quantidade de informações duvidosas e de notícias falsas.**
- **Boa parte dos usuários não só já se deu conta dessa realidade como manifesta desconforto com esse estado de coisas.**
- **A empresa responsável por um aplicativo de comunicação muito utilizado anunciou que está desenvolvendo estratégias para limitar a propagação da desinformação por meio da ferramenta.**
- **A estratégia é limitar o número de pessoas para quem uma mensagem pode ser encaminhada, de modo a evitar o "spam" e a disseminação massiva de notícias falsas.**

Alimente a conversa perguntando:

- **Qual foi o fato que virou notícia?**
- **Qual é a relevância dessa notícia?**
- **Qual é sua opinião sobre a confiabilidade das informações disponíveis na internet?**
- **O autor dá sua própria opinião ou apenas registra seja um fato, seja uma opinião corrente?**

Mostre que a notícia "Contra desinformação, WhatsApp limita encaminhamento de mensagens" tende a provocar reações diversas: muitas pessoas podem aprovar incondicionalmente a iniciativa; no entanto, haverá quem considere que trata-se de interferência abusiva de uma empresa sobre a liberdade de expressão na internet, prejudicando, por exemplo, a compreensão e a circulação de brincadeiras e simulações. Outros, ainda, poderão considerar que discernir fontes confiáveis e não confiáveis não é tarefa para um aplicativo de conversas, mas direito e responsabilidade inalienáveis de cada cidadão.



De qualquer forma, procure mostrar que, na notícia, o jornalista procura não assumir, ele mesmo, posição a respeito do que divulga. O objetivo – nesse caso – é *apresentar os fatos em si:*

- **a opinião de usuários a respeito da confiabilidade das informações na internet;**
- **o lançamento de uma ferramenta para o combate à desinformação por um aplicativo.**

Para deixar isso bem claro, projete trechos da notícia "Contra desinformação, WhatsApp limita encaminhamento de mensagens" que comprovam essa afirmação e peça que os alunos e as alunas os examinem.

> **"Um dos maiores problemas do aplicativo de mensagens WhatsApp nos últimos anos é a disseminação de notícias falsas. Se em dias normais isso é algo perigoso, em épocas como a da crise do coronavírus isso se torna ainda mais danoso para a sociedade. Por conta disso, a empresa vai implementar a partir desta terça-feira, 7, uma nova política para tentar frear a desinformação dentro de sua plataforma, limitando mais uma vez o encaminhamento de mensagens."**
> **"Hoje, a empresa limita que uma mensagem seja encaminhada simultaneamente a cinco conversas ou grupos de uma vez só. A barreira foi implementada em 2019 em todo o mundo e reduziu a disseminação de notícias faltas em 25%, segundo a empresa. Ela seguirá sendo válida. O que muda agora é que, depois que esse limite for atingido, o usuário só poderá mandar a mesma mensagem a um contato ou grupo de cada vez – até a segunda-feira, 6, era permitido redistribuir a mensagem em grupos de cinco encaminhamentos.".**

Mostre aos alunos que trechos como "(…) Se em dias normais isso é algo perigoso, em épocas como a da crise do coronavírus isso se torna ainda mais danoso para a sociedade.", para referir-se à importância do recurso em questão são utilizados de forma a dar a impressão de que correspondem a avaliações do público leitor, e não do jornalista.

2ª etapa

O artigo de opinião

atividades

Projete o artigo "Viralização do senso comum", disponível na **seção Coletânea**, ou ouça com a turma o áudio de leitura, disponível no menu Coletânea na **versão virtual deste Caderno** (https://cutt.ly/gj537d9). É importante que identifiquem a relação entre o fato noticiado e a questão abordada.

A viralização do senso comum

Por Michel Carvalho da Silva,
em 21/08/2015, na edição 864

Quem já recebeu alguma mensagem via WhastApp informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º salário? Outro conteúdo falso que "viralizou" no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou, ainda, que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

Muitas mensagens circulam pela internet e nem sempre elas são verdadeiras. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Pew Research Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias, na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

Acesso à informação é um direito

No entanto, o potencial da internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a inabilidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar fatos. Daí a importância

de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridade com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta, com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como sites institucionais, páginas de jornais conhecidos e blogues de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem.Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um site de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o Sensacionalista.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum "viralizado" na internet.

Michel Carvalho da Silva é jornalista, professor e mestre em Ciências da Comunicação.

Disponível em http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/

▷ Após a audição, peça aos alunos e às alunas que grifem as frases – ou, eventualmente, as palavras – que demonstram a opinião do articulista (em vermelho no texto).

Estratégia de leitura

Existem alguns modos de mostrar aos alunos como um texto é estruturado. Um deles é solicitar que grifem ou circulem os elementos que se quer destacar. Ao longo das oficinas, o uso desse recurso será proposto algumas vezes.

▷ Mostre à turma que esse artigo se relaciona tematicamente com a notícia discutida na 1ª etapa desta oficina. Em ambos os casos, o assunto tratado é a confiabilidade das informações disponíveis na internet.

▷ Solicite-lhes, agora, que grifem o(s) trecho(s) que indica(m) que o jornalista Michel Carvalho da Silva toma como referência fatos do mesmo tipo dos considerados na notícia (em verde, no texto).

- Cada um dos textos tem uma finalidade específica: na notícia, o jornalista veicula informações sobre um fato; já no artigo, o articulista opina sobre as questões polêmicas que a notícia pode despertar. Vale lembrar que uma notícia pode abordar, como vimos na etapa anterior, opiniões sobre o fato noticiado, especialmente quando essas opiniões fazem parte do fato ou são, elas mesmas, o fato a ser noticiado. No entanto, diferentemente do que se verifica no artigo, na notícia, a opinião do jornalista não deve estar em questão.

- Após a conclusão da análise do artigo, você poderá projetar o texto e fazer os grifos coletivamente.

oficina 4

Questões polêmicas

objetivos

- Identificar questões polêmicas.
- Iniciar a prática do debate regrado.
- Reconhecer a importância do debate para a formulação de argumentos.
- Escolher ou formular uma questão polêmica.

prepare-se!

Em breve, seus alunos e alunas escreverão o primeiro artigo de opinião. Você precisará ajudá-los(las) a definir questões polêmicas, identificando o que é polêmico na comunidade deles.

1ª etapa

O que é uma questão polêmica

Para saber mais

Sobre a questão polêmica

Uma questão polêmica gera confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Capaz de motivar a escrita de um artigo de opinião, ela envolve, necessariamente, um assunto de interesse público, ou seja, uma demanda em que ao menos uma determinada comunidade esteja envolvida, e diferentes soluções ou respostas, cada uma das quais reunindo posições favoráveis e contrárias. Assim, trata-se de estabelecer – sempre por meio do debate – qual delas deverá ser assumida pela comunidade afetada.

atividades

▷ Proponha à turma que encontrem ou formulem **duas questões polêmicas gerais** que os(as) mobilizem e mereçam ser discutidas por sua relevância social. Para isso, faça um levantamento, com a participação de toda a turma, de assuntos polêmicos que estão circulando no rádio, na TV ou na imprensa.

▷ Como já foi explicado, questões polêmicas envolvem confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Por exemplo:

- **A política de ações afirmativas tem colaborado para diminuir as desigualdades sociais relacionadas às minorias étnicas?**
- **A redução da maioridade penal contribuiria para reduzir a violência no país?**
- **Há formas certas e erradas de falar o português?**

- **As casas noturnas devem cobrar entradas diferentes para homens e mulheres?**
- **Na Amazônia, deve-se priorizar o desenvolvimento econômico ou a preservação da floresta?**
- **O Brasil deve taxar as grandes fortunas?**
- **Flexibilizar o porte e a posse de armas contribui para diminuir a criminalidade?**
- **A demarcação de terras indígenas é importante para a preservação do meio ambiente?**

Para melhor compreensão do que é uma questão polêmica e dos debates que ela pode provocar, discuta brevemente com a turma algumas das provocações aqui apresentadas. Depois, você pode ler para a turma a definição de questão polêmica que apresentamos assim, de modo que o conceito seja mais bem consolidado.

Em seguida, identifique com o grupo questões polêmicas próprias da sua comunidade que recentemente tenham provocado discussões. Por fazer parte dessa comunidade, o aluno e a aluna terão maior familiaridade com o debate e, certamente, mais conhecimento de causa do que está em jogo, podendo desenvolver argumentos próprios. Além disso, ao refletir sobre questões relativas à realidade dele ou dela, exercitarão uma discussão que será de grande utilidade na preparação do artigo que escreverá para participar da Olimpíada, cujo tema é "O lugar onde vivo".

Uma vez garantido o interesse do(a) aluno(a), dê preferência, sempre que possível, a questões que estejam relacionadas às polêmicas mais amplas. O meio ambiente, por exemplo, é um tema que pode envolver tanto questões locais (vantagens e desvantagens da canalização de um córrego, construção de moradias em área de mananciais, destinação do lixo da comunidade etc.) quanto nacionais e internacionais (aquecimento global, diminuição das reservas de água potável, desmatamento, entre outras). O mesmo se verifica com temas como a violência cotidiana, o conflito de gerações etc. Dessa maneira, você poderá ampliar o universo de referência do(a)

aluno(a) sem, no entanto, deixá-lo(a) desprovido(a) das coordenadas básicas que possam orientá-lo quanto à sua realidade imediata.

▷ Se as questões apontadas não despertarem o interesse dos(as) alunos(as), proponha-lhes que escrevam sobre o tema "**Polêmica na escola**" ou, sobre assuntos controversos que estejam vivendo na escola, como:

- **O ENEM é um exame democrático, como forma de acesso à universidade?**
- **Deveria ser permitido o namoro no pátio da escola?**
- **Deve-se proibir o uso de celular em sala de aula?**
- **O(a) aluno(a) deve participar das decisões relativas ao que será ensinado em cada semestre?**
- **As escolas deveriam especializar-se num único ciclo de ensino-aprendizagem (anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio)?**
- **A Reforma do Ensino Médio fará com que os alunos tenham mais interesse pela escola?**
- **A escola deve estabelecer regras em relação às roupas que se pode usar na instituição?**

▷ Essas perguntas aquecem o debate e facilitam a escrita, pois os alunos e alunas têm o que dizer sobre elas. Não se esqueça, no entanto, de fazê-los(as) pensar sobre a relação entre essas questões e os debates mais amplos, como a construção da cidadania, a civilidade, o bem comum etc. Afinal, a escola, assim como o lugar em que cada um vive, não está isolada do resto do mundo.

▷ Ao examinar as questões com a turma, chame a atenção dela para a importância de uma estratégia argumentativa adequada na condução de um debate. Para isso, explore as diferentes formas de propor uma discussão, considerando determinada questão polêmica.

Para saber mais

Estratégia argumentativa e questão polêmica

Podemos definir **estratégia argumentativa** como o conjunto de procedimentos e recursos verbais utilizados pelo(a) argumentador(a) para convencer tanto seus adversários quanto o auditório envolvido. Como em qualquer outra área de atividade humana, uma boa estratégia é fundamental para garantir resultado favorável. No caso da argumentação, isso envolve desde a escolha das palavras mais apropriadas à linguagem e ao "tom certo" até os tipos de argumento construídos e a organização geral da argumentação.

Um passo importante para definir uma boa estratégia argumentativa é a definição de "por onde" se vai entrar no debate, já que toda **questão polêmica** envolve aspectos muito diversos. Discutir se há formas certas e erradas de falar o português, por exemplo, envolve fatores diversos. O que dizem os pesquisadores (linguistas, gramáticos, filólogos etc.) a esse respeito? O que pensam os diferentes "profissionais da linguagem" (escritores, jornalistas, professores, editores etc.)? Que aspectos culturais e sociais estão associados a essa questão? Cada um desses fatores permite ao argumentador uma entrada diferente no debate, reservando-lhe tanto um "lugar" a ocupar quanto um estilo particular de argumentação a desenvolver.

Assim, ao decidir "por onde entrar", o(a) argumentador(a) "se situa" no debate, definindo, as estratégias a serem utilizadas. Para quem escolhe o caminho do Direito, por exemplo, recorrer à autoridade de um jurista pode ser de grande valia; para aquele que envereda pelo campo das ciências experimentais, no entanto, o recurso ao conhecimento de um especialista será de pouca ou nenhuma valia se o argumentador não dispuser de dados e experimentos confiáveis para demonstrar sua tese. Outro exemplo: carregar no apelo emocional (ou moral) pode ser uma estratégia decisiva num debate eleitoral; mas dificilmente será apropriado numa discussão sobre saúde pública. E assim por diante.

2ª etapa

O debate

atividades

- Para preparar a turma para o debate regrado, converse com eles e elas sobre a diferença entre emitir uma opinião pessoal e debater. Quem debate, certamente emite opiniões pessoais. No entanto, ao contrário daquele(a) que apenas opina — muitas vezes apenas para "marcar posição" —, o debatedor ou a debatedora se envolve na discussão coletiva de uma questão que, por seu caráter polêmico, pode interessar a todos(as). Nesse sentido, o compromisso mais importante do(a) debatedor(a) é o de colaborar, tendo em vista o bem comum, para estabelecer consensos possíveis a respeito das escolhas mais adequadas a uma determinada comunidade. Logo, *estabelecer regras* é fundamental para o bom funcionamento de um debate.

- Com o objetivo de promover essa discussão sobre o que é e para que serve um debate bem conduzido, projete e leia com os e as alunas o "Teste rápido: você faz papel de idiota nas redes sociais?", disponível na **seção Coletânea**. Trata-se de uma matéria do jornalista Leonardo Sakamoto, redigida como um desses "testes psicológicos" muito comuns na mídia digital e em seções de autoajuda de revistas de grande circulação. O teste proposto por Sakamoto põe o(a) leitor(a) diante de uma realidade cada vez mais comum em ambientes digitais: o desejo narcisista de opinar ("pronto, falei!"), sem, no entanto, sustentar suas posições ou tampouco ouvir o que o outro tem a dizer. Você pode apenas ler em conjunto o "teste", indagando a turma a respeito dos objetivos visados pelo autor. Mas também pode ser produtivo e divertido pedir que eles e elas respondam ao teste, discutindo, depois, as paixões que, muitas vezes, nos impedem de entender e aproveitar um debate. Seja como for, o importante é deixar o mais claro possível a diferença entre marcar/defender território e trabalhar para a construção coletiva de consensos.

- Na sequência, organize o debate. Divida a turma em dois grupos; cada um deles deve ficar responsável por uma das questões polêmicas estabelecidas na primeira etapa. Proponha ao grupo 1 que se organize em dois subgrupos, A e B, para a realização de um debate que será assistido e avaliado pelo grupo 2.

- "Primeiro turno": de um lado, devem estar os(as) que irão argumentar a favor de determinada posição ou proposta (subgrupo A – tese 1); de outro, aqueles que irão argumentar contra, defendendo, se acharem necessário, uma posição alternativa (subgrupo B – tese 2). Estabeleça consensualmente tanto a duração máxima quanto as normas básicas para o debate, bem como o tempo concedido a cada fala, o direito (ou não) à réplica e/ou à tréplica, o respeito à pessoa do adversário (especialmente na maneira de se referir a ele) e à sua vez de falar, o tipo de linguagem a ser empregada (mais formal, mais descontraída etc.) e as "penalidades" que podem ser aplicadas aos que desrespeitarem as normas etc.

- Lembre à turma que o respeito às regras garante não só o bom funcionamento e a fluência do debate como o direito de fala de cada participante.

- Oriente os membros do grupo 2 para que, durante cada fala, façam as anotações necessárias para uma análise geral do debate, considerando as seguintes questões:

  - **As normas foram respeitadas? O debate foi fluente?**
  - **As posições ou teses foram claramente explicitadas, em cada caso?**
  - **Que estratégias argumentativas foram usadas pelos debatedores?**
  - **Os argumentos foram convincentes? Por quê?**
  - **Foi possível chegar-se a algumas conclusões? Por quê?**
  - **Que sugestões o grupo 2 faria para os subgrupos A e B, que representam o grupo 1, no sentido de melhorar o desempenho?**

- Para o "segundo turno", diga aos alunos que deverão inverter as posições. O grupo 2, agora dividido em dois subgrupos (A e B), é que deverá debater a questão polêmica por ele escolhida. Caberá ao grupo 1, por sua vez, avaliar o debate nos moldes já propostos.

- Ao final, faça o mesmo balanço coletivo do funcionamento do debate. Retome, com toda a turma, a definição de estratégia argumentativa e aproveite a oportunidade para esquematizar, na lousa os argumentos apresentados pelo Grupo A e pelo Grupo B. Por meio de setas ou de outros recursos visuais, evidencie o percurso argumentativo de cada grupo. Como reagiram à resposta dada pelo opositor? Isso influenciou a condução da estratégia argumentativa? Como o outro promove mudanças no nosso raciocínio durante o processo de escolha em um debate?

- Durante a atividade, seu papel será, inicialmente, o de orientar a organização e a formulação da tese em torno da qual as alunas e alunos se posicionarão contra (grupo B) ou a favor (grupo A). Estimule-os a fazer perguntas contundentes, como:

  - **Por que vocês pensam assim?**
  - **Vocês têm algum dado estatístico que comprove o que sustentam?**
  - **Que estratégias argumentativas foram usadas pelos debatedores?**
  - **Já leram sobre esse assunto?**
  - **O que falava o texto (artigo, notícia, livro, editorial, cartaz)?**
  - **Conhecem situações similares? Se sim, o que aconteceu?**

- Num segundo momento, você será o mediador. Por isso, não deverá tomar partido, limitando sua participação às intervenções necessárias para a fluência e o bom funcionamento do debate.

- Ao final de ambas as participações, faça uma avaliação coletiva da atividade. Tente mostrar às alunas e aos alunos quais dos argumentos elaborados mostraram-se mais confiáveis, justamente por apresentarem com maior precisão o que justifica e/ou fundamenta a opinião defendida. Reforce, nesse momento, que os melhores argumentos são os que vão além do "porque eu sei", "porque eu acho", "porque é melhor assim", "porque todo mundo concorda".

- Com isso, você e a turma poderão identificar o que já têm a dizer sobre a questão e o que ainda precisam conhecer para justificar, de forma consistente, a posição assumida. Após esse levantamento, você terá melhores condições de orientá-los(as) para a pesquisa que será realizada posteriormente.

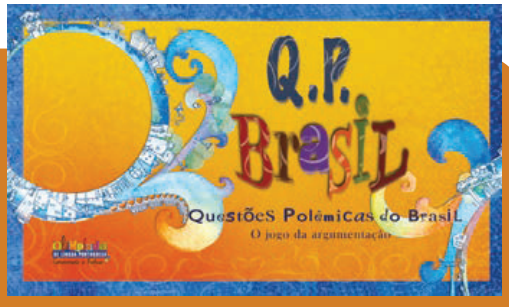
Para saber mais

Sobre o debate

Durante um debate, os(as) participantes usam a palavra para expressar o que sabem e pensam sobre o assunto em questão. Retomam o discurso do outro, fazem críticas, se situam, tomam posição e, com respeito e civilidade, podem rebater o ponto de vista contrário.

O debate é uma situação de comunicação privilegiada para desenvolver capacidades de linguagem argumentativa nos alunos e nas alunas, pois aprofunda conhecimentos, possibilita tanto a concentração no foco da discussão quanto a transformação de valores e normas de interação social.

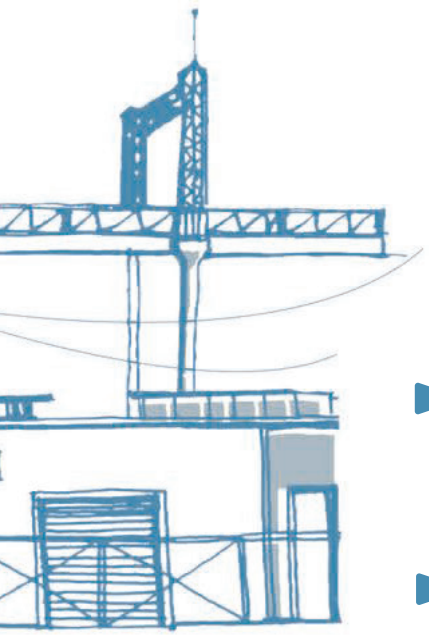
É fundamental que os(as) debatedores, no decorrer do processo, considerem pontos de vista e falas dos demais protagonistas, mantendo o diálogo sempre aberto. Essa é uma boa oportunidade para perceber a importância da flexibilidade de pensamento e tomar consciência da pluralidade de opiniões como um valor que deve ser respeitado. Nesse sentido, valerá a pena resgatar, aqui, a discussão sobre o valor da argumentação em situações difíceis e um trecho do livro "Como conversar com um fascista" (https://cutt.ly/mj6XtKL).



Se a sua escola possui o Q.P. Brasil: Questões Polêmicas do Brasil – o jogo da argumentação, você poderá usá-lo na escolha do tema para a produção de um artigo de opinião. O jogo também está disponível em versão para impressão (https://cutt.ly/1j57MCj), no Portal Escrevendo o Futuro. Que tal providenciar uma cópia e montar o tabuleiro com seu grupo? Procure conhecer as questões polêmicas das cartas coloridas e as das cartas de cor laranja.

No Manual do Professor, que faz parte do jogo, você encontrará atividades complementares às oficinas deste Caderno. Como exercício, faça a atividade 1, que está na página 7. O Manual está disponível também no Portal Escrevendo o Futuro (https://www.escrevendoofuturo.org.br/).

oficina



A polêmica do texto

objetivos

- Produzir individualmente um primeiro artigo de opinião.

prepare-se!

Seus alunos e alunas irão escrever o primeiro artigo de opinião. Procure identificar as informações que eles e elas já têm sobre o gênero e o que precisam assimilar. Tranquilize-os(as), explicando que farão várias oficinas para que possam apreender as características de textos desse gênero.

1ª etapa

Primeiro artigo

atividades

- Uma vez realizado o debate sugerido na oficina anterior, proponha aos e às estudantes a escrita de um artigo de opinião com base em uma das questões polêmicas escolhidas. Peça-lhes que se coloquem no lugar do articulista e ajude-os(as) a definir a questão polêmica a ser abordada; os objetivos que levam à escrita desse artigo; o tipo de publicação (jornal mural, blog, jornal do bairro etc.); e o público-alvo ou leitor/leitora visado.

- Depois disso, oriente a turma para planejar a escrita de acordo com os questionamentos:

  - **Que aspecto da polêmica será discutido?**
  - **Qual opinião ou tese será defendida a esse respeito?**
  - **De quais fatos ou dados deve-se partir?**
  - **O que será escrito na "Introdução", de forma que possa indicar ao leitor qual é o contexto da discussão?**
  - **Como serão desenvolvidos os argumentos de forma que fiquem bem claros?**
  - **Como se pretende concluir?**
  - **Que título será mais adequado para já situar o leitor acerca da tese defendida e despertar o interesse dele?**

- Por fim, peça a cada aluno e aluna que escreva um artigo, procurando seguir o planejamento feito. Anuncie que o processo de escrita pode levá-los a repensar o planejamento. Nesse caso, devem estar atentos para a repercussão que as alterações terão sobre os outros elementos do texto, ou seja, se resolverem mudar a tese no meio do caminho, será preciso verificar se a nova opinião também é compatível com a polêmica. Muito provavelmente será preciso estabelecer outros argumentos e partir de novos dados.
- Terminada essa fase, peça aos alunos e às alunas que releiam o que escreveram – agora como possíveis leitores do artigo. Caso haja tempo, sugira que troquem os textos entre si, fazendo comentários e sugestões. Só depois da releitura ou da leitura de um colega é que o(a) aluno(a) deverá rever o texto para escrever a versão final.
- Explique-lhes que esse texto permitirá a você fazer uma avaliação inicial do nível de compreensão dos alunos, bem como daquilo que ainda necessitam aprender sobre artigo de opinião.

Para saber mais

Primeira escrita

A produção inicial indica o que os alunos e as alunas já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o(a) professor(a) possa intervir adequadamente no processo de aprendizagem.

Esse primeiro texto também é importante para que os alunos e alunas avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles e elas serão capazes de perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades das oficinas.

Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, realizando-se um processo de avaliação continuada.

- Explique-lhes que esse texto permitirá a você fazer uma avaliação inicial do nível de compreensão dos alunos, bem como daquilo que ainda necessitam aprender sobre artigo de opinião.
  - **tratam efetivamente de uma questão polêmica;**
  - **localizam adequadamente o leitor em relação a essa questão;**
  - **deixam clara a posição assumida;**
  - **trazem argumentos coerentes e convincentes;**
  - **apresentam e discutem ou rebatem o pensamento de opositores sobre o assunto;**
  - **há erros de ortografia, desvios do padrão culto ou outras impropriedades capazes de prejudicar a leitura do artigo pelo leitor visado.**
- Ao fazer essa avaliação, você terá uma boa ideia de quais traços de um artigo de opinião o(a) estudante demonstra já conhecer em algum grau (ou mesmo dominar) e de quais desconhece. Assim, você poderá ajustar melhor o trabalho das oficinas ao perfil da sua turma. Lembre-se de que fazer esse exercício será fundamental para você planejar as próximas atividades.
- Depois de ler os artigos escritos por seus alunos, procure identificar o que eles já sabem para escrever um artigo de opinião e o que ainda precisam aprender. Lembre-se de que fazer esse exercício será fundamental para você planejar as próximas atividades.

oficina

Por dentro do artigo

objetivos

- Ler artigos de opinião para reconhecer e compreender as características principais desse gênero textual.

prepare-se!

Como se organiza um texto de opinião? O que compõe a introdução, o desenvolvimento e a conclusão? Antes de trabalhar com a turma, é essencial que você consiga responder a essas questões.
Prepare-se lendo previamente esta oficina na íntegra, com especial atenção para a análise do artigo “Em defesa do voto obrigatório”.

1ª etapa

Leitura do artigo

atividades

- Projete e leia junto com a turma o artigo “Em defesa do voto obrigatório”, de Léo Lince, disponível na **seção Coletânea**, sobre a obrigatoriedade do voto como garantia democrática.
- Divida-os em grupos. Para facilitar, organize o trabalho em dois momentos: antes da leitura e durante sua realização.

1. Antes da leitura

- No Brasil contemporâneo, o voto é, ao mesmo tempo, universal (ou seja, extensivo a todo e qualquer cidadão com ao menos 16 anos) e obrigatório (um dever de todo cidadão). O artigo a ser explorado foi publicado em 2015, em meio a uma crise política nacional iniciada no ano anterior, contexto no qual a mídia promoveu uma discussão sobre a necessidade de reformas político-eleitorais urgentes, questionando, ainda, a obrigatoriedade do voto. No entanto, a abordagem dada ao tema pelo autor ultrapassa largamente essas circunstâncias, até pelo fato de o articulista não se referir, explícita ou diretamente, seja à crise, seja a fatos específicos dessa circunstância, nem tampouco restringir o debate a eles. O autor concentra-se, então, em estabelecer quais seriam as *condições necessárias para o bom funcionamento da democracia*. E, na opinião dele, o voto obrigatório seria parte “inarredável” dessas condições.

- Dado o tema do artigo, esta é uma excelente oportunidade para você e seus colegas de História desenvolverem atividades interdisciplinares, articulando, de um lado o ensino de leitura, e estudo de História do Brasil, de outro. Caso isso seja possível, combine com os outros professores, com base nas propostas desta oficina, como vocês organizarão o trabalho.

- Levante com a turma os conhecimentos prévios que eles e elas tenham a respeito do tema:

  - **Vocês já leram ou ouviram falar alguma coisa sobre o assunto?**
  - **O que é uma democracia?**
  - **Seria possível imaginar uma democracia sem a garantia do direito ao voto?**
  - **Vocês têm ideia do interesse e do valor que um debate sobre a obrigatoriedade/não obrigatoriedade do voto possa ter para o País?**
  - **Sabem o que é "curral eleitoral"?**
  - **Sabem quando as mulheres começaram a votar?**
    E quando os analfabetos conquistaram esse direito?
  - **Estão cientes de que aos 16 anos o jovem cidadão já pode votar?**
  - **Já pararam para pensar que esses fatos históricos têm representado importantes conquistas democráticas, ampliando e aprofundando a participação do cidadão na vida do País?**

- Aproveite a oportunidade, ao longo dessa conversa, para fornecer as informações sobre a história do voto no Brasil que julgar pertinentes para uma melhor compreensão e interpretação do artigo.

- Em seguida, projete o texto e peça aos alunos e às alunas que "passem os olhos" nele, para terem uma primeira ideia do que vão ler. Explicite o contexto de crise política nacional em que o artigo foi escrito, e, também que o debate continua atual em face à redução da participação dos brasileiros nas eleições mais recentes - em 2018, por exemplo, mais de 20% do eleitorado não compareceu para votar (https://cutt.ly/Uj6CHBn). Peça que levantem palavras cujo sentido não dominem, assim como expressões que se refiram a fatos históricos que desconheçam. Procure ajudá-los(las) a formular hipóteses bem fundamentadas a respeito dos sentidos desses termos no texto, anunciando que, na sequência, terão acesso a um glossário no qual poderão checar suas previsões.

- Faça perguntas sobre o artigo, de modo a não só motivá-los(las) para a leitura como também a levá-los(las) a criar expectativas, a identificar elementos determinantes da estruturação de um artigo de opinião e a formular hipóteses a respeito da forma e do conteúdo do texto. Com base no título, peça-lhes que respondam:

  - **Dá para prever as ideias que o autor defenderá?**
  - **Que trecho(s) do texto melhor parece(m) expressá-las?**
  - **Em que momentos Léo Lince faz referência a ideias contrárias às suas?**
  - **A quem o autor atribui essas ideias e que expressões utiliza para qualificá-las?**

- Continue apresentando o texto e instigando à leitura com novas perguntas, como:

  - **O que é possível supor a respeito dos objetivos do veículo jornalístico que publicou o artigo, considerando-se o seu nome, *Correio da Cidadania*?**

- Leia em voz alta, com a turma, a apresentação que a própria Redação faz do jornal em seu site:

Dados sobre o veículo fornecidos pela própria redação

O *Correio da Cidadania* é editado por uma sociedade sem fins lucrativos, a Sociedade para o Progresso da Comunicação Democrática, fundada em 1996, com o objetivo de colaborar com a construção da mídia democrática e independente. Há 17 anos, o *Correio da Cidadania* oferece visão crítica de acontecimentos políticos, econômicos e sociais, fazendo contraponto à uniformidade editorial da grande imprensa.

Ao contrário das empresas jornalísticas, o *Correio da Cidadania* não vive do dinheiro dos anunciantes e seus interesses econômicos. A versão eletrônica do Correio, como se vê, é gratuita. E não se pretende cobrar por este acesso. Pelo contrário, entendemos que ele é fundamental para que cada vez mais um número maior de pessoas tenha acesso ao conteúdo do *Correio da Cidadania*.

- Em seguida, pergunte à turma: isso favorece ou atrapalha a compreensão e a interpretação do texto? Por quê?
- A título de curiosidade, indague aos alunos se sabiam que "correio" é um termo muito usado para designar jornais, como Correio Brasiliense, Correio Popular ou Correio do Estado. Outros termos muito utilizados são "folha" e "diário", por exemplo. Se quiser, leve-os a fazer suposições a respeito do que teria motivado cada tipo de designação.'

2. Durante a leitura

- Esse é o momento de atuar como mediador(a), de forma que possa garantir uma compreensão geral e crítica do texto. Faça uma primeira leitura, coletiva e em voz alta, do artigo. Outra opção é acessar o menu Coletânea, na **versão virtual** deste Caderno (https://cutt.ly/qj6VxL5) e ouvir a leitura do texto com a classe

- Verifique se as expectativas e hipóteses formuladas logo antes foram ou não atendidas, discutindo, então, se estavam mais ou menos baseadas em dicas do próprio texto. Nesse momento, valorize a participação dos alunos que fizeram comentários pertinentes em relação à forma e/ou ao conteúdo do texto. Garanta, ao final dessa etapa, que a turma explicite uma primeira apreensão do artigo.

- Caso nenhum/nenhuma estudante tenha se manifestado a respeito, aponte que, por se inserir na esfera da política, o artigo recorre à terminologia própria. Solucione, então, as dúvidas que possivelmente ainda persistam, recorrendo ao **glossário** que se encontra a partir da página 185 deste Caderno.

- Em seguida, peça a todos que leiam o artigo de novo, silenciosamente, identificando, a cada passo, a(s) frase(s) que melhor resuma(m) o conteúdo de todo o parágrafo. Se achar conveniente, use como referência a sinalização sugerida a seguir.

Artigo de opinião

Título

Em defesa do voto obrigatório

Quem asina — Léo Lince. Correio da Cidadania.

Veículo/Quando — Sexta-feira, 29 de Maio de 2015.

1 Existe, no senso comum, um mal-estar em relação ao voto obrigatório. Toda obrigação incomoda. Este fato, indiscutível, favorece os defensores do **voto facultativo**, que, ademais, apresentam sua proposta como expressão da **postura libertária** e como fator de desmonte de algumas distorções que, de fato, existem em nosso **sistema eleitoral**.

2 O "**curral eleitoral**" e a compra de votos seriam distorções eliminadas pela simples presença do voto facultativo. Falso. Na **República Velha**, o voto era facultativo e os currais proliferavam. O voto obrigatório foi implantado na década de 30 e os currais continuam a operar até hoje. Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria. A coerção que encurrala eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico. O quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança — elementos que favorecem a cristalização do poder de quem já está por cima — também joga água no moinho dos que defendem o voto facultativo.

3 Apresentado como uma vitória da liberdade, o voto facultativo se recobre com as feições sedutoras da rebeldia. Desobrigado de votar, o indivíduo ficaria mais "livre" ao deixar de "perder" aquele pedaço do dia em que, de dois em dois anos, comparece na **seção eleitoral**. Falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do **princípio republicano** da **soberania popular**.

4 O voto, para os que defendem sua obrigatoriedade, além de um direito duramente conquistado, deve ser considerado um dever, sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde. A liberdade e a **democracia** não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores. Logo, quem vive numa **comunidade política** não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos.

5 Essa é uma ideia que vem de longe, dos tempos da **Revolução Francesa**, ancorada em formulação de **Jean-Jacques Rousseau**. Segundo ele, o cidadão só pode ser o **soberano** da política se ao mesmo tempo for "**escravo**" do processo que constitui a "**vontade geral**". Ou seja, o poder político só emanará do povo se o povo participar da política. Nada contra a **desobediência civil** ou demais

formas de protesto político que vão além do momento eleitoral. A insatisfação contestatória, aliás, também pode se expressar no voto nulo, cuja tecla deveria constar na máquina de votar.

6 O voto facultativo desloca o eixo da questão. Com ele, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no **corpo legal**. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera "escolha", sequer como desobediência civil ou protesto. A consagração da **alienação política** como um direito legal interessa aos **conservadores.** Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o **sufrágio** como universal.

7 Ganha com a mudança quem deseja o povo como "maioria silenciosa", gigante adormecido, aglomerado de consumidores, nunca como titular soberano e organizado do poder político. Nos EUA, onde o voto é facultativo, a abstenção eleitoral é enorme e tende a se perpetuar, ao longo do tempo, nos mesmos grupos sociais e étnicos, especialmente entre os discriminados socialmente. A redução da universalidade do sufrágio se expressa como **exclusão social** e elemento efetivo de **cristalização do poder** nas mãos da "**classe políticas**".

8 No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora. O "**estado mínimo**" da **macroeconomia neoliberal** demanda, para o seu bom funcionamento, a teoria da representação mínima. Encolher o tamanho do eleitorado com o voto facultativo; reduzir o número de partidos com a cláusula de barreira; eliminar parte dos votos válidos com o **distrital-majoritário**. Querem reduzir a participação política, eliminar partidos e esterilizar o voto da oposição contestadora.

9 Para o cidadão ativo, que além de votar se organiza para garantir os **direitos civis**, políticos e sociais, o enfoque deve ser inteiramente outro. A liberdade de não ir votar é uma armadilha. O tempo dedicado ao acompanhamento continuado da política não deve se apresentar como restritivo da liberdade individual. Pelo contrário. É compromisso livre com a **democracia participativa**, indispensável ao exercício pleno de todas as liberdades, inclusive as individuais. Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável **dever civil**.

Disponível em: http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10806:submanchete290515&catid=13:leo-lince&Itemid=87 → Fonte

atividades

- Após discutir os trechos que foram indicados pelas alunas e alunos, determine com a classe quais os mais adequados e os registre. Para isso, você pode projetar o texto por meio de projetor e fazer junto com eles(as), neste Caderno do Professor.

- Peça-lhes que observem, durante a leitura, a forma como o articulista se vale dos recursos próprios do gênero Artigo para elaborar e sustentar sua opinião:

  - **Insere-se numa questão polêmica que circula na imprensa, na mídia ou na sociedade ("O voto deve ser obrigatório?").**
  - **Refere-se, direta ou indiretamente, a *fatos recentes* relacionados a essa questão (A "investida conservadora" e sua proposta de voto facultativo como forma de corrigir desvios do nosso sistema eleitoral).**
  - **Formula explicitamente suas opiniões a respeito desses fatos, da polêmica em jogo e das ideias de seus oponentes ou adversários.**
  - **Apresenta suas razões, na forma de *argumentos* que sustentam suas opiniões.**
  - ***Antecipa* e contesta os argumentos mais fortes dos oponentes.**
  - **Tece o *texto* de maneira a *adequá-lo* ao máximo aos *interlocutores*: adversários (defensores do voto facultativo), auditório (leitores do jornal) e público em geral.**
  - **Finaliza o raciocínio com uma conclusão explícita ("o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil").**

- Para orientar a leitura e promover a compreensão e a discussão do texto, proponha aos alunos e às alunas que, enquanto leem o artigo, respondam a perguntas como as sugeridas abaixo. Em seguida, discuta coletivamente as respostas.

- **Qual é a questão polêmica a que o artigo pretende responder?**
  A questão pode ser formulada nos seguintes termos: O voto deve ser/permanecer obrigatório?

- **Quais foram os fatos que motivaram o articulista a escrever o artigo?**
  Esses fatos são referidos, no artigo, como "investidas conservadoras" surgidas no contexto da crise política de 2014/2015.

- **Há alguma referência no texto a posições e/ou a debatedores anteriores?**
  Desde o primeiro parágrafo, o autor faz referências a ideias de seus adversários.

- **É possível identificar, no texto, quem são os adversários do articulista?**
  Os adversários, no debate, são os que defendem o voto facultativo como medida capaz de corrigir distorções como o curral eleitoral.

- **Que tese o artigo defende?**
  A tese é formulada claramente na conclusão do artigo: "o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil".

- **O articulista declara que "a liberdade e a democracia não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores". Que importância esse ponto de vista tem para a tese defendida?**
  Ao contrário de outros polemistas, Léo Lince não está discutindo saídas imediatas para uma crise política. Em lugar disso, está argumentando com base num "princípio republicano", de acordo com o qual uma das condições necessárias a qualquer regime democrático é o voto universal e obrigatório. Assim, o articulista entra no debate por uma via político-filosófica, ou seja, por uma discussão dos princípios que devem orientar a busca de saídas possíveis para a crise.

Quais são os argumentos principais? Como vêm desenvolvidos?

Os argumentos são elaborados a partir da contestação das posições do "senso comum" e dos "conservadores" em favor do voto facultativo.
Resumidamente, envolvem os seguintes passos: com base em informações históricas, o jornalista contesta a tese de seus opositores, de que o voto facultativo corrigiria distorções como o curral eleitoral (§1); e afirma que "sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria". Portanto, a explicação para a existência dos currais eleitorais não pode ser a obrigatoriedade do voto: "A coerção que encurrala eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico" (§2).
Com base nessas ideias, Léo Lince desenvolve uma série de argumentos capazes de justificar sua defesa do voto obrigatório:

a) A "liberdade" de não comparecer às urnas é uma "falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular".

b) O voto não é apenas um direito duramente conquistado, mas um dever que, não sendo cumprido, descaracteriza o direito de votar. A democracia não é apenas um meio, mas um fim em si mesma. "Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil".

c) A proposta do voto facultativo desloca o eixo da questão: "a consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores. Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal".

d) "Ganha com a mudança quem deseja o povo como 'maioria silenciosa', gigante adormecido, aglomerado de consumidores". Assim, "a redução da universalidade do sufrágio se expressa como exclusão social e elemento efetivo de cristalização do poder nas mãos da 'classe política'".

e) "No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora". "Para o cidadão ativo, (...) a liberdade de não ir votar é [portanto] uma armadilha".

Com base no que você leu, é possível saber que tipo de leitor compõe o público visado?
Pela linguagem utilizada, assim como pela tese e pelos argumentos usados em sua defesa, pode-se deduzir que o articulista se dirige à parte da "opinião pública" que, não se definindo como conservadora já de início, defende saídas para a crise compatíveis com princípios democráticos. Tudo indica, portanto, que o auditório visado é o dos assim chamados "cidadãos de bem", ou seja, aqueles efetivamente comprometidos com o bem comum; e que, no artigo, vêm nomeados como "cidadãos ativos".

2ª etapa

Outros Artigos

atividades

Sugira aos alunos e às alunas que procurem em jornais, revistas ou internet outros artigos de opinião. Ao longo das oficinas, leia-os com a turma. A leitura deve começar pela exploração do título. Do que trata o texto? Como imaginam que o articulista vai abordar o assunto?

- Antecipando possíveis dificuldades quanto aos assuntos e ao vocabulário, você poderá preparar a leitura levando material de apoio, como informações relacionadas aos temas e conceitos abordados. Isso ajudará o aluno e a aluna a se familiarizarem com o assunto e facilitará a leitura e a compreensão do texto.

- Você também pode retomar a atividade da primeira etapa em que a turma identificou, no artigo, a frase que melhor resumia o conteúdo do parágrafo. Para isso, peça aos alunos e às alunas que leiam o texto "Corrupção cultural ou organizada?" (https://cutt.ly/akwbwCG), de Renato Janine Ribeiro, e destaquem em cada trecho apresentado, o conteúdo que melhor o sintetiza.

oficina

O esquema argumentativo

objetivos

- Analisar o esquema argumentativo e a organização textual de um artigo de opinião.

prepare-se!

O que compõe o núcleo de uma argumentação? Qual a importância dos dados, da conclusão e da justificativa num artigo de opinião? Para que possa trabalhar com a classe, é necessário que você domine esses conceitos. Leia atentamente esta oficina antes de colocar em prática as atividades.

1ª etapa

Análise da organização do texto

atividades

Considerando que um texto dissertativo, em geral, pode ser dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão, discuta com a turma a organização geral do artigo intitulado "Em defesa do voto obrigatório" assinado por Léo Lince, disponível na **seção Coletânea**.

Uma divisão possível desse texto, do ponto de vista da organização dissertativa, seria a seguinte:

Introdução (parágrafo 1) — O autor constata o mal estar provocado pelo voto obrigatório, mas contesta a ideia de que o voto facultativo não só eliminaria esse incômodo mas ainda corrigiria distorções do nosso sistema eleitoral, apresentando seu ponto de vista

Desenvolvimento (parágrafos 2 a 8) —Lince argumenta em defesa de sua tese em duas frentes: 1) contestando as supostas vantagens do voto facultativo; 2) desenvolvendo argumentos em defesa do voto obrigatório.

Conclusão (parágrafo 9) – O jornalista (re)apresenta as ideias que defende. Agora, formuladas como conclusão fundamentada em todo o raciocínio desenvolvido ao longo do artigo: "Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo

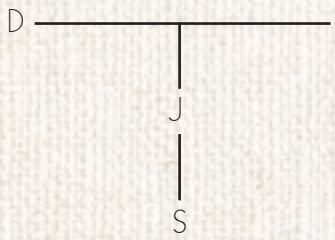
e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil". Peça a turma que releia silenciosamente o artigo de Léo Lince. Diga-lhes que o objetivo, agora, será analisar como ele está organizado, do ponto de vista da argumentação. Que raciocínio o autor desenvolve? Que partes o compõem? Como cada uma delas se articula com as demais?

Para auxiliar nessa análise, tome como base o esquema desenvolvido pelo filósofo britânico Stephen Toulmin para descrever os componentes de uma argumentação e explicar as relações que se estabelecem entre eles. Para fins didáticos, o esquema foi ligeiramente adaptado.

Para saber mais

O esquema de Toulmin

A estrutura do argumento, de acordo com Toulmin



Stephen Toulmin. 1958 (1ª ed.). Os usos do argumento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Ferramentas)

Acompanhe a explicação passo a passo:

D – É o conjunto de **Dados**, ou seja, de fatos, indícios, informações etc., que o argumentador toma como ponto de partida para o seu raciocínio. No texto, os dados dos quais Léo Lince parte para desenvolver seu artigo são os fatos citados no primeiro parágrafo: o incômodo gerado pela obrigatoriedade do voto e as "armadilhas" envolvidas na proposta do voto facultativo.

C – É a **Conclusão** a que o argumentador quer chegar, ou seja, a tese que pretende defender, em relação aos argumentos usados como base para o artigo. Nesse sentido, Lince quer nos levar à conclusão que identificamos na oficina anterior: "Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil".

J – É o conjunto de **Justificativas**, ou seja, de argumentos propriamente ditos, que o argumentador reúne e analisa com o objetivo de sustentar a conclusão ou tese. No artigo aqui analisado, os principais argumentos são aqueles apresentados na seção do texto que denominamos "Desenvolvimento".

S – É o **Suporte** (para os Dados ou para as Justificativas), ou seja, o conjunto de informações ou argumentos complementares que ajudam o argumentador a reforçar ou os Dados e fatos de que parte ou, ainda, as Justificativas que apresenta. Alguns dos argumentos desenvolvidos ao longo do artigo funcionam como suporte para outros, de forma que a conclusão ou justificativa final vem amparada por todo um esquema argumentativo. No artigo de Léo Lince, um bom exemplo de suporte aparece no §2: o argumento de que "o quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança, (...) também jogo água no moinho dos que defendem o voto facultativo" é um reforço ao argumento anterior, de que "a coerção que encurrala eleitores (...) tem a ver com o peso do poder econômico". Já no §5, as informações históricas e filosóficas sobre o que é o poder republicano têm a função de reforçar o argumento desenvolvido no parágrafo anterior, de que "quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre seus rumos".

M – É o **Modalizador,** a palavra ou expressão por meio da qual o argumentador manifesta determinada atitude em relação à conclusão que pretende levar o leitor a aceitar: "é certo que", "necessariamente", "talvez", "é provável/possível que", "na medida em que" etc. Alguns exemplos, no artigo de Léo Lince:
"(…) algumas distorções que, de fato, existem em nosso sistema eleitoral" (§1)
"Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria" (§2)
"Falsa conquista, (…) que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular" (§3)
"O voto (…) deve ser considerado um dever" (§4)

R – É a **Refutação**, ou seja, a contestação que seria possível fazer ao raciocínio do argumentador, mas ela somente é citada para mostrar como e por que ela não procede. Assim, a Refutação funciona como um recado ao adversário: "Eu sei que você pode dizer que… mas esse contra-argumento não é válido, por tais e tais motivos". Em seu raciocínio, Lince antecipa e contesta contra-argumentos possíveis à sua tese desde o primeiro parágrafo. Portanto, todo o artigo pode ser entendido como uma longa refutação à defesa do voto facultativo.

Os DADOS, a CONCLUSÃO e a JUSTIFICATIVA compõem o núcleo de uma argumentação. Em muitos casos, o raciocínio resume-se a eles. Veja, como exemplo, uma argumentação contrária à transposição das águas do rio São Francisco.

Diante do projeto do governo federal de transpor as águas do rio São Francisco (D), quero dizer que isto seria um crime ambiental (C). A atual vazão do rio, drasticamente diminuída por seu crescente assoreamento, não suportará o bombeamento de águas previsto (J).

Entretanto, o SUPORTE para os Dados ou Justificativas, o MODALIZADOR

e a REFUTAÇÃO também podem agregar-se a uma argumentação, com o objetivo de lhe dar mais consistência ou eficácia, do ponto de vista de um auditório específico.

A linha pontilhada do gráfico que liga os Dados à Conclusão indica que existe uma relação lógica indireta desses dois elementos dentro do esquema argumentativo. Ela é indireta justamente porque precisa ser estabelecida ou demonstrada por meio de argumentos coerentes e convincentes. Já as linhas cheias indicam relações lógicas diretas e necessárias entre os Dados e os argumentos que os complementam e reforçam, ou seja, as Justificativas e o Suporte.

É preciso estar atento, portanto, às relações que se estabelecem entre as partes de um texto argumentativo para detectar adequadamente "quem é quem" e também para avaliar se elas efetivamente funcionam, no conjunto, como Dados, Justificativas, Conclusão etc. Vale ressaltar que nenhuma oração, período ou trecho é, independentemente dessas relações, uma Conclusão, um Dado ou uma Justificativa. Os elementos articuladores, que serão abordados da Oficina 10 em diante, também desempenham um papel importante nesse processo.

Para saber mais

Organização geral para o texto dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão

Textos dissertativos podem ser predominantemente expositivos ou argumentativos.

No primeiro caso, a finalidade principal da escrita é apenas esclarecer e/ou explicar um conceito ou noção, analisar um fato, apresentar resultados de uma pesquisa etc., de acordo com critérios já estabelecidos ou inerentes ao próprio assunto e sem maiores desdobramentos. Entretanto, quando o texto dissertativo é, antes de tudo, argumentativo, como o artigo de opinião, qualquer análise, explicação ou comentário está a serviço da defesa de uma tese; portanto, funciona como um argumento que apoia ou contesta uma opinião, uma tese, um julgamento, uma avaliação etc.

Em ambos os casos, o texto dissertativo tende a se organizar em três grandes partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), que, grosso modo, correspondem, respectivamente, às decisões tomadas pelo articulista a respeito de como começar o seu texto, dar a ele a melhor sequência e, por fim, "passar a palavra", com a convicção de "ter dado o recado".

Num texto argumentativo, a introdução cumpre várias funções: apresenta o assunto; aponta, direta ou indiretamente, a questão polêmica; situa essa questão no tempo e no espaço (contextualização); especifica o âmbito do debate (a dimensão ética da corrupção; os prejuízos causados à economia; os danos morais e/ou pedagógicos, do ponto de vista das crianças e dos jovens…); indica, direta ou indiretamente, quem são seus interlocutores (parceiros e/ou apoiadores, adversários, os próprios leitores); esclarece as motivações do articulista ("Escrevo esse artigo porque…") etc.

Em muitos casos, a opinião, ou seja, a tese defendida no texto, aparece já na introdução,

numa estratégia de "ir direto ao ponto". Em outros casos, a tese só se formula durante o desenvolvimento e/ou na conclusão, como consequência necessária do raciocínio elaborado: é exatamente quando o leitor está pronto a admitir essa consequência que ela é apresentada. Por fim, o articulista pode arriscar-se a nem sequer explicitar sua tese: sua confiança nos argumentos expostos e na sua sintonia com quem acompanha seu raciocínio é tão grande que ele "deixa o leitor tirar suas próprias conclusões". A escolha por esta ou aquela via definirá uma parte importante da estratégia argumentativa. E estabelecerá com os leitores uma interação própria.

Já o desenvolvimento é a parte do artigo em que o articulista explica e justifica as posições e a opinião dele sobre o assunto – apresentando argumentos, indicando as condições em que devem ser recebidos ("é certo"; "é provável"; "é possível"; "em tais ou quais situações" etc.), expressando convicções, esclarecendo o sentido de algum vocábulo importante, analisando e avaliando fatos, examinando dados de pesquisas, resumindo e contestando posições contrárias defendidas por adversários etc. Assim, a principal função do desenvolvimento é reunir e examinar informações que sirvam de argumentos adequados para a sustentação da tese.

Finalmente, como o próprio nome indica, a conclusão não é apenas o fechamento do texto, mas, principalmente, o ponto de chegada de todo o raciocínio desenvolvido. A principal função da conclusão é (re)apresentar explicitamente a opinião do articulista. Mesmo que ela já tenha aparecido na introdução – ou, menos provavelmente, no desenvolvimento –, é na conclusão, ou seja, depois de todo um adequado trajeto argumentativo, que ela aparece como opinião fundamentada e, portanto, como tese. Por isso mesmo, essa é a hora certa de o autor do artigo "passar a palavra".

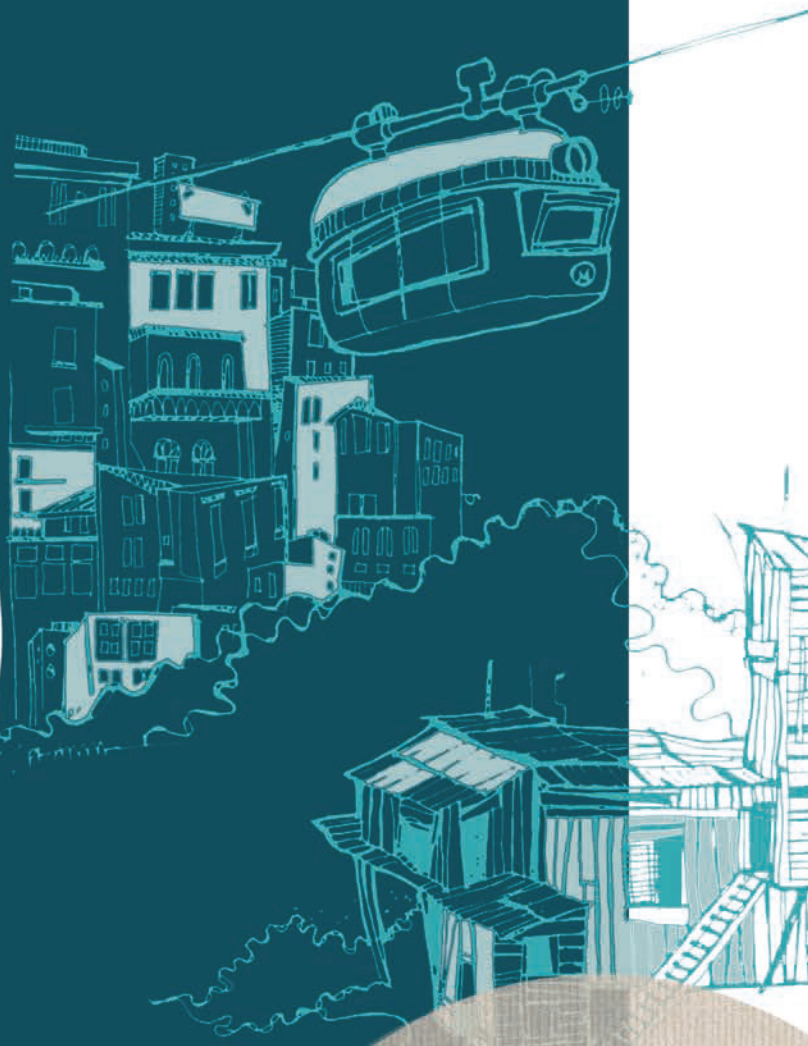
2ª etapa

Comparação

atividades

- No final, compare a análise feita do artigo “Em defesa do voto obrigatório” com as informações do quadro “Organização geral para o texto dissertativo”.
- Mostre à turma – ou crie atividades que os levem a perceber – que os Dados aparecem na introdução; as Justificativas (com ou sem Suporte) constituem o núcleo do desenvolvimento; e a (re)apresentação da tese é a parte principal da Conclusão. Com muita frequência, esse mesmo padrão pode ser observado em textos dissertativos de caráter argumentativo, especialmente no artigo de opinião.
- Uma forma de fazer essa análise é projetar o texto e propor aos(às) alunos(as), coletivamente, que reconheçam os trechos que pertencem a cada parte do artigo.

oficina



109
pontos de vista

Questão, posição e argumentos

objetivos

- Reconhecer questões polêmicas e analisar a argumentação do autor

prepare-se!

Nesta oficina, seus alunos e alunas lerão uma notícia e um artigo. A primeira aborda diretamente o tema dos refugiados haitianos no Brasil e do tratamento dispensado a muitos deles; já o segundo refere-se ao mesmo assunto, para inseri-lo num debate sobre exclusão, desigualdade e discriminação social no Brasil.

1ª etapa

A notícia e o artigo de opinião

Sobre a etapa

Você acompanha as notícias sobre os refugiados, em vários países do mundo? Sabia que muitos brasileiros emigram para países da Europa, para os Estados Unidos e para o Japão, enfrentando grandes dificuldades nesses destinos? Conhece a realidade daqueles que vêm para o Brasil fugindo de guerras, dificuldades econômicas e perseguições políticas em seus países de origem? Tem informações sobre o tratamento que dispensamos a bolivianos, haitianos, sírios, entre outros, que optaram por viver em nosso país?

Antes da leitura, entretanto, você os estimulará a conversar a respeito das duas questões e dos pontos em comum entre elas. Para ajudá-los, leve para a sala outras matérias pertinentes, para subsidiar o debate.

Uma dica para o tema da imigração, é o texto Migração no Brasil: quem vem para o nosso país? (https://cutt.ly/Mkwngm6) , do site *Politize!* , que contextualiza a chegada de novos grupos ao país e evidencia que nossa fama de país hospitaleiro nem sempre se confirma.

Em nossa imprensa diária, assim como nas mídias eletrônicas, não faltam notícias

sobre maus tratos a imigrantes de países pobres e a refugiados no Brasil. Em muitos casos, essas matérias referem-se a situações de intolerância, preconceito, discriminação e exclusão, especialmente no caso de bolivianos e haitianos. Reunindo algum material jornalístico a esse respeito, facilmente encontrável na internet, você poderá promover uma boa discussão sobre a diferença de tratamento a diferentes tipos de (i)migrantes no Brasil. Caso considere útil, informe a turma de que os temas aqui estudados voltarão a ser abordados no artigo "Tá com dó do refugiado? Leva pra casa…", de Leonardo Sakamoto, que será trabalhado na Oficina 11.

Já no que diz respeito às desigualdades econômico-sociais do país, apontadas por todos os índices nacionais e internacionais, você pode recorrer a matérias como "Mesmo adiado, Enem escancara desigualdades e preocupa estudantes pobres" (https://cutt.ly/TkwmRPE), de Bruna Martins, para o site Ponte Jornalismo, e a do site Uol, "Por que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo" (https://cutt.ly/Okwm5TI), de Bárbara Fonte.

A notícia e o artigo de opinião

Nesta oficina será analisado o esquema argumentativo do artigo de opinião "Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo", de Mônica Francisco, para que os alunos e as alunas identifiquem, no corpo do texto, a questão polêmica, a tese defendida pela autora, os argumentos por ela utilizados para fazer valer seu ponto de vista, as refutações a possíveis contra-argumentos, a maneira como estabelece sua conclusão (diretamente ou por meio de um modalizador). Antes, porém, vamos analisar uma notícia diretamente relacionada a esse artigo: "Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de saúde".

Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde

Grupo foi atacado no Glicério, região central de São Paulo, no dia 1º; uma das suspeitas é de xenofobia

O ESTADO DE S. PAULO, 10 Agosto 2015, 20h57

SÃO PAULO – A Secretaria Municipal de Saúde confirmou nesta segunda-feira, 10, que os seis haitianos feridos no Glicério, centro da capital, no dia 1.º foram alvo de balas de chumbinho. Eles foram atingidos nas pernas e não correm riscos. Uma das suspeitas é de que eles tenham sido alvos de xenofobia.

Três das vítimas fizeram exames nesta segunda no Hospital Municipal do Tatuapé, na zona leste. Dois deles, de acordo com a pasta, passarão por cirurgias para extrair estilhaços das balas. Outro haitiano ainda será novamente avaliado pelos médicos.

A Secretaria Estadual de Segurança Pública informou que o 1.º Distrito Policial (Sé) está apurando o caso. Segundo a pasta, "a polícia está colhendo o depoimento dessas vítimas e de testemunhas e não irá revelar detalhes para não comprometer a investigação".

O grupo de haitianos, relatam as próprias vítimas, foram alvos de vários ataques. O padre Paolo Parisi, da Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, disse que a maioria dos atingidos pelos disparos não se conheciam. Imagens das câmeras de vigilância do comércio local também foram requisitadas pelos investigadores.

Rigor. Felipe González, relator sobre direitos dos migrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), disse que é necessária uma investigação "rápida e rigorosa" sobre o caso. "Para saber, ao final, se há ou não motivos xenofóbicos", disse ele nesta segunda-feira, 10. González está em São Paulo para debates sobre políticas migratórias.

O Congresso Nacional discute atualmente uma nova Lei de Migrações para substituir o Estatuto do Estrangeiro, aprovado em 1980, ainda na época da ditadura militar. Aprovado no Senado em julho, o projeto da Lei de Migrações deve começar a ser votado na Câmara no segundo semestre.

Segundo ativistas da área, alguns dos avanços da proposta é a redução de burocracias para migrantes, além de garantias ao acesso à justiça e reunião familiar. Com a mudança, a política migratória deixa de ser da segurança nacional e passa a integrar a área de direitos humanos. Para Felipe González, porém, seria importante também criar uma autoridade civil que pudesse tratar do controle migratório, além da Polícia Federal.

Disponível em: http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haitianos-foram-feridos-com-bala-de-chumbinho–diz-secretaria-de-saude,1741549

atividades

- Divida a classe em grupos e projete a notícia. Peça-lhes que, antes de iniciarem a leitura, digam o que sabem e o que pensam a respeito do assunto.
- Em seguida, peça que leiam a notícia "Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde". Professora, professor, você pode conferir no **glossário** o significado de algumas palavras e expressões.
- Converse com a classe sobre a notícia. Informe-os(as) de que, no site do jornal O Estado de São Paulo, de onde ela foi extraída, há matérias relacionadas, como: "Governo vai pedir ajuda para evitar tráfico de haitianos por "coiotes" (https://cutt.ly/WkwWLa9);. Pergunte a eles e elas o que essas manchetes estariam indicando, a respeito de como recebemos refugiados haitianos. Como estratégia de exploração de vocabulário específico, ajude-os(as) a esclarecer o sentido de termos como "coiote", "xenofobia", "políticas migratórias", "burocracia" e outros.
- Em seguida, proponha à classe que leiam atentamente o artigo "Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo". Qual seria a questão polêmica? Que tese a articulista defende a respeito dessa questão? Que argumentos utiliza? Recorre a suportes para os argumentos? Quais?
- Solicite-lhes que identifiquem esses dados no próprio texto. Você também poderá projetar o texto e fazer os grifos coletivamente. Se achar pertinente, leia o artigo em voz alta para a turma.
- Ao conduzir esse estudo coletivo, chame a atenção da classe para o sentido de palavras e expressões como as que vêm destacadas no texto. Se preferir, você pode utilizar o **glossário** para conhecer o significado das palavras e expressões sinalizadas no texto.

“Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo”

Mônica Francisco
Jornal do Brasil, 16/08 às 00h30

Referência à canção “Dias melhores”, de Jota Quest.

1 Minha mãe dizia que o mundo só é ruim para quem não sabe esperar. Neste mundo acelerado, de respostas instantâneas para tudo, de tudo ao alcance em um só clique, de emoções e sentimentos voláteis e breves, alguns de nós batalhamos para não perdermos a humanidade e a capacidade de esperar, como diz a canção,
2 “dias melhores pra sempre”.

Os tais dias de paz que a outra parte da mesma canção nos provoca a pensar e refletir, se de fato eles virão. Aquela humanidade que nos distingue das outras espécies, parece por vezes chegar no seu volume morto (pra não perder de vista a
3 crise hídrica) e fazer com que esta esperança quase se desvaneça.

Duas alusões à escassez de água no Sudeste, à época.

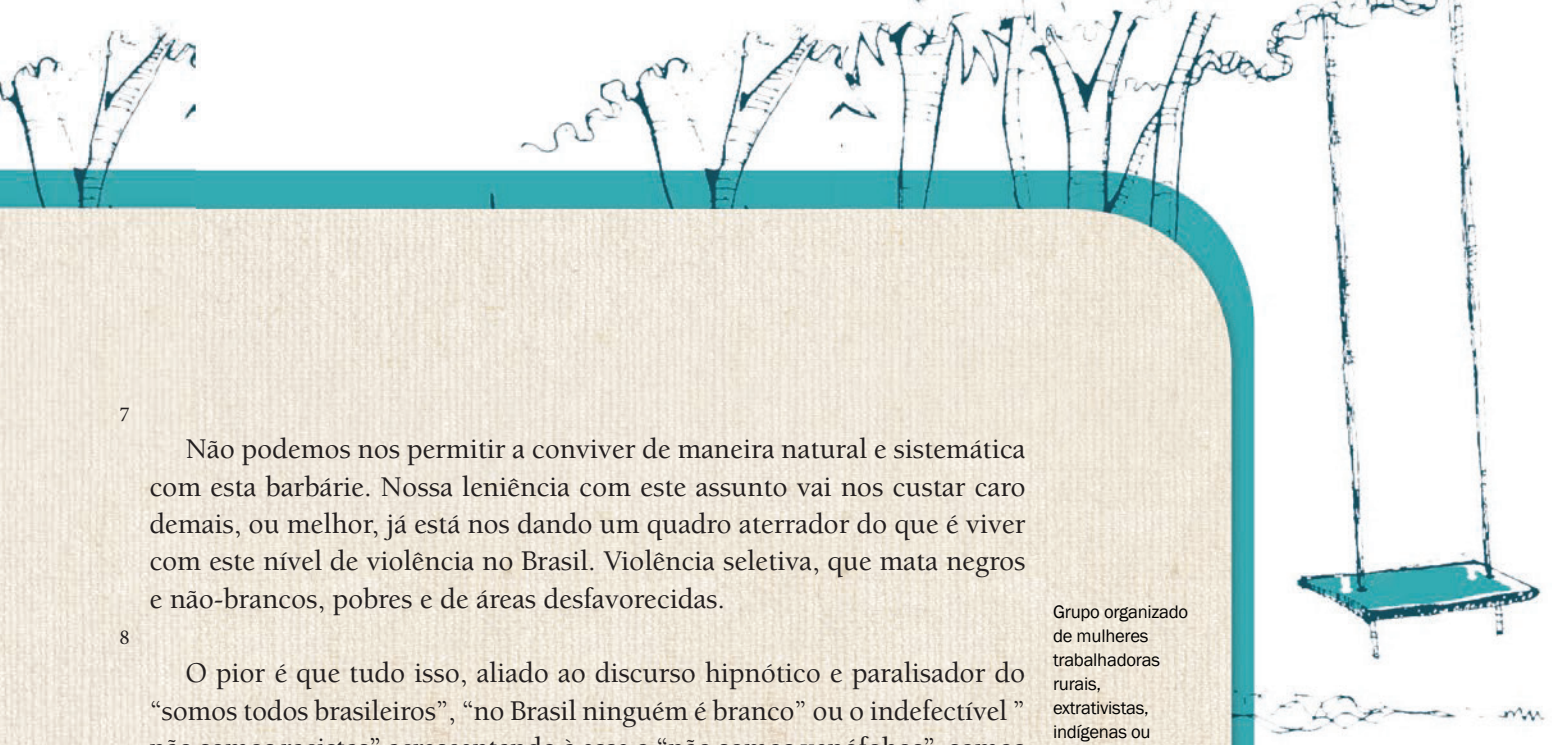
Abrir as páginas dos jornais, sejam on line ou impressos, ver postagens que dão conta de duas dezenas de pessoas assatssinadas, ler postagens ininterruptas de tiroteios que assombram o Complexo do Alemão, nos dão a certeza de que algo
4 precisa urgentemente mudar neste país.

Conjunto de quinze comunidades doMorro do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Relatórios oficias de governos estrangeiros, como o dos EUA, da Anistia Internacional, do Mapa da Violência 2015, enfim, um sem número de dados oficiais, que fazem de nós uma nação que ainda continua perpetuando a tortura e o assassinato de parte da população, e de maneira sistemática, percebe-se embutido aí um desejo
5 franco de limpeza étnica travestida de guerra à drogas e combate ao crime.

Não estamos em guerra, não temos fundamentalista armados até os dentes querendo tomar o controle estatal (até agora). Não é possível a produção em ritmo
6 fordista de tantas mortes seletivas e monocromáticas.

Discursos higienistas, xenofóbicos, ditos por empreiteiros sem o menor sintoma de constrangimento. Promover cerceamento de “tipos” ou “categorias” de pessoas na circulação da cidade, ou na presença em determinados espaços, isto sim é a prática nossa de cada dia.



7 Não podemos nos permitir a conviver de maneira natural e sistemática com esta barbárie. Nossa leniência com este assunto vai nos custar caro demais, ou melhor, já está nos dando um quadro aterrador do que é viver com este nível de violência no Brasil. Violência seletiva, que mata negros e não-brancos, pobres e de áreas desfavorecidas.

8 O pior é que tudo isso, aliado ao discurso hipnótico e paralisador do "somos todos brasileiros", "no Brasil ninguém é branco" ou o indefectível " não somos racistas" acrescentando à esse o "não somos xenófobos", somos um país miscigenado, multicolorido, misturado, aqui temos povos de todo
9 mundo, recebemos todos de braços abertos.

Pois bem, tudo isso se desvanece ao termos haitianos espancados, atingidos por disparos (ainda que de armas com munição como o "chumbinho"), índios queimados, chamados de fedorentos e meninos e homens negros
10 espancados até a morte.

Isso tudo precisa de alguma maneira ser estancado, não encontro melhor definição. Alguns vão às ruas neste domingo, buscando a manutenção de privilégios seculares. Isso mostra claramente não só uma rejeição a um governo, mostra claramente quem não faz parte do Brasil oficial, que deveria ser de direitos para todos e não de privilégios para alguns.

P.S.: Não esqueci das Margaridas, voltaremos a elas em breve.

"A nossa luta é todo dia. Favela é cidade. Não aos Autos de Resistência, à GENTRIFICAÇÃO, à REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, ao RACISMO, ao RACISMO INSTITUCIONAL, ao VOTO OBRIGATÓRIO, ao MACHISMO, À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER e à REMOÇÃO!"

Grupo organizado de mulheres trabalhadoras rurais, extrativistas, indígenas ou quilombolas que lutam por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade. Na ocasião em que o artigo foi escrito tinham acabado de realizar a 5ª- Marcha das Margaridas em Brasília, a maior manifestação de mulheres da América Latina.

Mônica Francisco é membro da Rede de Instituições do Borel, Coordenadora do Grupo Arteiras e Consultora na ONG Asplande.(Twitter/@MncaSFrancisco)

Disponível em <http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2015/08/16/do-chumbinho-nos-haitianos-aos-protestos-de-domingo>

A análise que apresentamos a seguir é dirigida a você, professor e professora. Ela poderá ajudá-lo a mediar o estudo de texto a ser feito em sala de aula. Assim, você poderá exercitar a compreensão dos alunos, elaborando coletivamente tanto uma síntese quanto um esquema do texto.

Análise do texto

Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo

Como é frequente em artigos de opinião, este foi escrito no calor da hora: no caso, a crise política nacional de 2015 e, em especial, os protestos de diferentes setores da sociedade, em torno de valores e interesses conflitantes. Originalmente publicado no Jornal do Brasil, o artigo persegue um claro objetivo: denunciar as urgências sociais do País, relacionadas a nossas desigualdades sociais, conclamando o(a) leitor(a) a uma tomada de posição. Seu ponto de partida são matérias recentes sobre dificuldades dos haitianos no País, como a notícia lida ainda há pouco.

A estratégia argumentativa da autora pode ser descrita, resumidamente, nos seguintes termos:

- Numa espécie de depoimento em primeira pessoa, a jornalista evoca a sabedoria popular, dando voz a um provérbio, repetido por sua mãe, que enaltece o valor da paciência para uma vida feliz.
  Logo em seguida, contrasta esse mundo com a pressa e a velocidade contemporâneas, com a consequente dificuldade de preservar, hoje, a esperança, a paciência e a humanidade. As referências a "este mundo acelerado" — assim como às injustiças que o caracterizam, abordadas por ela mais adiante — constituem, então, o **Dado (D)** da argumentação da

autora. Nesse mesmo momento, uma nova voz se faz ouvir: a canção "Dias melhores", de Jota Quest, referida por meio de um de seus versos, e que anuncia a direção argumentativa pretendida por Mônica Francisco: a luta pela igualdade social. Se houver tempo para tanto, leve para a sala de aula a letra da canção (https://cutt.ly/pkwGddX).

- Mencionando a "outra parte da mesma canção", no segundo parágrafo, a jornalista traz à cena a falta da paz, cantada por Jota Quest, típica de nossas grandes e médias cidades. E compara essa carência de humanidade à crise hídrica da região Sudeste, provocada, segundo especialistas nacionais e internacionais, por má gestão desse recurso natural. Essa perspectiva da luta pela paz e pela felicidade é a primeira **Justificativa (J)** dada para a conclusão a que se chegará.

- Nos três parágrafos seguintes, o artigo aponta o noticiário da mídia e os relatórios de organizações internacionais, que, informando sobre torturas, assassinatos diários e tiroteios que amedrontam favelas cariocas, evidenciam nossa violência urbana cotidiana. Lembrando que não estamos em situação de guerra declarada, Mônica denuncia o ritmo inaceitavelmente veloz dessas mortes, assim como o seu caráter de limpeza étnica.

- Do sexto ao oitavo parágrafos, a violência seletiva (por só se abater sobre negros, não-brancos, pobres e desfavorecidos) das cidades brasileiras aparece nas vozes tanto dos que defendem posições higienistas e xenofóbicas, quanto nos discursos que mascaram a nossa violência pela ideologia da miscigenação e do caráter supostamente pacífico e cordial do brasileiro.

- Nos dois parágrafos seguintes, a articulista atualiza a discussão, referindo-se, de um lado, a episódios recentes como os espancamentos e disparos contra haitianos; e, de outro, aos "protestos de domingo" (20/08/2015), supostamente promovidos pelas classes médias das grande cidades e interpretados pela jornalista como em defesa de "privilégios seculares".

- Portanto, do terceiro ao nono parágrafos o artigo traz à tona uma série de informações sobre violência, desigualdade e discriminação no Brasil. Todas elas funcionam como **Justificativas (J)** que, dando **Suporte (S)** umas às outras, apontam para uma urgência: "Isto tudo precisa de alguma maneira ser estancado". Assim, esta é a **Conclusão (C)** do artigo, conclamando o leitor e o auditório envolvidos no debate a se posicionarem.

- Um P.S. (abreviatura latina para post scriptum, "depois do escrito") e um conjunto de palavras de ordem, no rodapé do texto, lembram o leitor que a discussão não se encerra ali.

A argumentação desenvolvida no artigo revela-se, portanto, própria de alguém diretamente envolvido nas questões abordadas e combativamente participante. Articulista do *Jornal do Brasil* , Mônica Francisco de fato atua em organizações não governamentais que apoiam populações de comunidades populares e/ou em situação de risco. Em seus artigos, combate todas as formas de exclusão e discriminação social, assim como os efeitos negativos da especulação imobiliária e da ocupação desordenada do espaço urbano (gentrificação). Assim, você pode estimular seus alunos a perceber as estratégias argumentativas da autora, aqui analisadas, como uma manifestação de sua atuação profissional e cidadã.

2ª etapa

Na atividade anterior foi trabalhada a argumentação. Agora, você irá ajudar sua turma a exercitar a contra-argumentação.

Contra-argumentação

atividades

- Estimule os alunos e as alunas a que se contraponham aos argumentos do artigo "Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo", assumindo pontos de vista diferentes ou mesmo contrários aos de Mônica Francisco.

- Em linhas gerais, os alunos e as alunas deverão tomar os dados de realidade apontados pela autora como sinais ou exemplos de problemas sociais que poderiam ser encarados e solucionados de outras formas. É possível argumentar, por exemplo, no sentido de que a questão dos refugiados haitianos mereceria um tratamento à parte, por suas particularidades. Há quem pense, ainda, que a violência urbana não atinge só as camadas populares, assumindo formas próprias em diferentes camadas sociais. De acordo com muitas pesquisas, a violência doméstica atravessa todos os estratos sociais, dos mais ricos aos mais pobres. E a exclusão e a discriminação também atingiriam gays, mulheres, idosos e deficientes, independentemente de seu status. Assim, seria possível, a título de exemplo, a) alegar que o artigo lido deixa de lado

questões relevantes para a discussão da violência; b) apontar e discutir esses outros aspectos do fenômeno; c) argumentar no sentido de que tratar de refugiados e violência urbana num só artigo impede de tratar cada uma dessas questões com o interesse que merece etc.

▷ Chame a atenção das alunas e alunos para a necessidade de, uma vez decidido o assunto a ser tratado, estabelecerem a tese (firmando claramente, portanto, o ponto de vista que dará coerência a todo o artigo) e de elaborarem os argumentos que a defenderão. Recomende, então, que pesquisem, em livros, revistas, jornais e internet diferentes opiniões e estudos sobre o tema escolhido.

▷ Divida a turma em pequenos grupos. Peça às alunas e aos alunos que conversem sobre a(s) tese(s) e os possíveis argumentos que utilizariam. Os(as) alunos(as) devem registrá-los para, num momento posterior, apresentá-los à classe. Lance questões para ajudá-los nesse desafio:

- A jornalista abordou todas as formas de violência e/ou injustiça social? Discutiu os problemas apontados com a devida consistência? Defendeu pontos de vista sempre corretos e aceitáveis? De acordo com a autora, "não estamos em guerra"; será? Há quem diga o contrário...
- Homens, mulheres e gays vivem a realidade de que o artigo trata da mesma forma? Adultos, jovens e crianças sofrem os efeitos da violência da mesma maneira? Refugiados e favelados podem ser considerados em pé de igualdade?

- Aquecidos pela discussão, as alunas e alunos deverão escrever um artigo de opinião que se contraponha ao de Mônica Francisco.

- Para isso, podem começar o artigo referindo-se ao texto e/ou a sua autora: "Em artigo publicado no Jornal do Brasil, Mônica Francisco afirma que precisamos estancar a violência contra os refugiados haitianos e setores desfavorecidos da população. Entretanto…".

- Lembre a turma que, ao escrever um artigo de opinião, o(a) articulista(a) deve conhecer os argumentos dos opositores e dialogar com eles, antecipando possíveis críticas. Dessa forma, pode contestar de modo mais eficaz os pontos de vista contrários aos seus, convencendo o(a) leitor(a) de sua posição. Nesse sentido, o artigo a ser produzido deve dialogar intensamente com as opiniões de Mônica Francisco e/ou de autores(as) que defendem as mesmas ideias.

123
pontos de vista

Sustentação de uma tese

objetivos

- Construir argumentos para defender uma tese.

prepare-se!

Nesta oficina, você tomará contato com diferentes tipos de argumento. Fique atento para ajudar seus alunos e alunas a perceber que a escolha dos tipos de argumento mais convincentes depende do auditório.

1ª etapa

Tipos de argumento

atividades

Para melhor entender como os argumentos e a justificativa que sustentam o artigo de opinião se relacionam com o tema e o público a que se destina, consulte o texto abaixo:

Para saber mais

Sobre o argumento

Para escrever um artigo de opinião é preciso, antes de tudo, ter uma tese muito clara para defender diante de uma questão polêmica. Afinal, toda a organização textual do artigo, assim como sua consistência, estarão subordinadas à defesa dessa tese. Por isso, todo o artigo deve poder ser resumido por um argumento central. É com esse argumento que o autor articula sua opinião pessoal (a tese ou a conclusão de seu raciocínio e os dados e as justificativas que a sustentam).

Portanto, para escrever um bom artigo de opinião, é necessário utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, pois são mais fortes e convincentes. O autor do artigo tem de informar ao leitor quais as razões que o levaram a tomar determinada posição, evitando motivos superficiais ou sem justificativa, do tipo: "porque ninguém que eu conheço discorda", "porque ouvi dizer", "porque todo mundo pensa assim", "porque na vizinhança todos dizem" etc.

O articulista precisa, então, definir seus argumentos de acordo com o tema escolhido e, portanto, também de acordo com o público (o auditório) para quem escreve: um artigo para um jornal de economia, por exemplo, deverá apoiar-se em conceitos e valores da área, assim como em dados estatísticos, entre outros; para defender uma lei que esteja sendo criada, um articulista deve citar exemplos de situações em que a sua aplicação trouxe melhorias; num debate sobre novos costumes, terá de evocar valores, lembrar dados históricos, fazer análises comparativas; e assim por diante. Quanto mais o articulista dominar o tema sobre o qual está escrevendo e conhecer o perfil e as expectativas do auditório a quem se dirige, maiores serão as chances de ele elaborar uma estratégia argumentativa eficaz.

Parte dessa estratégia consiste em perceber com precisão que tipo(s) de argumento pode(m) funcionar melhor no contexto do debate. Com base na relação lógica estabelecida entre os dados, as justificativas e a conclusão ou tese, tem-se um tipo de argumento.

Faça uma leitura comentada para que sua turma conheça os diferentes tipos de argumento, conforme a relação a seguir:

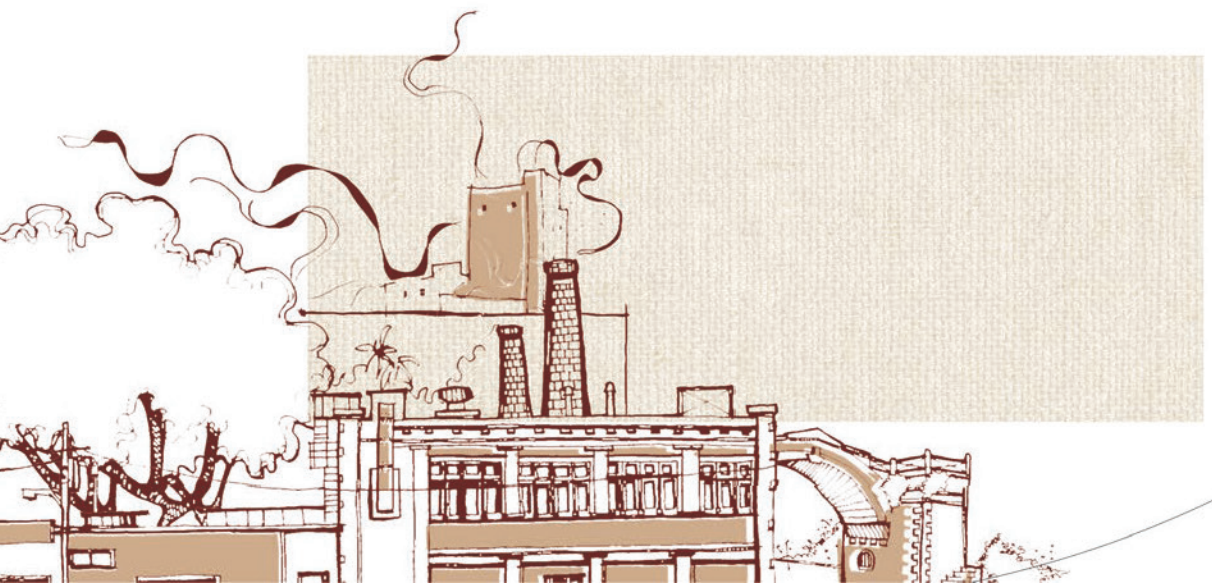
Argumento de autoridade

Explicação

No argumento de autoridade, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] defendida a respeito de certos dados [D], pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área [J].

Exemplo

No livro didático X, as personagens que praticam boas ações são sempre ilustradas como loiras de olhos azuis, enquanto as más são sempre morenas ou negras [D]. Podemos dizer que o livro X é racista [C], pois, segundo o antropólogo Kabengele Munanga, do Museu de Antropologia da USP, ilustrações que associam traços positivos apenas a determinados tipos raciais são racistas [J].



Argumento por evidência

Explicação

No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão [C], justificando-a por meio de evidências [J] de que ela se aplica aos dados [D] considerados.

Exemplo

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) de 2008, o telefone, a televisão e o computador estão entre os bens de consumo mais adquiridos pelas famílias brasileiras [D]. Esses dados mostram que boa parte desses bens de consumo está ligada ao desejo de se comunicar [C]. A presença desses três meios de comunicação entre os bens mais adquiridos pelos brasileiros é uma evidência desse desejo [J].

Argumento por comparação (analogia)

Explicação

No argumento por comparação, o argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão [C] com base em fatores de semelhança ou analogia [J], evidenciados pelos dados [D] apresentados.

Exemplo

A quebra de sigilo nas provas do Enem 2009, denunciada pela imprensa, nos faz indagar quem seriam os responsáveis [D]. O sigilo de uma prova do Enem deve pertencer ao âmbito das autoridades educacionais – e não da imprensa [C]. Assim como a imprensa é responsável por seus próprios sigilos, as autoridades educacionais devem ser responsáveis pelo sigilo do Enem [J].

Argumento por exemplificação

Explicação

No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão [C] em exemplos representativos [D], dos quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la [J].

Exemplo

Vejam os exemplos de muitas experiências positivas – Jundiaí (SP), Campinas (SP), São Caetano do Sul (SP), Campina Grande (PB) etc. – sistematicamente ignoradas pela grande imprensa [D]. Tantos exemplos levam a acreditar [J] que existe uma tendência predominante na grande imprensa do Brasil de só noticiar fatos negativos [C].

Argumento de princípio

Explicação

No argumento de princípio, a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D], por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.

Exemplo

A derrubada dos índices de mortalidade infantil exige tempo, trabalho coordenado e planejamento [J]. Ora, o índice de mortalidade infantil de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi o que mais caiu no país [D]. Portanto, São Caetano do Sul foi o município do Brasil que mais investiu tempo, trabalho coordenado e planejamento na área [C].

Argumento por causa e consequência

Explicação

No argumento por causa e consequência, a tese ou conclusão [C] é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência [J] dos dados [D].

Exemplo

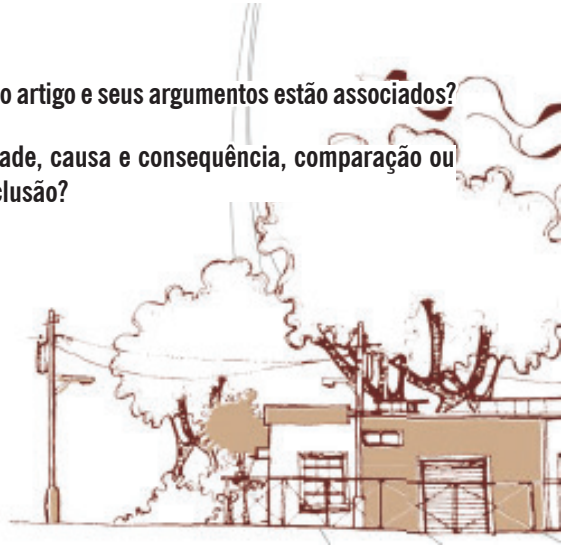
Não existem políticas públicas que garantam a entrada dos jovens no mercado de trabalho [D]. Assim, boa parte dos recém-formados numa universidade está desempregada ou subempregada [C]. O desemprego e o subemprego são uma consequência necessária das dificuldades que os jovens encontram de ingressar no mercado de trabalho [J].

- Proponha à turma a utilização do jogo "Q.P. Brasil". Para isso, observe que no verso do tabuleiro há uma tabela na qual os alunos e alunas poderão colocar os argumentos referentes a uma das questões polêmicas, de acordo com os tipos aqui apresentados. Divida a classe em grupos, solicite a cada grupo que escolha uma questão polêmica e dê-lhes um tempo para preencher a tabela. Em seguida, um grupo analisa a tabela do outro e sugere modificações. Outra opção é fazer o que propõe a atividade 2 do Manual do jogo "Q.P. Brasil" (https://cutt.ly/gkddsTI).

- Em seguida, organize a classe em duplas. Selecione um dos artigos da **seção Coletânea** e, depois de lê-lo coletivamente, peça a turma que identifique o argumento central do artigo e o classifiquem com base nos "Tipos de argumento".

Você pode ajudá-los fazendo perguntas do tipo:

- **A que área ou setor (educação, política, ciência, economia etc.) o artigo e seus argumentos estão associados?**
- **Qual é a relação lógica (de princípio, exemplificação, autoridade, causa e consequência, comparação ou evidência) que se estabelece entre dados, justificativas e conclusão?**
- **Como vocês chegaram a esse resultado?**
- **Há alguma indicação no texto para essa resposta?**



Procure mostrar a seus alunos e alunas que, na elaboração do texto argumentativo, a ordem dos fatores altera o produto, mas não elimina a argumentação; apenas produz efeitos diferentes sobre o auditório. O autor pode escolher "ir direto ao ponto", apresentando sua tese ou conclusão logo de cara. Já num contexto em que o argumentador considera que seus adversários ignoram um princípio fundamental, pode preferir começar o texto lembrando ao público, antes de tudo, esse mesmo princípio com base no qual tentará convencer o auditório de uma tese. Por fim, o autor pode entrar num debate apresentando, em primeiro lugar, os dados em que se baseará para desenvolver o texto. É o caso, por exemplo, da descrição ou análise de determinada situação, diante da qual o articulista irá, num momento posterior, se posicionar.

Reforce que nem sempre os componentes de um argumento aparecem escritos com "todas as letras", podendo estar subentendidos. Cabe ao leitor, portanto, perceber quando isso ocorre e resgatar essas "partes" que compõem o argumento em sua totalidade.

2ª etapa

Produção de texto

Chegou a hora de colocar em prática a teoria que você viu nesta oficina: como escolher diferentes tipos de argumentos que possam convencer o auditório a aderir à tese que está sendo defendida?

Para isso, sugerimos uma discussão a respeito da seguinte pergunta:

Grafite é uma forma de arte?

Para iniciar a reflexão com a turma, sugerimos a exibição de trechos de dois documentários que retratam os universos do grafite e da pichação. Ambos estão disponíveis no YouTube:

- **Cidade cinza: O longa-metragem de 2013 conta a história de uma parede de grafites na Avenida 23 de Maio que foi apagada pela prefeitura de São Paulo. A partir do episódio, os diretores Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo entrevistam grafiteiros, governantes e a população para traçar um panorama sobre a história do grafite e também discutir a relação controversa que essa manifestação urbana têm com poder público (https://cutt.ly/ckdgbUI).**

- **Pixo: No filme de Roberto T. Oliveira e João Wainer (2009), a pichação é retratada como expressão cultural de grupos marginalizados nas grandes cidades. É também vista como elemento agregador, que garante identidade e voz a esses grupos (https://cutt.ly/akdgBZo).**

Depois de assistir a trechos dos dois filmes, disponíveis no YouTube, faça uma roda de conversa com a turma para traçar as diferenças e semelhanças entre a pichação e o grafite. Vale a pena ressaltar que ambas são formas de expressão que surgem em grandes aglomerados urbanos, nos quais a desigualdade social é mais evidente e em que as características individuais se diluem na rotina apressada e no grande contingente populacional. Trata-se de uma apropriação política do espaço da cidade, muitas vezes marcado pelo cinza do concreto e pelo excesso de informações.

3ª etapa

Repertório de argumentos

atividades

Indique ainda que apesar das semelhanças, o grafite é mais bem aceito por parte da sociedade do que a pichação, que tende a ser entendida, na maior parte das vezes, como vandalismo. Ainda assim, grafite pode ser visto como uma forma de arte e, como tal, deve transgredir limites e questionar as regras impostas? Ou, apesar do colorido que confere à imensidão cinza, por vezes, viola a propriedade privada, não agrada ao gosto de todos e, uma vez que se distribui de forma desordenada por muros, pontes e outros suportes, não deve ser tolerado?

Os seguintes textos de apoio devem basear a discussão:

1. "A arte é sobre o que não sabemos e por isso deve poder ser transgressora, indefinida, incompreendida, subjetiva. Sociedade que não tem isso é uma sociedade pobre, sem alma e sem potencial criativo. Incompreendido hoje pode ser o gênio de amanhã. Uma sociedade sem transgressores é uma sociedade burra." (Nexo Jornal, 16 de setembro de 2017).

2. "(...) Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional." (Lei de crimes ambientais, Lei nº 9.605/98)

3. Também conhecidos como "Arcos do Jânio", os Arcos da Rua Jandaia foram pichados na madrugada de sábado, 5, na Bela Vista, no centro expandido da cidade de São Paulo. Parte da ação foi registrada por equipamentos do programa City Câmeras da Prefeitura. O procedimento durou ao menos 30 minutos.

Nas imagens, um homem aparece preso a uma corda (como se estivesse praticando rapel) enquanto escreve as iniciais "BTH" com tinta branca, contornadas por tintas preta e azul. O sistema mostra, ainda, que havia uma viatura da Guarda Civil Metropolitana (GCM) estacionada próxima ao local no momento da ação - que começou às 3h37.

A Prefeitura informou, em nota, que a limpeza do local está sendo feita. "Uma equipe do Departamento do Patrimônio Histórico acompanha o trabalho para, assim, preservar as características originais deste bem histórico", declarou. (O Estado de S. Paulo, 7 de maio de 2017).

4. O prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), afirmou neste sábado, 14, que vai retirar todos os grafites na área conhecida como "Arcos do Jânio" e também limitar as obras expostas na Avenida 23 de Maio, na zona sul da capital paulista, onde participou da terceira ação do Cidade Linda, programa de zeladoria da gestão. Desta vez, o prefeito deixou a vassoura de lado e se vestiu de operador de motocompressor.
   Doria trocou o uniforme verde de gari, usado nos dois atos anteriores, pelo laranja. Com o motocompressor, óculos de proteção, máscara e avental, apagou pichações de uma mureta da 23 de Maio. "Pintei com enorme prazer três vezes mais a área que estava prevista para pintar exatamente para dar a demonstração de apoio à cidade e repúdio aos pichadores", disse. Ao fim, o sapato Osklen ficou todo salpicado de tinta.
   Apesar de reconhecer "grafiteiros e muralistas" como artistas, o prefeito afirmou que vai limitar as obras espalhadas pela 23 de Maio. "Os grafites serão mantidos em oito espaços já definidos previamente pela Secretaria de Cultura. Os demais, que já estão envelhecidos ou infelizmente foram mutilados por pichadores, serão pintados." (O Estado de S. Paulo)

5. **Vocês vivem numa queda de braço com a prefeitura, que costuma apagar grafites de vocês dos muros da cidade.**
   Cara, nem temos muito o que falar sobre isso. Chegamos a ir lá falar com eles na gestão do Kassab, mas continuaram apagando nossas coisas. Nosso recado já foi dado. Vamos continuar fazendo. Não vamos deixar de falar o que queremos falar. Isso é certo. Só não entendo como eles podem se preocupar com grafite com tantos outros problemas por aí. Eles vão lá e passam a tinta cinza, paga pela própria população. (Entrevista da dupla osgemeos para a Revista Trip, 15/7/2013).

6. Desde o início do mês, um tema tem dominado as conversas nos bares e os debates na imprensa de Nova York: a passagem do artista de rua britânico Banksy pela cidade.

(...)

Famoso por manter sua identidade em segredo e pelo humor crítico, Banksy iniciou em 1º de outubro o projeto "Better Out Than In", uma residência de um mês em Nova York.

A cada dia, uma nova obra aparece em algum canto da cidade, atraindo imediatamente pequenas multidões de fãs munidos de câmeras e celulares e provocando reações apaixonadas.

(...)

O trabalho mais recente (até a conclusão desta matéria), revelado na segunda-feira em um muro no sul do Bronx, traz a figura de um menino escrevendo com uma lata de spray a frase "Ghetto 4 Life" ("gueto para toda a vida"), enquanto um mordomo segura uma bandeja com mais latas.

A frase gerou debate entre os moradores do bairro – o mais pobre de Nova York e famoso por seus grafites – e foi recebida com estranheza por alguns.

Segundo a imprensa, os proprietários do local já estavam em busca de ajuda para proteger a obra de depredações e evitar o destino de outros trabalhos de Banksy na cidade.

No domingo, a figura de um menino segurando um martelo desenhada em uma parede do Upper West Side sofreu uma tentativa de depredação poucas horas depois de descoberta. O ataque foi impedido por pessoas que passavam pelo local.

No Brooklyn, uma porta de ferro foi colocada em frente à parede com um grafite de Banksy, que havia sido depredado e, posteriormente, restaurado por moradores na semana passada. Apesar de admitirem que o proprietário talvez esteja bem intencionado, nova-iorquinos e turistas que foram até o local reagiram com indignação por não conseguir ver a obra.

(...)

Nessas três semanas em Nova York, Banksy conquistou admiradores e inimigos.

Na quinta-feira passada, o jornal New York Post anunciou em sua manchete que a polícia de Nova York estava à caça do artista.

Nos dias seguintes, integrantes do Departamento de Polícia negaram a informação, mas o prefeito Michael Bloomberg criticou o trabalho do artista e disse que "o grafite desfigura propriedades e é um sinal de decadência e perda de controle".

"Não é minha definição de arte", afirmou o prefeito. "Ou talvez seja arte, mas não deveria ser permitido.

E acho que é exatamente isso que a lei diz."
As reações negativas não vêm apenas das autoridades, mas também de grafiteiros locais. Além dos que reagem com violência, depredando as obras do britânico, e dos que tentam se fazer passar por Banksy, há os que preferem recorrer ao humor.

O TrustoCorp, grupo anônimo de arte de guerrilha, colocou cartazes pela cidade ironizando o fato de, apesar da postura de artista rebelde, Banksy ser multimilionário. (BBC, 22 de outubro de 2013).

Imagens com licença Wikimedia Commons podem ilustrar a coletânea:

- Procure realizar a leitura da coletânea orientando-se pela tabela com os tipos de argumentos que vimos anteriormente. Em cada texto, é possível identificar quais tipos de argumento? Além disso, eles contribuem para sustentar qual tese? Grafite é uma forma de arte ou é vandalismo e violação do patrimônio público?

- Você pode dividir a lousa em duas partes e pedir aos alunos que, com base na coletânea, enumerem seus argumentos de modo a se posicionar sobre a questão.

4ª etapa
A construção da opinião

atividades

- Após as atividades de leitura crítica e debate, peça à turma que elabore parágrafos argumentativos nos quais eles e elas se posicionam a respeito do tema e, ao mesmo tempo, lançam mão de algumas das estratégias vistas na oficina: argumento de autoridade, argumento por evidência, argumento por comparação (analogia), argumento por exemplificação, argumento de princípio e argumento por causa e consequência.

- As produções podem ser revisadas por você e reescritas pelos(as) alunos(as) antes de formar um painel de opiniões a respeito do assunto na escola, em um local de circulação de pessoas. Neste painel, os e as estudantes também podem registrar o processo de debate e incluir trechos da coletânea, imagens de grafites, cenas dos documentários e outras notícias que tenham pesquisado.

oficina 10

Como articular

objetivos

- Perceber articulações, ou seja, relações e/ou vínculos entre partes diferentes de um texto argumentativo.
- Conhecer e usar expressões que tornam um texto argumentativo articulado.

prepare-se!

Sua turma irá trabalhar com elementos articuladores comumente usados em artigos de opinião. Para isso é imprescindível que você organize o material com antecedência, tire cópias das tabelas e recorte as fichas.

Atenção, professor(a)!

Até aqui foram levantados alguns elementos constitutivos do artigo de opinião: a identificação de uma questão polêmica, a tomada de posição favorável ou contrária e a apresentação dos argumentos. Esses elementos estão vinculados entre si, ao longo do artigo, pelos articuladores – palavras ou expressões cuja função específica é exatamente estabelecer e deixar evidentes as relações entre diferentes partes do texto, não permitindo que o leitor perca o fio da meada. Assim, podem conectar ideias no interior de uma única oração. Mas podem também estabelecer relações entre períodos, parágrafos e partes do texto, às vezes distantes entre si.

As próximas atividades têm como objetivo orientar os alunos e alunas a identificar esses elementos, perceber suas funções e usá-los apropriadamente.

1ª etapa

Articuladores

atividades

- Uma sugestão é trabalhar com a turma o jogo de aprendizagem Pontos de Vista (https://cutt.ly/qkdky05), sobretudo a fase Participação Política.

- Para que seus alunos e alunas reconheçam a importância do uso de elementos articuladores na construção do artigo de opinião, realize a atividade fazendo cópias da tabela "Elementos Articuladores" . Recorte nas linhas pontilhadas e coloque em envelopes – um conjunto completo em cada envelope. Após dividir a classe em duplas ou trios, proponha para a turma o seguinte jogo:

  - **Distribua os envelopes entre os grupos, então, peça aos e às estudantes que organizem dez pequenos textos argumentativos coerentes e consistentes, usando as fichas do envelope. Para tanto, eles e elas precisarão prestar muita atenção aos tipos de relação entre os fragmentos fornecidos, para descobrir que aqueles que estão na coluna do meio da tabela são os articuladores, ou seja, os termos capazes de estabelecer essas relações.Uma dica suplementar: sugira-lhes que fiquem atentos à pontuação na hora de verificar que fragmento pode estar articulado a outro.**

  - **Quando todos tiverem terminado, solicite-lhes que leiam em voz alta e discuta com eles e elas se constituem ou não, em cada caso, bons textos argumentativos. Em qualquer dos casos, reforce bem as razões, chamando a atenção para o papel dos articuladores.**

Lembrete

Ao trabalhar com a tabela impressa, os alunos não devem ter acesso ao modelo pronto, para não transformarem a atividade em um jogo de formar frases.

Elementos articuladores

Tabela para a atividade

Devemos ajudar nossos pais,	pois, sem dúvida,	a cooperação é um valor fundamental para a convivência familiar.
As propagandas mostram produtos atraentes indispensáveis para a nossa vida,	mas	cabe ao consumidor analisar aquilo de que realmente necessita e selecionar o que é bom.
O fumo faz mal à saúde.	Portanto,	as pessoas deveriam parar de fumar.
A água doce, por causa dos abusos cometidos, poderá acabar em nosso planeta.	Assim,	é preciso definir algumas regras para o uso racional da água.
A limpeza de terrenos e casas é necessária para impedir a propagação do mosquito da dengue.	Além disso,	é importante que se faça campanhas de conscientização para que as pessoas não deixem que a água se acumule em vasos e outros recipientes.
Se o desmatamento não diminuir,	é provável	que a Amazônia se transforme em um imenso deserto.
É indispensável que se intensifiqem campanhas de coleta seletiva de lixo nas escolas, famílias e comunidade,	pois dessa forma	a responsabilidade cidadã crescerá entre os moradores.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Primeiramente,	está comprovado que os crimes hediondos não deixaram de ocorrer nos países que a adotaram.
A pena de morte não é solução para a criminalidae.	Em segundo lugar,	porque muitos dos que foram executados tiveram, posteriormente, sua inocência comprovada.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Finalmente,	não matar os semelhantes é um princípio ético fundamental.

2ª etapa

Produção de artigos

atividades

- Divida a classe em pequenos grupos, e diga-lhes que irão escrever um texto breve inspirado por uma questão polêmica. Por exemplo: "Deve ou não haver restrições à oferta de alimentos com alto teor de açúcar, gordura e/ou sódio nas cantinas escolares?".
- Proponha aos grupos que discutam a questão, cheguem a um consenso e articulem o texto usando expressões como as sugeridas no quadro "*Elementos articuladores*".
- Projete o quadro "*Elementos articuladores*" e peça a cada grupo que eleja um(a) redator(a) para escrever o texto.

Para saber mais

Elementos articuladores

Uso	Expressões
Tomar posição	Do meu ponto de vista; na minha opinião; pensamos que; pessoalmente acho
Indicar certeza	Sem dúvida; está claro que; com certeza; é indiscutível
Indicar probabilidade	Provavelmente; me parece que; ao que tudo indica; é possível que
Indicar causa e/ou consequência	Porque; pois; então; logo; portanto; consequentemente
Acrescentar argumentos	Além disso; também; ademais
Indicar restrição	Mas; porém; todavia; contudo; entretanto; apesar de; não obstante
Organizar argumentos	Inicialmente; primeiramente; em segundo lugar; por um lado; por outro lado
Preparar conclusão	Assim; finalmente; para finalizar; por fim; concluindo; enfim; em resumo

oficina 11

Vozes presentes no artigo de opinião

objetivos

- Identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage.

prepare-se!

Para realizar essa atividade é imprescindível que você conheça o texto aqui analisado e saiba reconhecer as vozes nele presentes.

1ª etapa

Um artigo tem...

Sobre a oficina

Nesta oficina, vamos trabalhar com o texto "Tá com dó do refugiado? Leva pra casa…", que se encontra na **seção Coletânea**. A questão polêmica a que o texto se refere é parte de um debate mais amplo, sobre os direitos dos migrantes e, em especial, dos refugiados. Se quisermos formular essa questão em formato de pergunta, a exemplo do que fazem alguns jornais, teremos algo como: "Devemos exigir que o Estado desenvolva políticas públicas que garantam os direitos de migrantes e refugiados?".

Já pelo título escolhido, o jornalista Leonardo Sakamoto entra no debate "citando" uma fala bastante ouvida em lugares do País em que refugiados e migrantes — bolivianos, haitianos e sírios, principalmente — estão mais presentes.

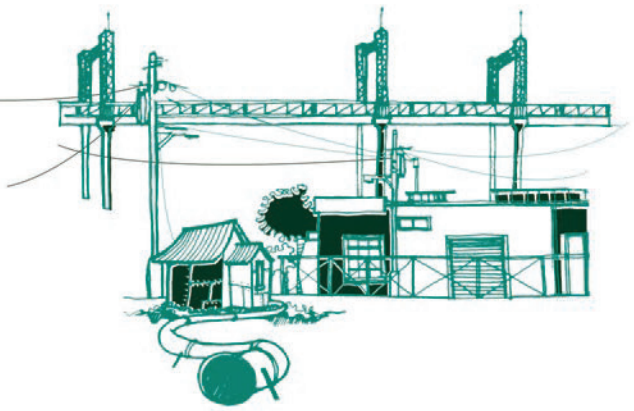
As atividades propostas procuram levar os e as estudantes a perceberem que um artigo de opinião tende a reproduzir, no corpo de seu próprio texto, o debate no qual se insere. Nesse sentido, costuma referir-se e/ou citar diversas "vozes", frequentemente na forma de falas, informações e/ou posições representativas de diferentes protagonistas do debate, e que o argumentador aponta como aliados, adversários, ou, ainda, como parte do auditório. No primeiro caso, a voz de um aliado tem a função de apoiar a tese defendida. Já a voz de um adversário, representa um contra-argumento possível (como referido nas Oficinas 7 e 8) e vem mencionado

pelo articulista para ser refutado. O auditório aparece, muitas vezes, nas referências ao leitor, ao cidadão, à comunidade, ao País, à Humanidade etc. De maneira geral, o auditório representa, no debate, o conjunto dos interlocutores que o argumentador quer convencer, ou, ainda, a opinião pública, conforme explicado na Oficina 2.

Para saber mais

As vozes de um texto

O termo "voz" não se refere apenas ao discurso, oral ou escrito, de indivíduos e instituições. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos de diferentes ciências também são considerados vozes, na medida em que são assumidos socialmente por especialistas e/ou instituições que funcionam como protagonistas de um discurso. Num texto argumentativo, as vozes assumem funções específicas, e tendem a se organizar como num debate.



atividades

- Prepare a turma para a leitura do artigo "Tá com dó do refugiado? Leva pra casa…". É importante que você lhes ofereça algumas "pistas" do texto que irão ler, para que tenham melhor condição de fazer a análise.
- Inicie dizendo que a **finalidade** dessa leitura é descobrir as diferentes "vozes" presentes no texto. Explique-lhes o que são as "vozes" que deverão identificar.

- Faça perguntas sobre o **título** do artigo. Leve as alunas e os alunos a perceberem que, por aparecer entre aspas, o título já se reporta a uma voz que não é a do articulista. Pergunte se já ouviram ou leram, em algum lugar, frases semelhantes. Em caso positivo, explore um pouco o contexto em que esse tipo de frase ocorreu, assim como as pessoas envolvidas. Pergunte, também, se, pelo título, dá para se ter uma ideia não só do assunto que será tratado mas ainda das posições que o autor defenderá a respeito.
- Chame a atenção para o veículo do artigo: Blog do Sakamoto. Pergunte se eles e elas têm alguma informação a respeito, e estimule-os(as) a pesquisar, argumentando sobre a relevância de conhecermos características de um veículo – como sua história e/ou a imagem pública a que um blog e/ou seus autores estão associados – para aprofundar a leitura dos textos que ele difunde.
- Faça perguntas sobre o **gênero**. Como vocês já estão trabalhando com artigo de opinião, é provável que os alunos antecipem que o texto trará uma questão polêmica e argumentos diversos. Com base no que discutiram sobre o título, pergunte qual pode ser a questão polêmica, e se é possível formular boas hipóteses a respeito da tese do artigo. Essa exploração preliminar poderá ser cotejada, ao final, com os resultados da análise que, com base nas orientações aqui fornecidas, vocês farão coletivamente.
- Chame a atenção dos alunos para os créditos relativos ao autor, ao final do artigo. Discuta com eles se essas informações são ou não relevantes para o leitor. Pergunte quais delas pareceram mais importantes, e por quê.

- Anuncie que o novo artigo é diferente dos demais, na forma como conduz sua argumentação. Peça que procurem "descobrir", durante a leitura, que diferença seria esta.
- Depois dessa preparação para a leitura, divida a classe em grupos e projete o artigo. Se quiser, leia-o em voz alta para os alunos.

2ª etapa

As vozes no artigo

atividades

- Instigue a turma com perguntas que os levem a perceber, no texto, as diferentes vozes. Escreva na lousa ou projete as questões abaixo e peça-lhes que, em pequenos grupos, releiam o texto, discutam as questões e localizem as respostas. Identificar os trechos que contenham elementos que ajudem a responder às perguntas é uma boa estratégia de aprendizagem.
  - **Qual é o ponto de partida (D) da argumentação?**
  - **Qual é a posição ou tese (C) do articulista sobre a questão?**
- Para construir seus argumentos (J), Sakamoto tanto recorre a vozes que lhe são favoráveis . quanto analisa e contesta (R) vozes que lhe são contrárias. Peça aos alunos e às alunas que identifiquem os trechos correspondentes.
- Para finalizar, um representante de cada grupo lerá para a classe as respostas elaboradas, cabendo a você promover, como fechamento da atividade, uma discussão coletiva capaz de estabelecer consensos e de chegar a resultados satisfatórios.
- Para ajudar no trabalho de sala de aula, a reprodução do artigo a ser analisado vem, aqui, acompanhada de um comentário geral e de observações pontuais, distribuídas ao longo do texto. Clique nas setas para ler esses comentários.

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto
8/9/2015

1 “Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

Ao citar a frase entre parênteses, Sakamoto dá voz a uma opinião corrente de parte da população brasileira sobre refugiados. E ao manifestar sua crítica a respeito, anuncia uma segunda voz: a posição que pretende defender no artigo.

2 É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

As duas posições/vozes são retomadas. A posição defendida pelo articulista se explicita, em favor de políticas específicas para os refugiados. Em contraposição, reaparece a voz dos que “viram bicho” diante dessa opinião.

3 Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!”

4 Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Novamente citadas, as duas posições/vozes são atualizadas em relação à “última crise de refugiados na Europa” e seu contexto político nacional e internacional.

O jornalista interpela diretamente o leitor a respeito da situação referida no parágrafo anterior. Ao mesmo tempo, põe em cena duas novas vozes em contraste: a das redes sociais, com seus filtros cor-de-rosa, e a de Ziraldo, autor e um livro infantil, *Flicts*, que defende o direito de um lugar ao sol para toda e qualquer diferença.

No livro, flicts é uma cor que, por ser diferente e única, não encontra um lugar próprio, seja no arco-íris, seja em uma bandeira qualquer. Mas acaba se reconciliando com sua singularidade; e, assim, conquista o seu posto.

5 Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Dando à questão dos refugiados uma dimensão internacional, o autor menciona as boas iniciativas individuais; mas aponta para a responsabilidade do Estado, na questão. E contrapõe a voz de "quem acha que o Estado é um simples entrave" à daqueles que o concebem como um instrumento "que construímos para impedir que nos devoremos".

6 Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo uma caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Duas vozes oficiais distintas são confrontadas: a do atual "Estatuto do Estrangeiro" e a "nova lei brasileira de migração", qualificada no artigo como mais humanitária. Sakamoto conclama o Estado brasileiro a aprovar o mais rápido possível a nova lei, argumentando, em sua defesa, que "migrantes geram riquezas para seus novos países".

Ao afirmar que "uma mentira contada mil vezes vira verdade", o jornalista alude a uma nova voz: a de Joseph Goebbels, célebre ministro da propaganda da Alemanha nazista e autor da frase citada. Assim, o articulista aponta o que há de nazista na posição dos que divulgam mentiras, como a de que imigrantes são um estorvo econômico, com a intenção de fazê-las passar por verdades.

7 Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-pra-casa>.

A conclusão aparece em primeira pessoa, na voz do próprio autor, dirigindo-se a seus oponentes. Se formulada em terceira pessoa, como é o usual nos artigos de opinião, a conclusão seria algo como: "Aqueles que têm medo do suposto perigo dos refugiados devem sentir-se numa selva. Devem, portanto, ser dignos de dó".

Leonardo Sakamoto *é jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de Jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York, é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão.*

- Para que seus alunos compreendam melhor e "curtam" o artigo, certifique-se de que certos termos e expressões, entre ele os destacados no texto, tenham sido bem compreendidos: *pautas do Congresso; temperança; passionalidade; clamor público; furor dos acontecimentos; leis casuísticas; panaceia etc*. Se quiser, recorra à edição eletrônica do Dicionário Caldas Aulete (http://www.aulete.com.br/), gratuitamente disponível na internet.

- Em seguida, discuta com eles quais são as informações – ou as orações/períodos – que melhor resumem cada parágrafo (como fizemos aqui, por meio de sublinhados no artigo), de forma a produzir uma síntese coletiva do texto e a permitir uma rápida apreensão dos raciocínios desenvolvidos.

- Finalmente, reconstrua com eles a trajetória desenvolvida pelo autor para nos convencer de sua(s) tese(s). Mostre a eles que, graças à *estratégia argumentativa* de contrastar vozes antagônicas ao longo do artigo, Sakamoto "dramatiza" a questão polêmica de que parte: "os refugiados têm direito a uma política pública específica?"; e, assim, "encena" o próprio debate em seu texto. Isso lhe permite:

  - **identificar-se e confundir-se com as vozes que sustentam uma resposta positiva para a questão;**
  - **conclamar o Estado a fazer a parte que lhe cabe;**
  - **chamar o leitor às falas;**
  - **interpelar diretamente seus opositores.**

Em consequência, essa estratégia dá ao artigo o mesmo poder de atingir emocionalmente o público que os espetáculos teatrais têm: o leitor "vê" a realidade diante de si. E então, identificando-se com as situações, personagens e "falas" retratadas, é chamado a tomar o seu próprio lugar na cena. Um efeito que os gregos da Antiguidade reconheciam em suas tragédias, denominando-o como "catarse".

Vejamos como esse caminho se desenha ao longo do texto.

O **Dado (D)** de que o artigo parte é a *fala* que lhe dá título: "Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!". O ponto de partida de toda a argumentação é, portanto, uma voz que o autor qualifica como "icônica", representativa, portanto, do senso comum, no que diz respeito aos refugiados. Pelas críticas feitas a essa primeira voz — "é utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista" —, o autor deixa evidente que ele pensa de outra forma. Por outro lado, na forma como descreve os refugiados ("gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as fresas das grandes cidades"), assim como na expressão que utiliza para se referir às vozes que se levantam em favor deles ("clamor por políticas públicas"), Sakamoto faz ouvir uma segunda voz: a sua própria e a de todos os que pensam de forma semelhante.

No parágrafo seguinte, essa segunda voz se explicita: trata-se da fala que defende "políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal". E o seu antagonismo com aqueles que "não têm dó dos refugiados" fica claro.

Na sequência, o texto alterna essas duas posições. Em alguns momentos, a primeira voz se manifesta, e sua fala é marcada pelas aspas; em outros trechos, os comentários do autor ecoam e desenvolvem o discurso da segunda voz. Favoráveis ou contrárias a esses direitos, as posições se alternam, fazendo com que o texto evolua como um drama.

Nas reflexões que contestam a primeira voz, no quinto e no sexto parágrafos, surgem, então, os argumentos, ou seja, as **Justificativas (J)** que sustentam, no artigo, a defesa de políticas públicas específicas para os direitos dos refugiados: as iniciativas pessoais são "ótimas", mas insuficientes; o Estado tem, por princípio, responsabilidade na questão; além disso, só o Estado tem os meios indispensáveis a ações da envergadura necessária; o Estado não é um entrave, e sim uma forma de não nos devorarmos; o Estado brasileiro deve agilizar a aprovação da nova lei de migração, um avanço em relação ao atual Estatuto. Todas elas se reportam ao papel que o Estado deve desempenhar na questão; nesse sentido, todos esses argumentos são **Suportes (S)** uns dos outros.

Por conta da estrutura dramática do texto, o articulista, exatamente como fazem os atores, em certas peças, interpela o público em meio ao "espetáculo": "Não viu esse tipo de coisa na sua *timeline*? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social que te colocou numa bolha cor de rosa.

O mundo lá fora, minha gente, é flicts". Ao fim do drama/artigo, o jornalista dirige-se a seus opositores, numa fala que, respondendo diretamente à que dá título ao texto, representa a **Conclusão (C)** de todo o seu raciocínio/diálogo: "Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais".

Apesar da organização original do artigo, os argumentos e contra-argumentos expressos por essas vozes antagônicas garantem a estrutura dissertativa do texto: o primeiro parágrafo, correspondente aos **Dados (D)**, funciona como *Introdução*; os parágrafos de 2 a 6, que alternam e confrontam vozes que portam **Justificativas (J)** para as ideias com que o autor se identifica e, por isso defende, são o *Desenvolvimento*; finalmente, a tese apresentada no último parágrafo corresponde à *Conclusão*.

oficina 12

Pesquisar para escrever

objetivos

- Buscar informações sobre a questão polêmica.
- Relacionar informações de caráter universal com realidades locais.
- Socializar os resultados das pesquisas.

prepare-se!

Os alunos e as alunas deverão pesquisar questões polêmicas locais para terem o que dizer nos artigos de opinião que eles e elas vão escrever. Ajude-os(as) a encontrar as formas para obter informações sobre temas que lhes interessem e sejam representativos do lugar onde vivem.

1ª etapa

Grupos de pesquisa

Jogo Q.P. Brasil

Para introduzir essa etapa, proponha a atividade 3 do Manual do jogo Q.P. Brasil (https://cutt.ly/UkgsOPF).

atividades

- Retome com os alunos as questões polêmicas locais já levantadas. Explique-lhes que serão organizados em grupo para fazer uma pesquisa cujo foco seja o assunto sobre o qual irão escrever, visando à construção de argumentos consistentes.

- Faça menção aos encontros anteriores, nos quais discutimos a importância de encontrar fontes seguras e relevantes de pesquisa e também enfatize que, na leitura dos artigos de opinião, percebemos que a informação de qualidade sempre está atrelada à defesa eficiente de um ponto de vista.

- Antes de iniciar a pesquisa, você pode mostrar exemplos de fontes confiáveis de informação. Valem os jornais e revistas de grande circulação do país (como O Globo, O Tempo, Jornal do Commercio, Zero Hora, Folha de São Paulo, Nexo Jornal, Agência Pública etc), os órgãos oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (o IPEA), a Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Tecnologia (Unesco), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e assim por diante.

- Oriente-os também a definir uma pergunta de pesquisa para guiar o trabalho. Suponha que o assunto seja a violência contra a mulher. A questão poderia ser: "A vítima deve ou não denunciar o agressor para a polícia ou para organizações de defesa da mulher?". Isso facilitará o levantamento de informações.
- Divida a classe em grupos de pesquisa. Na sequência, diante das polêmicas levantadas na oficina anterior, eleja um tema polêmico de pesquisa para cada grupo. Cada um deles terá de buscar informações (dados histórico-culturais, estatísticas, pontos de vista de diferentes autoridades, leis ou projetos de lei, causas e consequências, exemplos de acontecimentos) sobre a questão. Eles devem organizar os dados obtidos, tanto in loco quanto na internet, em uma pasta física, no computador, em cadernos de anotação e em gravações de áudio e vídeo no celular. O importante é que consigam reunir fontes diversas e confiáveis de informação para seguir adiante no processo de escrita.
- Lembre-se de que os alunos podem e devem colher informações e opiniões de âmbito nacional, mas precisam trazer o problema para "o lugar em que vivem", tomando como ponto de partida dados locais.

Para saber mais

Cartografia como método

A investigação cartográfica trata-se de um processo de produção de Conhecimento, expresso por um conjunto de informações objetivas e subjetivas, que propõe a combinação entre experiências, interesses, desejos e saberes e as possibilidades de criar, inventar e intervir. Busca acompanhar a vida nos seus movimentos e onde ela está acontecendo, onde circulamos, vivemos, aprendemos, produzimos e nos relacionamos.

Ao acompanhar esses processos em curso, a cartografia convida a uma postura analítica constante da realidade mapeada. Permite não só reconhecer traçados objetivos dos nossos bairros, cidades, deslocamentos e relações, mas também acessar a construção subjetiva dos significados presentes neles. *Jovens Urbanos – Marcos conceituais e metodológicos. Vários autores. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2013*

2ª etapa

Socialização dos resultados da pesquisa

atividades

- Finalizada a pesquisa, os alunos deverão fazer uma síntese (texto corrido ou dividido em tópicos) das informações mais relevantes, que servirá para sustentar a argumentação na escrita individual.
- A síntese pode ser registrada em um mapa mental (veja vídeo que usa o programa Canva para elaborar um mapa - https://cutt.ly/QkghmaW), feito à mão ou no computador.

- Mostre o vídeo aos alunos e combine como eles farão a apresentação. Explique que cada grupo terá em média 10 minutos para mostrar os resultados da pesquisa. Evite o formato de "seminário escolar" e peça aos grupos que preparem uma sequência organizada e diversa para compartilhar suas descobertas.

- Para isso, você pode solicitar que cada grupo explore diferentes linguagens durante a fala, como imagens, vídeos, áudios e textos escritos.

- Além disso, peça que, ao final da apresentação, o grupo apresente conclusões relacionadas à pesquisa. Tomando como exemplo a pergunta da Etapa 1 - "A vítima deve ou não denunciar o agressor para a polícia ou para organizações de defesa da mulher?" -, o que o grupo pensa após a realização da pesquisa? Seu ponto de vista mudou após as informações encontradas?
  O que perceberam na comparação entre as diferentes fontes de informação? Acreditam que as pessoas com quem conversaram são bem informadas ou sustentam suas opiniões no senso comum? Quais das informações podem ser transformadas em argumentos produtivos para um artigo de opinião? Quais deveriam ser descartadas?

- Enquanto o grupo apresenta, peça que os demais anotem as informações e pensem em dúvidas e questões. Ao final da exposição, delimite um tempo para dúvidas e sugestões a respeito da pesquisa.

- Por fim, escolha com uns alunos um local físico ou virtual para expor os mapas ao público da escola.

oficina 13

Aprendendo na prática

objetivos

- Analisar e reescrever um artigo de opinião produzido por um aluno.

prepare-se!

Nesta Oficina, você pode auxiliar os alunos e alunas a analisar e aperfeiçoar o texto, reorganizando parágrafos, eliminando ou incluindo informações. Para isso, selecione uma produção de sua turma ou use o texto disponível nesta Oficina.

1ª etapa

O texto: primeiras impressões

atividades

- Faça cópias, escreva na lousa ou projete, o texto que você escolheu para aperfeiçoar coletivamente. Caso não queira trabalhar com o texto de um de seus alunos, lembre-se de que você também pode utilizar o artigo "Problemas de Antônio Dias", disponível na **seção Coletânea**.
- Faça uma primeira leitura do texto e peça que as alunas e alunos, recuperando os temas da oficinas passadas, que falem sobre as impressões a respeito do texto e o que modificariam se aquele texto tivesse sido escrito por eles. Nesta etapa, mais panorâmica, ainda não é preciso fazer registros sistematizados das opiniões da turma.
- Valorize a participação de todos, mas interfira com suas contribuições, quando necessário.
- Valorize a participação de todos, mas interfira com suas contribuições, quando necessário.
  - **O título é adequado para um artigo de opinião? Por quê?**
  - **O articulista indica claramente a questão polêmica?**
  - **Há vozes diferentes no texto? De quem são?**
  - **Os argumentos apresentados são convincentes? Apresentam dados, exemplos; referem-se a valores éticos ou morais; deixam clara a relação de causa e consequência?**
  - **São utilizados elementos articuladores, ou seja, palavras ou expressões que estabelecem conexões entre as partes do texto?**

2ª etapa

Reescrita em grupos

atividades

- Divida a classe em grupos de até três participantes e explique que eles e elas farão a reformulação do texto proposto.
- Distribua cópias do texto e explique que a reelaboração será feita em duas partes. Na primeira, é necessário fazer uma leitura atenta do texto e indicações para possíveis correções. Deixe claro que neste momento eles assumem a posição de editores(as) do artigo, cujo papel é promover alterações que tenham como objetivo produzir uma argumentação mais consistente e uma comunicação mais clara com o(a) leitor(a).
- Para a leitura comentada, você pode propor o uso de uma legenda de cores para as marcações:

  Vermelho - Argumentação pouco consistente, pois faltam dados e exemplos

  Azul - Desvios em relação à norma-padrão.

  Amarelo - Falta operador argumentativo ou ele foi usado de modo equivocado.

Para saber mais

A reescrita em grupos deve ajudar os e as estudantes a organizar uma síntese das principais informações apreendidas nas oficinas anteriores até que chegue o momento de escrever o texto final, que será individual. Talvez não seja possível fazer essa reescrita em uma única aula, por isso é importante que todos os alunos anotem as correções feitas para continuarem o trabalho na aula seguinte, do ponto em que foi interrompido.

- Use o material "Preparação da reescrita", a seguir, para orientar os alunos. Ele contém, além dos trechos que devem ser reelaborados, algumas perguntas e comentários.

Preparação da reescrita – Problemas de Antônio Dias

Texto		Perguntas
Título	Problemas de Antônio Dias	• Esse título é original? • Desperta curiosidade? • Anuncia a questão polêmica? • Instiga o leitor a conhecer o texto?
1	Antônio Dias representa a classe das típicas cidades do interior de Minas Gerais, com seus poucos e pacatos 9.363 mil habitantes. Quando se pensa no baixo número de moradores a previsão de que problemas relacionados à condição de existência da população sejam fáceis de serem resolvidos, mas não é o que se pode constatar, visto que essas são barreiras antigas da cidade.	• O autor indica claramente a questão polêmica? • Usa linguagem adequada para um artigo de opinião? • Relaciona os problemas locais com situações nacionais ou até mesmo internacionais?
2	No entanto os cidadãos Antônio-dienses podem contar com uma vasta extensão territorial de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sendo sua área total calculada em 787,061 km², porém essa "desmedida" cidade está dividida geograficamente em um pequeno, centro urbano, o qual não se queixa da qualidade da água, e as extensas comunidades pertencentes, ás chamadas "zona rural", que são deixadas a mercê desde "atributo".	• Que assunto é tratado no segundo parágrafo? Agora, ficou clara qual é a questão polêmica? • A maneira como as informações estão organizadas, em um só período, sem ponto final, ajudam a entender a polêmica de que vai tratar? • Por que o autor mencionou a extensão territorial do município? Como essa informação dialoga com o dado do primeiro parágrafo?? • Que dados poderiam ser citados para provar que a distribuição de água é irregular no município? • A escolha de vocabulário contribui para a defesa do ponto de vista? A palavra "atributo", por exemplo, poderia ser substituída por outra mais precisa?
3	Comunidades distantes como Porteira Grande onde se situa minha escola e Mãe D'água, onde moro, não possuem assistência especializada para tratamento e distribuição de água, seria assim por ser um local mais afastado do centro urbanizado da cidade? Ou simplesmente por estar distante dos governantes e merecer menos atenção que os moradores das áreas que os cercam?	• O autor usa bons argumentos para sustentar sua posição? • Que estratégias argumentativas poderiam ser usadas para que a argumentação fosse mais eficiente? • Será que todos os moradores pensam da mesma forma, ou alguns podem levantar contra-argumentos à posição do autor do texto? • Como seria possível refutar os contra-argumentos dos que pensam de forma diferente? • Há o uso da primeira pessoa do singular no trecho. Ele é adequado?

Comentários

- O título não é apropriado, pois o aluno intitulou seu texto com o nome da cidade. Poderia ter adiantado a polêmica ou provocado o leitor por meio de um título mais original.

- Mostre aos alunos que embora o autor do texto apresente a sua cidade e uma perspectiva crítica em relação a ela, a questão polêmica poderia ter sido mais bem delimitada. Qual é o problema que deveria ser fácil de resolver nesta cidade, mas não é? Falta um recorte mais claro da discussão neste primeiro parágrafo.
- Além disso, há equívocos em relação à norma-padrão, como uso equivocado de vírgulas e acento agudo que podem ser apontados pelos alunos e alunas.
- Aponte também para problemas na sintaxe do segundo período que prejudicam a clareza da mensagem.
- Por fim, indique que o texto começa na terceira pessoa, mas isso não se manterá ao longo do desenvolvimento argumentativo. Ressalte, por outro lado, que há bom uso de operadores argumentativos, como "mas" e "visto que".

- Neste parágrafo, o autor evidencia um pouco melhor a questão polêmica de que tratará no artigo: a distribuição irregular de água no município.
- Há uma relação interessante entre o número de moradores e a extensão territorial, mas ela poderia ter sido mais produtiva se fosse proposta outra forma de organizar a informação, que relacionasse as duas mais diretamente.
- O parágrafo é formado por apenas um período, com pouco uso da pontuação, o que também enfraquece tanto o potencial argumentativo quanto a clareza na comunicação do ponto de vista.

- No terceiro parágrafo, o autor vale-se de dois exemplos, o de sua casa e o de sua escola, para argumentar a respeito da má distribuição de água no município.
- As perguntas retóricas são um importante recurso argumentativo, mas elas poderiam ser mais aprofundadas e direcionadas para o objetivo que se quer alcançar com a argumentação.
- A oscilação entre a primeira pessoa do singular e terceira pessoa também não é adequada. É mais interessante que se escolha uma forma e ela se mantenha ao longo do texto.

	Texto	Perguntas
4	De acordo com o senso comum a água que é disponibilizada para o nosso consumo deveria ser bem diferente da qual fazemos uso, cuja aparência não atende aos critérios básicos para sobrevivência. Turva, infecta e imprópria são os adjetivos que a população encontrou para se queixar com os administradores da cidade sobre este líquido, tendo em vista que o direito à vida é uma garantia permanente prevista na Constituição Federal de 1988, atado a isso está o direito à água, pois sem ela não há como garantir a vida, a saúde e a dignidade das pessoas.	• O autor acrescenta outros tipos de argumentos para fortalecer sua posição? • Expande a discussão, relacionando a questão local da água a aspectos nacionais ou globais?
5	Em contrapartida a solução mais próxima dessa queixa pertinente foi a inserção da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), que cobra no mínimo, R$13,75 por até seis mil litros de água, que obviamente está acima do orçamento de grande parte da população rural, fazendo com que as opiniões a respeito desse impasse fossem divididas. Uma parcela dos moradores concorda com a terceirização desta iniciativa, alegando que o tratamento especializado da água diminuiria os problemas de saúde em virtude da ausência deste serviço, porém a outra repudia tal medida, aspirando valores exorbitantes que pagariam em prol do uso da água em plantios para manutenção familiar.	• O que indica o uso da expressão "em contrapartida" no início do parágrafo? • Os dados apresentados são relevantes para a defesa do ponto de vista?? • Fica claro o ponto de vista do autor do texto?
6	O saneamento básico é imprescindível para que a população tenha qualidade de vida e dignidade, o lugar que o possui não tem cartão postal melhor para exibir e como o próprio nome diz é "básico", ou seja, necessário e fundamental a existência humana. Espero que a gestão atual e as futuras não fechem os olhos para o indispensável, pois tenho a certeza que a minha e as próximas gerações da zona rural não optarão por numerosas prateleiras de medicamentos e sim abundantes plantações nos imensos quintais de nossas casas.	• As principais ideias são retomadas no final do parágrafo? • O ponto de vista do autor foi defendido de forma convincente? • A imagem proposta - das plantações em lugar das prateleiras de remédio - é clara? • O parágrafo cumpre a função de concluir o texto?

Comentários

- Chame atenção para a mobilização de diferentes vozes para sustentar o ponto de vista do autor, como a perspectiva dos moradores e o que preconiza a Constituição Federal. Ainda assim, a relação entre a opinião dos moradores e a Carta Magna não está muito clara e poderia ter sido mais bem articulada.
- Observe também como o segundo período do parágrafo é muito longo, o que contribui para ideias que, apesar de interessantes, não foram bem desenvolvidas e relacionadas ao contexto local.

- O autor inicia o trecho com a expressão "em contrapartida", em geral, indicadora de contra-argumentação, mas, na verdade, começa a apresentar a solução do poder público local para a resolução do impasse.
- Embora haja importante mobilização dos diferentes pontos de vista a respeito da intervenção do poder público local, não há posicionamento claro do autor a respeito da medida, o que deixa o parágrafo predominantemente expositivo.

- Na conclusão, a comparação que se faz entre as prateleiras de remédios e a plantação abundante não evidencia com clareza o ponto que o autor quer enfatizar em seu desfecho.
- Além disso, há ideias que poderiam ter sido mais bem retomadas, como a crítica dos moradores ao problema.
- Por fim, observe que faltam operadores argumentativos que indicam conclusão.

3ª etapa

Versão final

atividades

- Terminada a reescrita, peça a cada grupo que leia o trecho aprimorado. À medida que forem lendo, registre os parágrafos reformulados na lousa ou em uma apresentação de PowerPoint. Faça novas intervenções, se considerar necessário. Lembre-se que os grupos reelaboraram o texto todo, por isso, é importante ouvir as diferentes propostas para chegar a um consenso sobre as melhores alterações.

- Se houver a possibilidade em sua escola, você pode se valer de recursos como editores de textos compartilhados (entre eles, o editor online disponibilizado pelo Google - https://cutt.ly/Ykj1X55) para que as alterações sejam feitas coletivamente e com mais dinamismo. Vale o mesmo para contextos de educação a distância, em que as ferramentas de edição coletiva são um interessante recurso didático.

- Vale lembrar aos grupos que o texto resultante dessa reelaboração feita por eles é uma possibilidade entre outras.

- Veja, na próxima página, um exemplo de reformulação do texto, com parágrafos ampliados.

Desta água não beberemos

Antônio Dias representa a classe das típicas cidades do interior de Minas Gerais, com seus poucos e pacatos 9.363 mil habitantes. Quando se pensa no baixo número de moradores a previsão de que problemas relacionados à condição de existência da população sejam fáceis de serem resolvidos, mas não é o que se pode constatar, visto que essas são barreiras antigas da cidade - entre elas, a desigualdade no fornecimento de água de qualidade, que afeta parcela importante da população, principalmente, a que vive na zona rural.

Os pouco numerosos cidadãos de Antônio Dias podem contar com uma vasta extensão territorial. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sendo sua área total calculada em 787,061 km². Porém, tal vastidão está dividida geograficamente em um pequeno centro urbano, o qual não se queixa da qualidade da água, e as extensas comunidades pertencentes à zona rural, as quais têm muito o que reclamar.

Entre elas estão comunidades distantes como Porteira Grande e Mãe D'água, onde não há assistência especializada para tratamento e distribuição de água. Como consequência, é alto o índice de crianças e adultos que ficam doentes em razão do serviço precário que é oferecido a eles. Seria assim por se tratarem de locais mais afastados do centro urbanizado do município? Ou simplesmente por estarem distantes dos governantes e merecem menos atenção que os moradores das áreas que os cercam? Certo é que a atenção do poder público parece se voltar para as comunidades do interior apenas durante as eleições, quando promessas são realizadas, sem que haja qualquer ação realmente efetiva após a vitória.

A água que é disponibilizada para o consumo deveria ser bem diferente daquela que chega aos domicílios dos moradores. Turva, infecta e imprópria são os adjetivos que a população encontrou para se queixar com os administradores da cidade sobre este líquido. Eles, no entanto, ignoram que o direito à vida é uma garantia permanente prevista na Constituição Federal de 1988 e atado a isso está o direito à água, pois sem ela não há como garantir a vida, a saúde e a dignidade das pessoas. Assim, os representantes do poder público violam a Constituição e o juramento que fizeram ao tomar posse de um cargo público, de servir aos interesses da população e de promover o bem comum por meio da administração da coisa pública.

Até agora, a solução encontrada pela prefeitura em resposta à queixa do povo da zona rural é a inserção dos serviços da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), a qual cobra, no mínimo, R$13,75 pelo fornecimento de até seis mil litros de água. O valor obviamente está acima do orçamento de grande parte da população rural, fazendo com que as opiniões a respeito da medida sejam divididas. Uma parcela dos moradores concorda com a terceirização do serviço, alegando que o tratamento especializado da água diminuirá os problemas de saúde causados em virtude da água sem tratamento. Contudo, a outra parcela repudia tal ideia, pois esses valores exorbitantes prejudicariam a manutenção da agricultura de subsistência e familiar que predomina na região. Nesse sentido, se o papel dos governantes é agir em prol do bem comum, fica claro que a contratação da Copasa pode gerar outros problemas, em especial para aqueles que vivem do que plantam.

Como demonstrado, o saneamento básico é imprescindível para que a população tenha qualidade de vida e dignidade. Como o próprio nome diz, é "básico", ou seja, necessário e fundamental a existência humana. Assim, a gestão atual e as futuras não devem fechar os olhos para o indispensável, para que as próximas gerações da zona rural possam ter como paisagem abundantes plantações em seus imensos quintais e não uma prateleira cheia de remédios para os males causados pela água sem tratamento.

oficina 14

Enfim, o artigo

objetivos

- Escrever o texto individualmente.

prepare-se!

Agora é o momento de observar o resultado de seu trabalho! Leia os artigos de opinião produzidos por seus alunos e alunas e faça indicações, em cada um deles, do que pode ser melhorado. Alguns/Algumas estudantes precisarão de dicas bastante pontuais; para outros(as), alguns apontamentos serão suficientes. Você, que os(as) conhece, fará as indicações necessárias para que todos aprimorem os textos.

A produção final

atividades

- Retome com a turma o percurso feito até agora. Nas oficinas anteriores, eles e elas escolheram uma questão polêmica que afeta a comunidade onde vivem. Fizeram entrevistas, pesquisas em jornais e revistas, colheram dados para melhor embasar a posição deles e delas.

- Cada aluno e aluna vai produzir agora um texto individual, com base na questão polêmica escolhida anteriormente ou numa nova questão que esteja em evidência na comunidade.

- Antes de começarem, lembre aos e às alunas que, como articulistas, eles e elas devem:

  - **partir de uma questão polêmica local e situar o(a) leitor(a) em relação a ela;**
  - **tomar posição em relação à questão polêmica e defender o ponto de vista; assim, será preciso apresentar argumentos ora de autoridade, ora por exemplificação, ora baseados em comparações, evidências ou em relações de causa e consequência;**
  - **incluir opiniões de adversários, contestando-as (é preciso tomar cuidado para que não seja feita uma desvalorização preconceituosa, até porque isso não pode ser considerado um bom argumento);**
  - **concluir o texto reforçando a posição tomada;**
  - **usar elementos articuladores como os que anunciam a posição do articulista ("do nosso ponto de vista", "penso que", "pessoalmente", "acho que"); marcam as diferentes vozes presentes no artigo ("como dizem os economistas...", "segundo alguns empresários...", "muitas pessoas dizem que...", "há pessoas que negam...", "algumas pessoas afirmam...", "para muitos é importante... para outros..."); introduzem argumentos ("porque", "pois", "mas"); anunciam a conclusão ("então", "consequentemente", "por isso", "assim").**

- Recolha as produções dos e das estudantes para indicar as alterações que devem ser feitas para aprimorar o texto.

Para saber mais

O desafio de corrigir textos

O professor precisa se integrar na situação de produção como coautor, e não como mero observador. É interagindo realmente com o aluno que ele pode mudar as coisas no ensino da escrita. E isso não se consegue sem um envolvimento maior com o aluno-produtor, sem um compromisso pessoal com o próprio trabalho, sem uma pequena dose de afetividade.
(...)

O reverso dessa situação já nos é conhecido: um distanciamento, muitas vezes enorme, entre os interactantes, por conta de se supervalorizar o como se diz, prescindindo-se de *quem* diz, *para quem* se diz, *o que* se diz, *para que* se diz, e *em que* situação se diz.

Na condição de meros professores observadores, praticamente anulamos o *sujeito* aluno, que não se integra no processo se não como aprendiz, objeto de nossa investigação, porque, na verdade, anulamos as suas próprias possibilidades de linguagem.

Por essa razão, isto é, justamente por envolver a linguagem, a prática metodológica de mediação do professor e, em especial, a de correção de redações, não pode se dar senão nos contextos social, interacional e intersubjetivo, onde a linguagem é possível.

Procedimentos de correção que queiram ultrapassar de longe métodos usuais e já cristalizados de intervenção não podem se restringir ao trabalho de apenas tingir todo o texto de vermelho, com solicitações que podem ser respondidas apenas com alterações de refacção meramente localizadas, carregando a ideia de que escrever é estruturar frases e juntá-las de maneira adequada ou correta; de que ser *autor* é reproduzir formas.

Eliana Donaio Ruiz. Como corrigir redações na escola. Editora Contexto, 2015, p. 180.

oficina 15

Revisão final

objetivos

- Revisar e melhorar o texto individual.

prepare-se!

Prepare-se:
Com os artigos prontos, defina com a turma como publicá-los. Lembre-se de que um artigo de opinião, para ser efetivo, precisa ser lido pelo maior número possível de pessoas. Prepare um cartaz ou uma apresentação com o roteiro para a análise da produção.

1ª etapa
Acabamento

atividades

- Prepare um cartaz com o roteiro de orientação para a produção do artigo de opinião.
- Distribua as produções para que possam revisar e melhorar o texto.

Para saber mais

Roteiro de Orientação

- **Seu artigo parte de uma questão polêmica?**
- **Você colocou o(a) leitor(a) a par da questão?**
- **Tomou uma posição?**
- **Introduziu sua opinião com expressões como “penso que”, “na minha opinião”?**
- **Levou em consideração os pontos de vista de opositores para construir seus argumentos? Por exemplo: “Para fulano de tal, a questão é sem solução. Ele exagera, pois…”.**
- **Utilizou expressões que introduzem os argumentos, como “pois”, “porque”?**
- **Utilizou expressões para anunciar a conclusão, como: “então”, “assim”, “portanto”?**
- **Concluiu o texto reforçando sua posição?**
- **Verificou se a pontuação está correta?**
- **Corrigiu os erros de ortografia?**
- **Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?**
- **Escreveu com letra legível para que todos possam entender?**
- **Encontrou um bom título para o artigo?**

- Ajude-os(as) com relação ao roteiro e explique que ele não representa um conjunto de regras a serem cumpridas. São apenas orientações, não precisam ser seguidas à risca.

- Para dar mais dinamismo à atividade, você pode estabelecer duplas de revisão e edição. Peça aos alunos e às alunas que formem pares, troquem os textos produzidos e revisem fazendo os apontamentos necessários.

- Por fim, os textos devem voltar aos seus autores para que as sugestões sejam verificadas e validadas antes das próximas etapas.

- Ajude os e as estudantes a eliminar dúvidas. Elas costumam ser frequentes, por exemplo, quanto à grafia das palavras, em fonemas de mesmo som e grafia diferentes (caso de ss/s/ç, z/s), bem como em palavras que se devem escrever juntas ou separadas: "porque", "por isso", "embora".

- À medida que as dúvidas surgirem, escreva a forma correta no quadro para que todos possam conhecer a ortografia, ou faça um cartaz, afixando-o na sala de aula. Esse também pode ser um bom momento para incentivar o hábito de consultar dicionários, inclusive, aqueles disponíveis na internet.

- Ajude-os(as) também com dicas sobre pontuação e uso de sinônimos e pronomes para evitar repetição excessiva de palavras.

- Por fim, faça mais uma revisão do texto de seus alunos e suas alunas e peça-lhes que escrevam, com base nessa correção, a versão definitiva.

- Vale reforçar com os alunos que um texto é um produto sempre em construção. Novos olhares podem levar a outros ajustes que têm como objetivo o aprimoramento da comunicação por meio da língua escrita.

- Para o encerramento, defina com a turma a melhor forma de publicar todos os textos. Veja algumas dicas na página seguinte.

Lembrete

Dicas para divulgar os textos

Professor, professora, não deixe que os artigos escritos pelos alunos e alunas fiquem na gaveta. Você pode produzir junto com eles e elas uma coletânea de todos os artigos da classe para deixar na biblioteca da escola; enviar alguns artigos para jornais, revistas ou outros periódicos locais; produzir um blog e garantir que todos os artigos dos alunos sejam publicados; montar um grande jornal mural em algum espaço da escola ou gravar um podcast a respeito dos temas trabalhados. Essa publicação trará um real significado para os artigos produzidos pelos alunos e, com certeza, eles se sentirão valorizados pelo trabalho que realizaram.

Glossário

Alienação política — Quando um indivíduo ou todo um segmento da população se aparta da política, agindo como se esta não fosse uma dimensão constitutiva de nossa vida em sociedade, encontra-se em estado de alienação política. Assim, a alienação pode ser efeito tanto de estratégias de poder destinadas a reservar o exercício da política a determinados grupos (como o dos políticos profissionais) quanto resultado de frustrações e decepções políticas.

Burocracia — As instituições, normas e procedimentos que regulamentam o funcionamento e a administração do Estado compõem a burocracia. Em decorrência da distância que frequentemente se estabelece entre a burocracia e o pleno exercício da cidadania, o termo também é utilizado pejorativamente, para designar o conjunto de obstáculos que a administração estatal interpõe ao livre exercício de direitos por parte do cidadão.

Classe política — Usa-se a expressão classe política para designar o segmento da sociedade que, diferentemente do restante da população, se profissionaliza no exercício da política.

Coiote — Em analogia à proverbial esperteza do animal de mesmo nome, o termo coiote é usado para designar aquele que se beneficia de demandas criadas por (i)migrantes, seja do ponto de vista dos deslocamentos até o território pretendido, seja no que diz respeito ao agenciamento para o trabalho.

Comunidade política — Um grupo de cidadãos relacionados ao poder de um mesmo Estado constitui uma comunidade política.

Conservador — De forma geral, chama-se de conservador o indivíduo, grupo, atitude ou instituição que, visando manter inalterado um determinado estado de coisas, posiciona-se e/ou atua contra possíveis mudanças.

Corpo legal — Corpo legal é uma expressão que designa o conjunto de leis referentes a uma determinada esfera de atividades, como a eleitoral.

Cristalização do poder — Fala-se em cristalização do poder sempre que o princípio democrático da alternância é contrariado, seja pela permanência no poder do mesmo indivíduo, grupo ou classe social, seja pela manutenção de esquemas e estratégias de atuação na política, inclusive no que diz respeito às eleições.

Curral eleitoral — Durante a "República Velha", em que o voto era aberto, chamava-se de curral eleitoral o grupo de cidadãos cujo voto era diretamente controlado por um determinado político e/ou por alguém poderoso e influente. Mesmo depois da instituição do voto secreto, na década de 1930, o termo continuou a ser usado, para designar a(s) região(ões) de influência de um político.

Democracia — Um regime é democrático quando é baseado no princípio da soberania popular. A democracia é, portanto, o regime político em que todo poder emana do povo e em seu nome é exercido. Como garantia de que assim seja, toda democracia pressupõe rotatividade no poder.

Democracia participativa — Quando um regime democrático se baseia na participação direta dos cidadãos nas decisões políticas socialmente relevantes, diz-se que ele constitui uma democracia participativa.

Desobediência civil — Caracteriza-se como desobediência civil toda aquela estratégia de luta política cujo objetivo é defender direitos civis ameaçados ou violados por leis ou por decisões oficiais. Trata-se, portanto, de uma manifestação direta da soberania popular, capaz de suscitar a revisão ou a revogação de leis e decisões arbitrárias.

Deveres civis — Chamam-se deveres civis aos deveres decorrentes do exercício dos direitos civis pelo cidadão. Nesse sentido, esses deveres são uma condição para o exercício dos direitos civis a que se relacionam.

Direção argumentativa — Toda argumentação visa, por meio de diferentes recursos, levar o interlocutor a aceitar uma determinada conclusão (tese). Tendo em vista esse objetivo, a direção argumentativa de um texto é a sinalização, a cada passo de um raciocínio, da perspectiva defendida.

Direitos civis (políticos e sociais) — Os direitos civis são aqueles que envolvem o exercício cidadão da liberdade. É o caso, por exemplo, do direito à vida e do direito de ir e vir.

Estado mínimo — Em sua fase atual, o assim chamado "novo capitalismo" ou "capitalismo neoliberal" preconiza um Estado mínimo, ou seja, um Estado que evite intervir no funcionamento do mercado — supostamente capaz de se regular por sua própria lógica e dinâmica — aliado a uma administração pública a mais enxuta e a menos custosa possível. A aplicação dessa diretriz tem significado, em todo o mundo, um grande desinvestimento nas políticas sociais.

Exclusão social — Quando um indivíduo ou todo um grupo é direta ou indiretamente impedido de ter acesso a direitos e/ou recursos socialmente disponíveis, podemos dizer que sofrem de exclusão social.

Frase icônica — Consideramos uma frase icônica quando ela funciona como um ícone, ou seja, como um símbolo daquilo que designa ou significa. É, portanto, uma frase estereotipada, facilmente reconhecível como associada a uma situação, uma ideia ou um tipo de pessoa.

Jean-Jacques Rousseau — Nascido em Genebra, Suíça, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo cujas ideias inspiraram e influenciaram fortemente a Revolução Francesa. Seu livro mais conhecido – O contrato social – defende o contrato social como meio de conciliar a liberdade individual e a organização da sociedade.

Limpeza étnica — A expressão limpeza étnica tem sido utilizada para nomear as operações civis, policiais ou militares que, a exemplo do que sucedeu na Europa, durante a Guerra dos Bálcãs (1912-1913), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e as guerras da Iugoslávia(1991-1995) e de Kosovo (1996-1999), visam eliminar determinados grupos étnicos, como os judeus e os ciganos, da população nacional que integram.

Macroeconomia liberal — A organização geral, o funcionamento e os componentes de um sistema econômico (taxa de juros, câmbio, balanço de pagamentos, nível geral de preços, nível de emprego etc.) compõem a macroeconomia. Assim, Macroeconomia liberal é o termo utilizado para nomear, no seu todo, o sistema econômico que se

organiza com base no novo capitalismo (Cf. Estado mínimo e Teoria da representação mínima).

Não brancos — A expressão não brancos tem sido usada para referir todos aqueles que, numa população como a norte-americana, não são reconhecidos como brancos e, em consequência, são discriminados e sofrem diferentes procedimentos de exclusão social.

Políticas migratórias — Em resposta a grandes e numerosas ondas internacionais de migração, muitos estados nacionais e numerosos organismos internacionais estabeleceram políticas migratórias, destinadas seja a garantir os direitos básicos dessas populações, seja a regulamentar sua entrada e permanência num determinado país ou região.

Postura libertária — Uma pessoa ou instituição defende uma postura libertária sempre que se manifesta em favor da liberdade individual ou coletiva.

Princípio republicano — Em oposição a regimes como o monárquico, o princípio republicano estabelece que a gestão da res publica — expressão latina para coisa pública, ou seja, para aquilo que, num Estado, é do interesse de todos e de cada um —é incumbência de um governante eleito por voto popular e em mandato de duração definida.

Produção fordista — Esquema de produção industrial que, à semelhança da linha de montagem idealizada por Henry Ford, aumenta exponencialmente a produtividade.

República Velha — República Velha é um termo cunhado por historiadores para nomear as primeiras décadas do regime republicano no Brasil. Tendo durado da Proclamação da República até a Revolução de 1930, que deu início à "República Nova", a República Velha se caracterizou pela "política do café com leite" (em que grandes produtores de café (SP) e de leite (MG) se revezavam na presidência da República) e por práticas como a do curral eleitoral.

Revolução Francesa — Durante aproximadamente dez anos (1789 a 1799) a França viveu grande agitação política e social, da qual resultou a derrota da monarquia

absolutista (assim como dos privilégios de classe que a caracterizavam) e a instauração da República, com base no princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Assim denominada, a Revolução Francesa tornou-se, então, um marco histórico mundial da luta republicana pelos direitos humanos.

Seção eleitoral — No sistema eleitoral brasileiro, os eleitores são cadastrados com base na região em que residem. Para organizar e viabilizar o processo de votação, a região é dividida em seções. Assim, uma seção eleitoral é, também, o local em que um determinado grupo de eleitores exerce o seu direito de voto.

Síndrome — Um conjunto de sintomas associados a uma ou a mais de uma causa é chamado de Síndrome, em áreas do conhecimento como a medicina e a psiquiatria.

Sistema eleitoral — O conjunto de instituições, leis e normas que um Estado mobiliza para realizar e controlar suas eleições constitui o seu sistema eleitoral.

Soberania popular — Parte indissociável do princípio republicano, a soberania popular consiste em considerar a vontade dos cidadãos como critério absoluto para a constituição, a organização e o funcionamento do Estado. De acordo com o artigo 1º, parágrafo único, da Constituição brasileira, "Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição".

Sufrágio — O termo sufrágio é usado como sinônimo de escolha, voto ou apoio.

Teoria da representação mínima — Preconizada por muitas instituições e diferentes setores da sociedade brasileira, a Teoria da representação mínima prega uma drástica redução do número de partidos e do número de representantes da população — vereadores, deputados estaduais e federais, senadores — nos parlamentos. De acordo com os críticos dessa corrente, que a associam ao estado mínimo, o resultado seria um radical empobrecimento da participação popular e da representatividade política.

Timeline — Um conjunto de eventos cronologicamente organizados, num projeto ou no planejamento de um trabalho, por exemplo, constitui uma timeline, termo inglês cujo significado literal é "linha do tempo".

Vontade geral — Em Rousseau, a noção de vontade geral corresponde à interpretação que a classe política faz de qual seria, numa determinada circunstância, a "vontade do povo", entendido como uma "pessoa coletiva", dotada, portanto, dos atributos de toda e qualquer pessoa, vontade inclusive.

Voto distrital-majoritário — No debate sobre a reforma do sistema eleitoral brasileiro a proposta do voto distrital-majoritário para assembleias legislativas e Câmara Federal consiste em: 1. dividir os Estados em distritos eleitorais, cada um deles elegendo um deputado por maioria simples; 2. considerar vencedor do pleito o mais votado entre os candidatos distritais. Os críticos a essa proposta alegam que ela prejudica a representatividade política, seja por privilegiar os interesses regionais-distritais sobre os estaduais e nacionais, seja por dificultar e mesmo inviabilizar a eleição de candidatos de partidos pequenos.

Voto facultativo — Quando o Estado não estabelece qualquer restrição ou penalidade para o cidadão que decide não votar, dizemos que o voto é facultativo. Caso contrário, o voto é obrigatório.

Voto nulo — Não contabilizado no cômputo do total dos votos válidos, numa eleição, o voto nulo envolve algum desvio de registro (nome ou número do candidato, por exemplo) que impede sua validação. Na votação manual, o voto nulo corresponde, com frequência, a um protesto, como o voto no famoso rinoceronte Cacareco a vereador da cidade de São Paulo, no final da década de 1950, e diferentes manifestações de discordância e insatisfação. Dada esta possibilidade, muitos preconizam que o voto digital inclua esta opção.

Xenofobia — De origem grega, o termo xenofobia significa, literalmente, medo (fóbos) do que é estranho ou estrangeiro (xénos). É utilizado, no entanto, para designar a aversão, o ódio e/ou a hostilidade contra estrangeiros, especialmente em relação a imigrantes e refugiados.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. "O todo semântico da personagem", in: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRETON, Philippe. Argumentar em situações difíceis. Barueri: Manole, 2005.

CAMARGO, Flavio Pereira. "Marcel Proust e o triunfo da memória". Disponível em www.ucm.es/info/especulo/numero42/mproustm.html.

DOLZ, Joaquim et al. O enigma da competência em educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim e PASQUIER, Auguste. "Un decálogo para enseñar a escribir", in: Cultura y Educación. Madri: Fundación Infancia y Aprendizage, v. 8, nº 2, jun., 1996.

FREIRE, Madalena. Observação, registro e reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

MACHADO, Anna Rachel e colabs. ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MARCUSCHI, Luiz A. Linguística do texto: o que é, como se faz. Recife: UFPE, 1983.

—. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATÊNCIO, M. "Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha". Disponível em www.ich.pucminas.br.

NASCIMENTO, E. L. (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

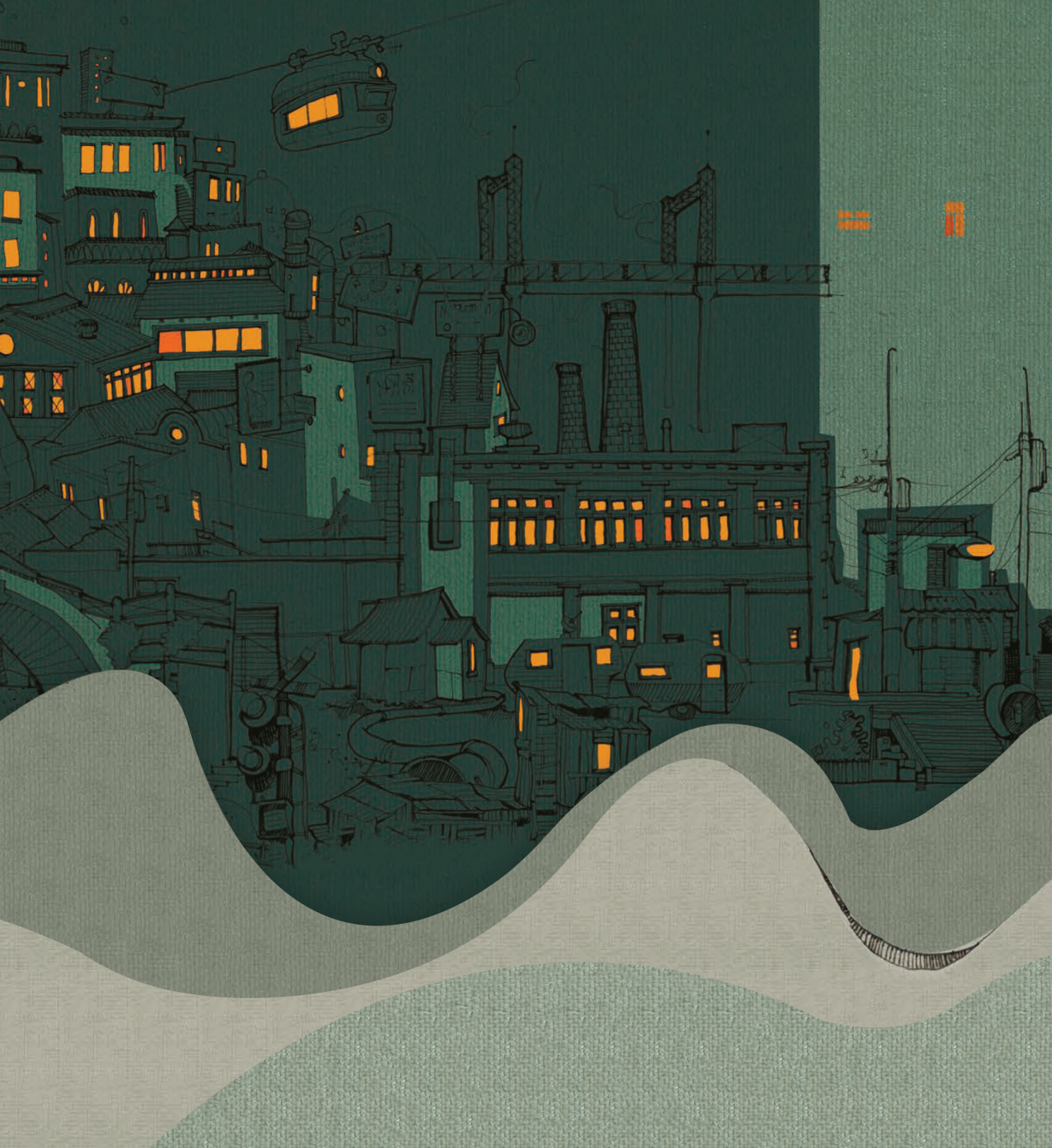
RANGEL, Egon de Oliveira. O processo avaliatório e a elaboração de "protocolos de avaliação". Brasília: Semtec/MEC, 2004.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

TOULMIN, Stephen. 1958 (1ª ed.). Os usos do argumento. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. "Memória literária e modernidade: o caso Proust", in: Temporis(ação), v. 1, nº 5-6, 2002, pp. 63-74.



olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea

artigos de opinião

Distribuição gratuita

coletânea artigos de opinião

3 Retrocesso cultural: tudo começa com um 'passinho'?
Rayana do Nascimento Cruz

4 Contra a desinformação, Whatsapp limita encaminhamento de mensagens
O Estado de São Paulo

5 Estátua de ativista negra substitui a de traficante de escravos no Reino Unido
Folha de São Paulo

7 Charge
Duke

Tirinha
Laerte

8 Fake news:Como saber se uma notícia é falsa?
Curso Vaza, Falsiane!

9 A viralização do senso comum
Michel Carvalho da Silva

10 Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?
Leonardo Sakamoto

11
Em defesa do voto obrigatório
Léo Lince

13
Que loucura essa: a supremacia branca à brasileira
Luciana Brito

15
Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde
O Estado de São Paulo

16
Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo
Mônica Francisco

17
Problemas de Antônio Dias

18
Desta água não beberemos

19
"Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!"
Leonardo Sakamoto

Retrocesso cultural: Tudo começa com "um passinho"?

Rayana do Nascimento Cruz

Um estado que se orgulha por de suas veias correr um sangue cultural extremamente rico que eclode na voz da preta cirandeira Lia de Itamaracá, nas rodas do coco, na xilogravura de J. Borges, na arte armorial do mestre Suassuna, no fervor do frevo e na apoteose do maracatu, atualmente tem sido invadido por uma nova febre popular - o passinho - que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: - É um retrocesso cultural?

Na ilha de Itamaracá há as "batalhas do passinho" que reúnem grupos para as disputas de coreografias. Esse movimento virou um símbolo de resistência da periferia e um grito de identidade na vida dos jovens que fazem parte dessa cultura de massa, pois para muitos torna-se um muro de contenção para a violência e as drogas, já que muitas vezes os integrantes dos grupos ficam horas ensaiando, criando coreografias e assim ficam longe do contato com a hostilidade e a perversidade que existem, infelizmente, nas comunidades da Ilha.

Para Ricardo Silva, integrante de um dos grupos de passinho da Ilha, o importante mesmo é ser reconhecido, pois junto com o brega funk, esse novo ritmo tem tirado muita gente do tráfico. O jovem ainda acrescenta que poderia ser mais um na Penitenciária Barreto Campelo, mas preferiu o lado da arte e se deu uma nova chance. Sem dúvida, um movimento artístico como esse muda a vida de um ser humano, pois independente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual, a arte sempre transforma. Assim, como arte vinda dos menos favorecidos, o passinho também é uma mobilização social. É preciso que seja reconhecido, pois veio despir o preconceito da cultura periférica que desde sempre é excluída da sociedade, como o rap, o grafite e outras culturas que fazem parte parte das comunidades.

Por outro lado, muitas letras de música não são nenhuma composição da Bia Ferreira ou do Caetano Veloso e contribuem com a cultura do machismo que está enraizada na sociedade. E, é claro que são sexistas, pois abordam os interesses masculinos com base nos seus desejos carnais, tratando a mulher como objeto, como no trecho: "Arrastei ela pro meu carro, dei um trato e um amasso", dos cantores Shevchenko e Elloco. Essa cultura de tratar a mulher como propriedade masculina enfraquece o movimento feminista que em Itamaracá ainda é muito pequeno devido a pensamentos patriarcais e machistas. Felizmente já há grupos que relutam para que suas músicas fujam das características negativas, mas continuam sendo vítimas de críticas, talvez por pertencerem a um movimento de periferia ou pela frequente presença de crianças nas disputas que, para muitos ilhéus, demonstra a substituição da antiga dana das cadeiras infantil pela "novidade" do brega funk e a igualdade da ciranda pela rivalidade das batalhas. É mesmo um retrocesso?

A Ilha de Itamaracá é a terra da ciranda e durante anos vem sofrendo uma desvalorização cultural e o passinho, de certo modo, chega a ameaçar a cultura itamaracaense, pois grande parte da população jovem não dá mais voz e espaço às belas tradições da ilha que estão a cada dia sendo esquecidas. Como exemplo temos a "sambada de coco" que ocorria na praia da colônia de pescadores e acabou sendo interrompida por falta de verba. Como símbolo de resistência, o grupo Nossa Cultura Tem Som foi criado para homenagear as mestras Lia da Ciranda, Anjinha e Totinha do Coco e também resgatar esse valor cultural que ao longo dos anos vem perdendo espaço para os produtos da globalização.

É perceptível que as ideias fixas só crescem quando se fala em ruptura de tradição, mas quando são cheias de histórias, é difícil ficar ao lado de uma cultura que tem pontos negativos, ofensivos para quem está fora do movimento e muitas vezes age por discriminação. Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma "reforma" sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria.

Disponível em
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/retrocesso-cultural/index.html#:~:text=Um%20estado%20que%20se%20orgulha,coco%2C%20na%20xilogravura%20de%20J.

Contra desinformação, WhatsApp limita encaminhamento de mensagens

Medida vale a partir desta terça-feira e tem como meta coibir a disseminação de fake news; depois que usuário encaminhar mensagem cinco vezes, ele só poderá fazê-lo em uma conversa por vez

O Estado de S. Paulo
07 de abril de 2020

Um dos maiores problemas do aplicativo de mensagens WhatsApp nos últimos anos é a disseminação de notícias falsas. Se em dias normais isso é algo perigoso, em épocas como a da crise do coronavírus isso se torna ainda mais danoso para a sociedade. Por conta disso, a empresa vai implementar a partir desta terça-feira, 7, uma nova política para tentar frear a desinformação dentro de sua plataforma, limitando mais uma vez o encaminhamento de mensagens.

Hoje, a empresa limita que uma mensagem seja encaminhada simultaneamente a cinco conversas ou grupos de uma vez só. A barreira foi implementada em 2019 em todo o mundo e reduziu a disseminação de notícias faltas em 25%, segundo a empresa. Ela seguirá sendo válida. O que muda agora é que, depois que esse limite for atingido, o usuário só poderá mandar a mesma mensagem a um contato ou grupo de cada vez – até a segunda-feira, 6, era permitido redistribuir a mensagem em grupos de cinco encaminhamentos. "Acreditamos que é importante diminuir a propagação dessas mensagens para manter o WhatsApp um lugar para conversas pessoais", disse a empresa, em comunicado publicado na madrugada desta terça-feira, 7, em seu blog oficial.

Além disso, a companhia também destacou uma funcionalidade em testes, que permitirá aos usuários saber mais sobre as mensagens que são frequentemente encaminhadas dentro da plataforma. Simbolizado por uma lupa, o recurso vai direcionar as pessoas para pesquisas na web sobre o mesmo tema, o que também pode ajudar a reduzir a disseminação de rumores.

Em comunicado distribuído à imprensa, a empresa afirmou ainda que bane cerca de 2 milhões de contas por mês pela tentativa de envio de mensagens automatizadas, em massa. O WhatsApp diz ainda estar trabalhando próximo de governos e da Organização Mundial da Saúde para conectar as pessoas com informações sobre o novo coronavírus.

Disponível em
https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,contra-desinformacao-whatsapp-limita-encaminhamento-de-mensagens,70003262453

Estátua de ativista negra substitui a de traficante de escravos no Reino Unido

Monumento homenageia Jen Reid, manifestante fotografada sobre pedestal que antes tinha estátua de Edward Colston

FOLHA DE SÃO PAULO

15 de junho de 2020

Depois de ser derrubada durante atos antirracistas em Bristol, no Reino Unido, a escultura de Edward Colston, traficante de escravos do século 17, foi substituída nesta quarta-feira (15) pela estátua de uma mulher negra com o punho erguido no ar.

O novo monumento homenageia Jen Reid, manifestante fotografada sobre o pedestal onde ficava a estátua de Colston. No início de junho, a imagem do escravocrata foi derrubada e jogada em um rio.

De acordo com o jornal The Guardian, a obra é de autoria do artista britânico Marc Quinn, que planejou a substituição secretamente durante as últimas semanas.

Em uma operação relâmpago antes do amanhecer, uma equipe de dez pessoas chegou ao local em dois caminhões às 5h. Quinze minutos depois, a nova estátua já estava posicionada e acompanhada de um cartaz em que se lia "black lives still matter" (vidas negras ainda importam).

A frase faz referência ao slogan do movimento contra o racismo que ganhou novo fôlego após o assassinato de George Floyd, homem negro morto por um policial branco nos Estados Unidos, no final de maio.

O crime, filmado e divulgado em redes sociais, deu origem a uma onda de protestos em milhares de cidades dos EUA e também em países de Europa, Ásia e Oceania.

"Quando eu estava lá no pedestal e levantei meu braço, em uma saudação do movimento Black Power, foi totalmente espontâneo. Era como se uma carga elétrica estivesse passando por mim", disse Reid em uma declaração conjunta com Quinn, divulgada pelo artista nas redes sociais.

"Meus pensamentos foram para as pessoas escravizadas que morreram nas mãos de Colston e para lhes dar poder. Eu queria dar poder a George Floyd, queria dar poder a negros como eu, que sofreram injustiças e desigualdades."

Estima-se que a Companhia Real Africana, empresa com a qual Colston estava envolvido, transportou mais de 84 mil homens, mulheres e crianças para serem escravizados nas Américas e no Caribe.

Dados históricos o relacionam às mortes de cerca de 19 mil negros escravizados no século 17. Ainda assim, Colston dá nome a pelo menos 20 estradas em Bristol, além de escolas, prédios e hospitais.

A estátua do traficante foi retirada do rio e, de acordo com autoridades locais, está sendo restaurada para depois ser exibida em um museu ao lado de cartazes do movimento Black Lives Matter.

O objetivo é que a história de 300 anos de escravidão e a luta pela igualdade racial possam ser melhor compreendidas. A substituição pela estátua de Jen Reid, entretanto, foi feita sem autorização da prefeitura.

Segundo o artista responsável pela obra, a nova estátua não foi planejada como uma solução permanente, e sim como uma forma de atrair atenção contínua ao movimento antirracista.

"Queremos continuar destacando o problema inaceitável do racismo estrutural e institucionalizado que todos têm o dever de enfrentar", escreveu Quinn.

"Essa escultura precisava acontecer no domínio público agora: essa não é uma questão nova, mas parece que houve um ponto de inflexão global. Agora é a hora de uma ação direta."

Uma onda de questionamentos impulsionada pelos atos após o assassinato de Floyd transformou em alvo outras estátuas de figuras históricas consideradas racistas.

Nos EUA, os alvos foram imagens de militares que fizeram parte do Exército Confederado, lado da Guerra Civil americana que defendia a manutenção da escravidão.

A presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, Nancy Pelosi, exigiu que 11 estátuas de confederados sejam removidas do Capitólio, sede do Legislativo americano.

Estátuas de Cristóvão Colombo também foram atacadas. Uma foi incendiada e jogada em um lago em Richmond, na Virgínia. Outra, em Boston, foi decapitada.

Em Londres, a estátua de Robert Milligan, que chegou a ter 526 negros escravizados em suas duas fazendas de plantação de açúcar na Jamaica, foi removida pelo Museu das Docas.

Na Bélgica, ganhou força uma campanha já antiga para tirar de cena monumentos do rei Leopoldo 2º, e um busto do monarca que colonizou o Congo (atual República Democrática do Congo) foi para o depósito na Universidade de Mons.

Disponível em
https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/estatua-de-ativista-negra-substitui-a-de-traficante-de-escravos-no-reino-unido.shtml

Charge

Duke

Fonte: http://mesquita.blog.br/internet-e-liberdade-digital

Tirinha

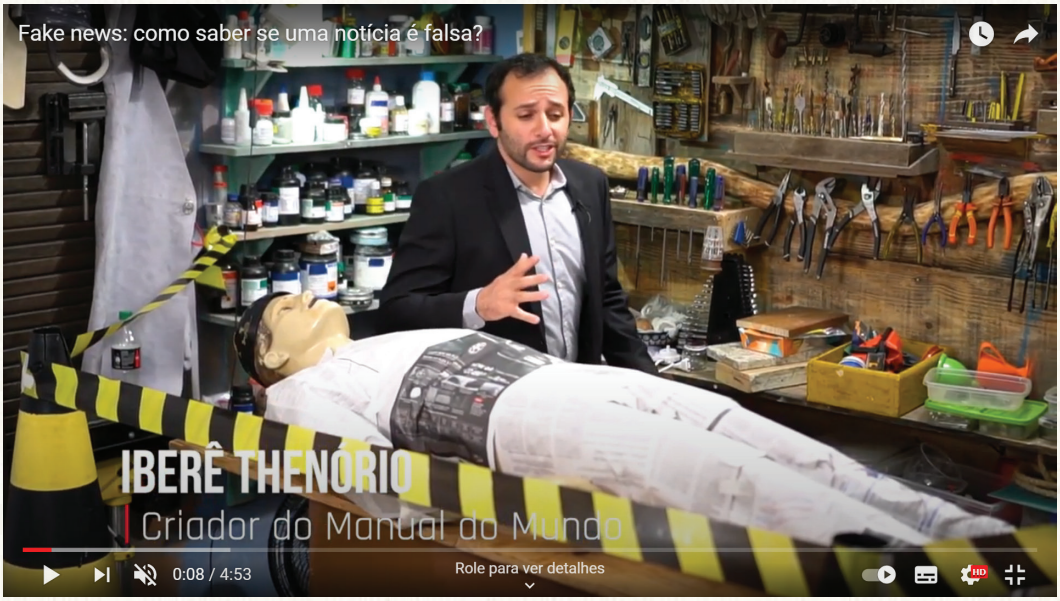
Laerte

Disponível em <*http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/*>.

Fonte: http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/hugo/tira29.gif

Fake news: Como saber se uma notícia é falsa?

Curso Vaza, Falsiane



Disponível em
https://www.youtube.com/watch?v=ALS8PhTX4k8

A viralização do senso comum

Michel Carvalho da Silva

21 de agosto de 2020

Quem já recebeu alguma mensagem via WhastApp informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º salário? Outro conteúdo falso que "viralizou" no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou, ainda, que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

Muitas mensagens circulam pela internet e nem sempre elas são verdadeiras. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Pew Research Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias, na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

Acesso à informação é um direito

No entanto, o potencial da internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a inabilidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar fatos. Daí a importância de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridade com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta, com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como sites institucionais, páginas de jornais conhecidos e blogues de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem.Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um site de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o Sensacionalista.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum "viralizado" na internet.

Disponível em
http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/

Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?

Leonardo Sakamoto

17 de novembro de 2020

Escolha apenas uma alternativa:

1) Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:
a) Parte para esculhambar e xingar o autor.
b) Começa a elogiar e endeusar o autor.
c) Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
d) Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
e) Lê o texto.

2) Você recebeu uma mensagem no WhastApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:
a) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
b) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhastApp e replica no Twitter.
c) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
d) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e mita falando dele no Snapchat.
e) Dá um Google para checar e; caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.

3) Quando percebe que não manja muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:
a) Inventa dados para ganhar o debate.
b) Cria histórias para sustentar seus argumentos.
c) Enfia palavras na boca de terceiros.
d) Distorce o que não é favorável a você.
e) Não tem vergonha de dizer "não sei", "não faço ideia" e "me explica".

4) Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:
a) Colocando a pessoa no seu devido lugar.
b) Mostrando a ela quem manda por aqui.
c) Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
d) Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
e) Sendo um babaca.

5) Alguém que discorda educadamente do seu post é:
a) Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
b) Um tucanalha nojento e insensível à dor do semelhante.
c) Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
d) Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
e) Alguém que discorda educadamente do meu post.

A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa "e": há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

Disponível em
http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais/

Em defesa do voto obrigatório

Léo Lince

29 de Maio de 2015

Existe, no senso comum, um mal-estar em relação ao voto obrigatório. Toda obrigação incomoda.Este fato, indiscutível, favorece os defensores do voto facultativo, que, ademais, apresentam sua proposta como expressão da postura libertária e como fator de desmonte de algumas distorções que, de fato, existem em nosso sistema eleitoral.

O "curral eleitoral" e a compra de votos seriam distorções eliminadas pela simples presença do voto facultativo Falso. Na República Velha, o voto era facultativo e os currais proliferavam. O voto obrigatório foi implantado na década de 30 e os currais continuam a operar até hoje. Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria. A coerção que encurrala eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico. O quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança — elementos que favorecem a cristalização do poder de quem já está por cima — também joga água no moinho dos que defendem o voto facultativo.

Apresentado como uma vitória da liberdade, o voto facultativo se recobre com as feições sedutoras da rebeldia. Desobrigado de votar, o indivíduo ficaria mais "livre" ao deixar de "perder" aquele pedaço do dia em que, de dois em dois anos, comparece na seção eleitoral. Falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular.

O voto, para os que defendem sua obrigatoriedade, além de um direito duramente conquistado, deve ser considerado um dever, sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde. A liberdade e a democracia não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores.

Logo, quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos.

Essa é uma ideia que vem de longe, dos tempos da Revolução Francesa, ancorada em formulação de Jean-Jacques Rousseau. Segundo ele, o cidadão só pode ser o soberano da política se ao mesmo tempo for "escravo" do processo que constitui a "vontade geral". Ou seja, o poder político só emanará do povo se o povo participar da política. Nada contra a desobediência civil ou demais formas de protesto político que vão além do momento eleitoral. A insatisfação contestatória, aliás, também pode se expressar no voto nulo, cuja tecla deveria constar na máquina de votar.

O voto facultativo desloca o eixo da questão. Com ele, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera "escolha", sequer como desobediência civil ou protesto.

A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores. Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal.

Ganha com a mudança quem deseja o povo como "maioria silenciosa", gigante adormecido, aglomerado de consumidores, nunca como titular soberano e organizado do poder político. Nos EUA, onde o voto é facultativo, a abstenção eleitoral é enorme e tende a se perpetuar, ao longo do tempo, nos mesmos grupos sociais e étnicos, especialmente entre os discriminados socialmente. A redução da universalidade do sufrágio se expressa como exclusão social e elemento efetivo de cristalização do poder nas mãos da "classe política".

No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora. O "estado mínimo" da macroeconomia neoliberal demanda, para o seu bom funcionamento, a teoria da representação mínima. Encolher o tamanho do eleitorado com o voto facultativo; reduzir o número de partidos com a cláusula de barreira; eliminar parte dos votos válidos com o distrital-majoritário. Querem reduzir a participação política, eliminar partidos e esterilizar o voto da oposição contestadora.

Para o cidadão ativo, que além de votar se organiza para garantir os direitos civis, políticos e sociais, o enfoque deve ser inteiramente outro. A liberdade de não ir votar é uma armadilha. O tempo dedicado ao acompanhamento continuado da política não deve se apresentar como restritivo da liberdade individual. Pelo contrário. É compromisso livre com a democracia participativa, indispensável ao exercício pleno de todas as liberdades, inclusive as individuais. Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil.

Disponível em
http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10806:submanchete290515&catid=13:leo-lince&Itemid=87

Que loucura essa mistura: a supremacia branca à brasileira

A triste morte do menino Miguel mostra como a herança escravista da sinhá contemporânea continua a caracterizar o racismo no Brasil

Luciana Brito

08 de junho de 2020

Em 2017 um grupo de supremacistas brancos nos Estados Unidos, oriundos de diversas organizações dessa natureza, marchou para a cidade de Charlottesville no estado de Virginia, para protestar contra a destruição de uma estátua de um general confederado. Naquela ocasião, a cidade tornou-se palco de um dos confrontos mais violentos da história recente dos Estados Unidos. Um supremacista foi sentenciado por homicídio após dirigir um carro em alta velocidade contra uma multidão que protestava pelo fim do racismo, antissemitismo e homofobia. Nesse ataque motorizado, uma pessoa morreu e diversas ficaram feridas. Uma das cenas mais assustadoras da atividade dos supremacistas, grupo composto por homens brancos de idades variadas, são as imagens nas quais esses eles aparecem marchando à noite carregando tochas acesas, lembrando as antigas marchas de Ku Klux Klan.

Mas antes que alguém respire aliviada acreditando que não temos esse tipo de manifestação aqui no Brasil e que vivemos uma espécie de "racismo leve", cuidado. Primeiro porque "racismo leve" não existe, e segundo porque o racismo brasileiro passa por um processo de mudança. Ao mesmo tempo em que temos elementos novos, ainda por muito tempo vamos ter que lidar com as sutilezas do racismo à brasileira. O fato é que, tanto de uma forma como de outra, o racismo brasileiro e o estadunidense têm o mesmo princípio: são sociedades nas quais alguns setores defendem que umas pessoas são mais humanas que outras, a depender da cor da pele.

No último dia 31 de maio de 2020, uma cena assustadora aconteceu em solo brasileiro. Um grupo de pessoas brancas marchou na frente do Supremo Tribunal Federal, muitas delas mascaradas, carregando tochas acesas, tal qual no protesto supremacista branco de agosto de 2017 em Charlottesville. A pauta supremacista estava no lugar racial das pessoas envolvidas, na simbologia que estavam apropriando e no discurso de recriação de uma determinada identidade nacional.

Isso é possível porque, num país em que pessoas negras são maioria da população, líderes de manifestações como essa e outros grupos incorporam cada vez mais o pior da cultura e da política estadunidense. Mas essas pessoas sabem que devem ser mais cautelosas ao anunciar abertamente suas pautas raciais num país onde são minoria, embora estejam cada dia mais ousadas.

O tipo de prática de supremacia branca que conhecemos muito bem é outra, e aí vou me permitir falar de regionalidade também ao expressar minha familiaridade com o modelo de racismo que vivenciamos aqui de forma particular, na região Nordeste.

Todo mundo sabe o quão arraigados estamos a valores ainda escravistas: o prazer da subjugação do outro, da humilhação, das relações de trabalho informais e sustentadas em relações desiguais, as práticas racistas cotidianas justificadas pela intimidade. Na grande família patriarcal contemporânea, elites se orgulham de que suas famílias sejam servidas por décadas por membros de uma mesma família negra, que é presa em relações de trabalho aviltantes, que não lhes permitem ascender socialmente.

O sadismo é tão grande que a existência do outro só é prazerosa se ela consiste em servir e, claro, com doses de humilhação e sacrifício daquele que serve, se possível, agradecendo e sorrindo. Concluo, cada vez mais, que o racismo brasileiro (e estadunidense também) vive o desafio de aliar-se ao capitalismo inventando tecnologias novas de exploração do trabalho, mas figurando cenários bem antigos e pouco sofisticados, de inspiração escravista.

Naquele mesmo domingo à noite, 31 de maio, assistindo a um programa de grande circulação nacional, vejo uma imagem de vídeo na qual a senhora Mirtes Renata Souza entra num hospital de Recife empurrando uma maca, na qual está o filho Miguel Otávio, que vive seus últimos instantes de vida após cair do nono andar de um prédio de luxo da cidade. Chama-me atenção o fato de Dona Mirtes trajar o típico uniforme branco das trabalhadoras domésticas das elites, e foi assim, aprisionada na simbologia do que mais nos aproxima da escravidão, que ela viu seu único filho partir para o Orum aos cinco anos de idade.

Miguel Otávio era uma belíssima criança naquele dia em que saiu de casa no meio de uma pandemia para acompanhar a mãe no seu local de trabalho, a casa da patroa, na orla marítima de Recife, num condomínio que leva o nome do conquistador holandês Maurício de Nassau, num edifício chamado "Torres Gêmeas", fazendo direta referência às Twin Towers estadunidenses, embora se tratasse de dois arranha-céus localizados no Nordeste brasileiro. No caminho, enfrentaram o risco de recontaminação, uma vez que o pequeno, a mãe e a avó, as três gerações, já haviam sido contaminadas após o contato com a família empregadora durante as atividades de trabalho contínuas na residência daquela família. Embora lhe foi dada a opção de continuar a trabalhar "se quisesse", sabemos bem que não tem opção quem precisa de salário e está incerta se irá recebê-lo caso respeite as recomendações de isolamento.

Três gerações de uma família negra, D. Mirtes, sua mãe e seu filho, estavam devotadas, com a força de trabalho, a saúde e a vida a satisfazer, por necessidade, as fantasias escravistas coloniais da referida família tradicional pernambucana, cujo patriarca é um agente público. O ambiente de normalidade forjado durante a pandemia custou a vida do filho de Dona Mirtes, que cuidava de três crianças, os filhos da tal patroa e a sua própria, que estava sem aulas uma vez que as escolas estão fechadas. Além, certamente, da comida, Dona Mirtes cuidava da limpeza e do cachorro, enquanto sua patroa fazia as unhas.

Sobre esse caso, que não vou detalhar uma vez que já conta com grande cobertura da imprensa, vou me ater às sutilezas que demonstram como a ideia de supremacia branca, tão arraigada no cotidiano brasileiro, não precisa de teorias científicas e nem de marchas com pessoas brancas segurando tochas. A supremacia branca brasileira, da forma como conhecemos até hoje, tem suas próprias simbologias.

Além de tudo de absurdo que envolve esse episódio — que só confirma a precariedade do trabalho da categoria que mais tem sido sacrificada pelo narcisismo brasileiro durante a pandemia, que são as trabalhadoras domésticas — quero falar da interação do pequeno Miguel com a empregadora da mãe, naquela terrível cena do elevador. Miguel, valente e teimoso, reivindicou o desejo de ver a mãe e corre para o elevador reafirmando sua vontade de ir de volta para a presença daquela que era sua referência de afeto naquele espaço, e na sua vida. Nesse momento, enquanto sua mãe passeia com o cão, o desejo de Miguel interrompe a fantasia da busca da naturalidade do cotidiano, expressa no autocuidado da patroa: ela faz as unhas. Miguel é tratado como um adulto inconveniente, e como se pudesse ter responsabilidade sobre sua escolha, ele foi deixado no elevador sozinho, sem aquilo que é direito de toda criança: proteção. Quando o último andar é acionado por aquela que, naquele curto espaço de tempo deveria estar zelando pela sua integridade, ele é relegado ao desespero de gritar pela mãe num ambiente pequeno e fechado, que se movimenta para cima e para baixo, como um castigo. O choro de Miguel e sua insistência faz com que aquilo que chamamos de "patroa" seja obrigada a sair da sua fantasia de "sinhá contemporânea". A despeito do seu corpo e comportamento infantil, Miguel é tratado naquele momento como um adulto, ou como uma coisa "não-criança", "não-humana". Miguel era negro, e sabemos que as crianças negras no Brasil não têm direito à inocência, pois tudo nele o afasta dos conceitos de infância que o imaginário racista empurrou para as crianças negras e indígenas brasileiras. Ele, Dona Mirtes e sua mãe têm a existência justificada no servir, são três gerações. Dona Mirtes, mãe de Miguel, é quem melhor exemplifica o lugar de raça, classe e gênero das trabalhadoras domésticas nesse Brasil da "mistura": "Se fosse eu, meu rosto estaria estampado". E estaria mesmo. O que aconteceu com Miguel não foi descuido. Isso tem outro nome: foi racismo mesmo.

À Dona Mirtes e sua família, meu mais sincero sentimento de solidariedade de uma mãe que também tem a vida iluminada todos os dias pelos sorrisos, travessuras e inocência de uma criança negra de cinco anos.

Disponível em
https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/Que-loucura-essa-mistura-a-supremacia-branca-%C3%A0-brasileira

Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde

Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde

Grupo foi atacado no Glicério, região central de São Paulo, no dia 1º; uma das suspeitas é de xenofobia

O ESTADO DE S. PAULO

10 de Agosto de 2015

SÃO PAULO – A Secretaria Municipal de Saúde confirmou nesta segunda-feira, 10, que os seis haitianos feridos no Glicério, centro da capital, no dia 1.º foram alvo de balas de chumbinho. Eles foram atingidos nas pernas e não correm riscos. Uma das suspeitas é de que eles tenham sido alvos de xenofobia.

Três das vítimas fizeram exames nesta segunda no Hospital Municipal do Tatuapé, na zona leste. Dois deles, de acordo com a pasta, passarão por cirurgias para extrair estilhaços das balas. Outro haitiano ainda será novamente avaliado pelos médicos.

A Secretaria Estadual de Segurança Pública informou que o 1.º Distrito Policial (Sé) está apurando o caso. Segundo a pasta, "a polícia está colhendo o depoimento dessas vítimas e de testemunhas e não irá revelar detalhes para não comprometer a investigação".

O grupo de haitianos, relatam as próprias vítimas, foram alvos de vários ataques. O padre Paolo Parisi, da Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, disse que a maioria dos atingidos pelos disparos não se conheciam. Imagens das câmeras de vigilância do comércio local também foram requisitadas pelos investigadores.

Rigor. Felipe González, relator sobre direitos dos migrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), disse que é necessária uma investigação "rápida e rigorosa" sobre o caso. "Para saber, ao final, se há ou não motivos xenofóbicos", disse ele nesta segunda-feira, 10. González está em São Paulo para debates sobre políticas migratórias.

O Congresso Nacional discute atualmente uma nova Lei de Migrações para substituir o Estatuto do Estrangeiro, aprovado em 1980, ainda na época da ditadura militar. Aprovado no Senado em julho, o projeto da Lei de Migrações deve começar a ser votado na Câmara no segundo semestre.

Segundo ativistas da área, alguns dos avanços da proposta é a redução de burocracias para migrantes, além de garantias ao acesso à justiça e reunião familiar. Com a mudança, a política migratória deixa de ser da segurança nacional e passa a integrar a área de direitos humanos. Para Felipe González, porém, seria importante também criar uma autoridade civil que pudesse tratar do controle migratório, além da Polícia Federal.

Disponível em
http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haitianos-foram-feridos-com-bala-de-chumbinho--diz-secretaria-de-saude,1741549

Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo

Mônica Francisco - Jornal do Brasil

16 de Agosto de 2015

Minha mãe dizia que o mundo só é ruim para quem não sabe esperar. Neste mundo acelerado, de respostas instantâneas para tudo, de tudo ao alcance em um só clique, de emoções e sentimentos voláteis e breves, alguns de nós batalhamos para não perdermos a humanidade e a capacidade de esperar, como diz a canção, "dias melhores pra sempre".

Os tais dias de paz que a outra parte da mesma canção nos provoca a pensar e refletir, se de fato eles virão. Aquela humanidade que nos distingue das outras espécies, parece por vezes chegar no seu volume morto (pra não perder de vista a crise hídrica) e fazer com que esta esperança quase se desvaneça.

Abrir as páginas dos jornais, sejam on line ou impressos, ver postagens que dão conta de duas dezenas de pessoas assassinadas, ler postagens ininterruptas de tiroteios que assombram o Complexo do Alemão, nos dão a certeza de que algo precisa urgentemente mudar neste país.

Relatórios oficias de governos estrangeiros, como o dos EUA, da Anistia Internacional, do Mapa da Violência 2015, enfim, um sem número de dados oficiais, que fazem de nós uma nação que ainda continua perpetuando a tortura e o assassinato de parte da população, e de maneira sistemática, percebe-se embutido aí um desejo franco de limpeza étnica travestida de guerra à drogas e combate ao crime.

Não estamos em guerra, não temos fundamentalista armados até os dentes querendo tomar o controle estatal (até agora). Não é possível a produção em ritmo fordista de tantas mortes seletivas e monocromáticas.

Discursos higienistas, xenofóbicos, ditos por empreiteiros sem o menor sintoma de constrangimento. Promover cerceamento de "tipos" ou "categorias" de pessoas na circulação da cidade, ou na presença em determinados espaços, isto sim é a prática nossa de cada dia.

Não podemos nos permitir a conviver de maneira natural e sistemática com esta barbárie. Nossa leniência com este assunto vai nos custar caro demais, ou melhor, já está nos dando um quadro aterrador do que é viver com este nível de violência no Brasil. Violência seletiva, que mata negros e não-brancos, pobres e de áreas desfavorecidas.

O pior é que tudo isso, aliado ao discurso hipnótico e paralisador do "somos todos brasileiros", "no Brasil ninguém é branco" ou o indefectível " não somos racistas" acrescentando à esse o "não somos xenófobos", somos um país miscigenado, multicolorido, misturado, aqui temos povos de todo mundo, recebemos todos de braços abertos.

Pois bem, tudo isso se desvanece ao termos haitianos espancados, atingidos por disparos (ainda que de armas com munição como o "chumbinho"), índios queimados, chamados de fedorentos e meninos e homens negros espancados até a morte.

Isso tudo precisa de alguma maneira ser estancado, não encontro melhor definição. Alguns vão às ruas neste domingo, buscando a manutenção de privilégios seculares. Isso mostra claramente não só uma rejeição a um governo, mostra claramente quem não faz parte do Brasil oficial, que deveria ser de direitos para todos e não de privilégios para alguns.

P.S.: Não esqueci das Margaridas, voltaremos a elas em breve.

"A nossa luta é todo dia. Favela é cidade. Não aos Autos de Resistência, à GENTRIFICAÇÃO, à REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, ao RACISMO, ao RACISMO INSTITUCIONAL, ao VOTO OBRIGATÓRIO, ao MACHISMO, À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER e à REMOÇÃO!"

Disponível em
http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2015/08/16/do-chumbinho-nos-haitianos-aos-protestos-de-domingo/

Problemas de Antônio Dias

Antônio Dias representa a classe das típicas cidades do interior de Minas Gerais, com seus poucos e pacatos 9.363 mil habitantes. Quando se pensa no baixo número de moradores a previsão de que problemas relacionados à condição de existência da população sejam fáceis de serem resolvidos, mas não é o que se pode constatar, visto que essas são barreiras antigas da cidade.

No entanto os cidadãos Antônio-dienses podem contar com uma vasta extensão territorial de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sendo sua área total calculada em 787,061 km^2, porém essa "desmedida" cidade está dividida geograficamente em um pequeno, centro urbano, o qual não se queixa da qualidade da água, e as extensas comunidades pertencentes, ás chamadas "zona rural", que são deixadas a mercê desde "atributo".

Comunidades distantes como Porteira Grande onde se situa minha escola e Mãe D'água, onde moro, não possuem assistência especializada para tratamento e distribuição de água, seria assim por ser um local mais afastado do centro urbanizado da cidade? Ou simplesmente por estar distante dos governantes e merecer menos atenção que os moradores das áreas que os cercam?

De acordo com o senso comum a água que é disponibilizada para o nosso consumo deveria ser bem diferente da qual fazemos uso, cuja aparência não atende aos critérios básicos para sobrevivência. Turva, infecta e imprópria são os adjetivos que a população encontrou para se queixar com os administradores da cidade sobre este líquido, tendo em vista que o direito à vida é uma garantia permanente prevista na Constituição Federal de 1988, atado a isso está o direito à água, pois sem ela não há como garantir a vida, a saúde e a dignidade das pessoas.

Em contrapartida a solução mais próxima dessa queixa pertinente foi a inserção da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), que cobra no mínimo, R$13,75 por até seis mil litros de água, que obviamente está acima do orçamento de grande parte da população rural, fazendo com que as opiniões a respeito desse impasse fossem divididas. Uma parcela dos moradores concorda com a terceirização desta iniciativa, alegando que o tratamento especializado da água diminuiria os problemas de saúde em virtude da ausência deste serviço, porém a outra repudia tal medida, aspirando valores exorbitantes que pagariam em prol do uso da água em plantios para manutenção familiar.

O saneamento básico é imprescindível para que a população tenha qualidade de vida e dignidade, o lugar que o possui não tem cartão postal melhor para exibir e como o próprio nome diz é "básico", ou seja, necessário e fundamental a existência humana. Espero que a gestão atual e as futuras não fechem os olhos para o indispensável, pois tenho a certeza que a minha e as próximas gerações da zona rural não optarão por numerosas prateleiras de medicamentos e sim abundantes plantações nos imensos quintais de nossas casas.

Disponível em
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/desta-agua-nao-beberemos/index.html

Desta água não beberemos

Antônio Dias representa a classe das típicas cidades do interior de Minas Gerais, com seus poucos e pacatos 9.363 mil habitantes. Quando se pensa no baixo número de moradores a previsão de que problemas relacionados à condição de existência da população sejam fáceis de serem resolvidos, mas não é o que se pode constatar, visto que essas são barreiras antigas da cidade – entre elas, a desigualdade no fornecimento de água de qualidade, que afeta parcela importante da população, principalmente, a que vive na zona rural.

Os pouco numerosos cidadãos de Antônio Dias podem contar com uma vasta extensão territorial. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sendo sua área total calculada em 787,061 km^2. Porém, tal vastidão está dividida geograficamente em um pequeno centro urbano, o qual não se queixa da qualidade da água, e as extensas comunidades pertencentes à zona rural, as quais têm muito o que reclamar.

Entre elas estão comunidades distantes como Porteira Grande e Mãe D'água, onde não há assistência especializada para tratamento e distribuição de água. Como consequência, é alto o índice de crianças e adultos que ficam doentes em razão do serviço precário que é oferecido a eles. Seria assim por se tratarem de locais mais afastados do centro urbanizado do município? Ou simplesmente por estarem distantes dos governantes e merecem menos atenção que os moradores das áreas que os cercam? Certo é que a atenção do poder público parece se voltar para as comunidades do interior apenas durante as eleições, quando promessas são realizadas, sem que haja qualquer ação realmente efetiva após a vitória.

A água que é disponibilizada para o consumo deveria ser bem diferente daquela que chega aos domicílios dos moradores. Turva, infecta e imprópria são os adjetivos que a população encontrou para se queixar com os administradores da cidade sobre este líquido. Eles, no entanto, ignoram que o direito à vida é uma garantia permanente prevista na Constituição Federal de 1988 e atado a isso está o direito à água, pois sem ela não há como garantir a vida, a saúde e a dignidade das pessoas. Assim, os representantes do poder público violam a Constituição e o juramento que fizeram ao tomar posse de um cargo público, de servir aos interesses da população e de promover o bem comum por meio da administração da coisa pública.

Até agora, a solução encontrada pela prefeitura em resposta à queixa do povo da zona rural é a inserção dos serviços da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), a qual cobra, no mínimo, R$13,75 pelo fornecimento de até seis mil litros de água. O valor obviamente está acima do orçamento de grande parte da população rural, fazendo com que as opiniões a respeito da medida sejam divididas. Uma parcela dos moradores concorda com a terceirização do serviço, alegando que o tratamento especializado da água diminuirá os problemas de saúde causados em virtude da água sem tratamento. Contudo, a outra parcela repudia tal ideia, pois esses valores exorbitantes prejudicariam a manutenção da agricultura de subsistência e familiar que predomina na região. Nesse sentido, se o papel dos governantes é agir em prol do bem comum, fica claro que a contratação da Copasa pode gerar outros problemas, em especial para aqueles que vivem do que plantam.

Como demonstrado, o saneamento básico é imprescindível para que a população tenha qualidade de vida e dignidade. Como o próprio nome diz, é "básico", ou seja, necessário e fundamental a existência humana. Assim, a gestão atual e as futuras não devem fechar os olhos para o indispensável, para que as próximas gerações da zona rural possam ter como paisagem abundantes plantações em seus imensos quintais e não uma prateleira cheia de remédios para os males causados pela água sem tratamento.

Disponível em
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/desta-agua-nao-beberemos/index.html

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto

08 de setembro de 2015

“Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

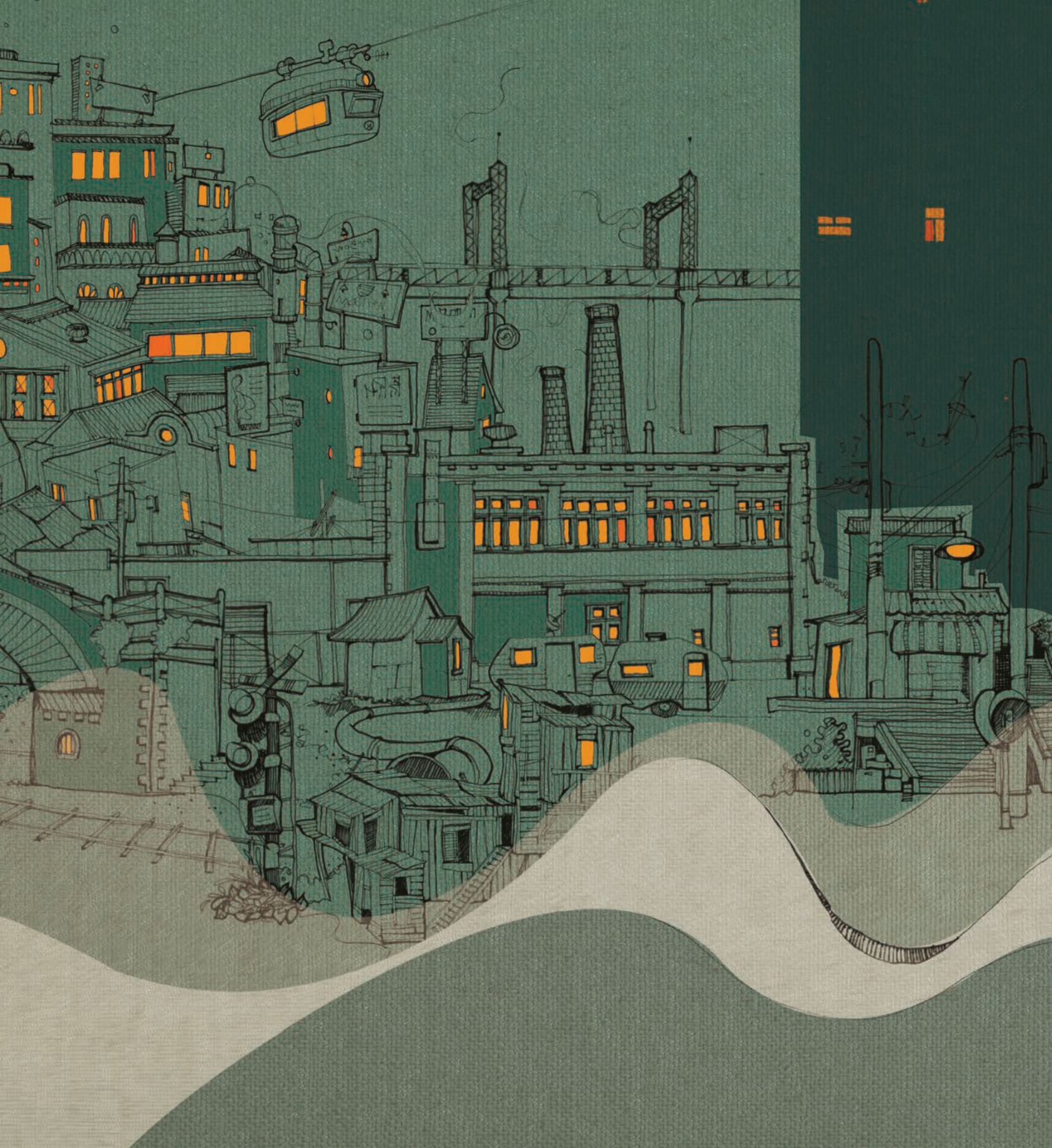
É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!”

Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo uma caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em
https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-pra-casa/